



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

BRUMADINHO-MG E INHOTIM: ENTRE A MEMÓRIA, O MUSEU E O TURISMO

THAIS MENDES ALVES

Foz do Iguaçu
2018



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS LATINO-
AMERICANOS (PPG IELA)**

BRUMADINHO-MG E INHOTIM: ENTRE A MEMÓRIA, O MUSEU E O TURISMO

THAIS MENDES ALVES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

Orientador: Prof. Dr. Hernán Venegas Marcelo

Foz do Iguaçu

2018

THAIS MENDES ALVES

BRUMADINHO-MG E INHOTIM: ENTRE A MEMÓRIA, O MUSEU E O TURISMO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos Latino-Americanos.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Hernán Venegas Marcelo
UNILA

Profª. Drª Giane Da Silva Mariano Lessa
UNILA

Profª. Drª Valeria Lima Guimarães
UFF

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Catálogo elaborado pela Divisão de Apoio ao Usuário da Biblioteca Latino-Americana
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA

A474b

Alves, Thais Mendes.

Brumadinho - MG e Inhotim: entre a memória, o museu e o turismo / Thais Mendes Alves. - Foz do Iguaçu, 2019.

142 f.: il.

Dissertação - (Mestrado) Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos.
Orientador: Hernán Venegas Marcelo.

1. Instituto Inhotim - Brumadinho (MG). 2. Memória. 3. Turismo - memória. 4. Planejamento territorial. I. Marcelo, Hernán Venegas orient. II. Título.

CDU 332.14:379.822(815.1)

À minha mãe, Tânia, que é meu norte, sul, leste e oeste.

À minha avó, Rita, cujos ensinamentos de solidariedade, respeito e amor ao próximo fazem de mim o que sou e me estimula a ser cada vez melhor.

Aos tios Hélio e Veríssimo, grandes apoiadores nessa trajetória chamada mestrado.

AGRADECIMENTOS

Como trilhar esse caminho sem antes reconhecer e agradecer a diversidade de sujeitos que contribuíram na produção desse saber?

Primeiramente à ela, minha mãe, que me ensinou o poder dos adjetivos “quero” / “posso” / “consigo”, me fazendo repeti-los constantemente, até eu passar acreditar em meu potencial. *Gracias, mi vida.*

Também à minha família, pelo apoio e motivação constante nos dois últimos anos. Sem vocês nada disso seria possível.

À população de Brumadinho que me acolheu e abraçou meu projeto, incentivando a pesquisa científica sobre o município, deixo meu muito obrigado. Essa cidade linda onde pude viver por alguns meses me proporcionou ensinamentos gigantescos sobre simplicidade, luta e resistência.

À querida amiga, Bruna Dias, sou grata pelo apoio em todas as minhas idas a Brumadinho, pela recepção e carinho com a qual sempre fui acolhida.

Agradeço também aos antigos habitantes da comunidade Inhotim, cujos relatos orais foram imprescindíveis para o desenvolvimento deste estudo.

Igualmente sou grata aos profissionais da Secretaria de Turismo e Cultura, da Prefeitura Municipal de Brumadinho, que me receberam e se prontificaram a contribuir no desenvolvimento desta pesquisa com seus apontamentos e diálogos frequentes.

Agradeço ao Instituto Inhotim pela oportunidade de estágio no ano de 2012, que motivou em mim os questionamentos que me guiaram à pesquisa sobre esse espaço. Em especial ao diretor do Jardim Botânico, Lucas Sigefredo que disponibilizou parte do seu tempo para me receber e dialogar com meus questionamentos.

Ao querido orientador, Hernán Venegas, agradeço por aceitar o desafio de me guiar nessa pesquisa, me motivando e contribuindo significativamente nos rumos desse trabalho. Também as professoras Giane e Valéria, que no exercício da qualificação me direcionaram com seus questionamentos e referências, ampliando minha análise sobre Inhotim e Brumadinho.

Registro também meu agradecimento à Universidade Federal da Integração Latino-Americana pelo projeto belo de integrar os povos da América Latina,

valorizando os saberes do Sul, propondo um giro decolonial na nossa aprendizagem.

À Keila, Isa e Lucas, sou grata pela amizade que se manteve firme, apesar da distância física entre nós.

Às colegas turismólogas, Tatiana e Keila novamente, a qual fui agraciada com suas críticas ao longo dessa trajetória, deixo minha profunda gratidão.

À Orhan, pelo resgate.

Aos amigos, que a tríplice fronteira me proporcionou, Estela, Felipe, Vanda, Poli, Mirian, Melba, Mariana, Enrique, Angelita, Paulinha, Stepha, Greicy, Ever, Rony, Graziela, seu Cícero... *gracias* por toda diversidade de ideias e culturas compartilhadas. Vocês fizeram minha estadia mais suave e meu riso mais solto.

À Celina que me mostrou novas possibilidades, me incentivando a seguir e trilhar outros caminhos. Eu te amo minha irmã. Eu sou porque nós somos!

Newton, jamais me esqueceria de você. Deixo aqui meu profundo agradecimento por ser o secretário mais excepcional que já conheci, que nos acolheu e segue acolhendo os futuros mestres tão bem nas terras do sul.

Por último agradeço a todos aqueles que duvidaram de meu potencial e que de alguma forma me incentivaram a desistir dessa vitória. Vocês aumentaram minha sede por conhecimento e minha busca por profissionalização. Essa conquista se deve, em muito, a vocês.

“Jamais poderão aprisionar nossos sonhos”

Luiz Inácio Lula da Silva

“Há uma gota de sangue em cada museu”

Mário Chagas

Ambiguidade

O Inhotim tem dois museus

Um na terra e outro no céu

O da terra,

É de propriedade do seu Bernardo.

O do Céu

É de

Propriedade da Saudade

Valdir de Castro Oliveira

RESUMO

Este trabalho estuda de forma crítica e diacrônica as relações estabelecidas entre o território de Brumadinho – MG e o maior museu a céu aberto da América Latina, aí localizado: Inhotim. O Instituto Inhotim foi fundado oficialmente no ano de 2002, e desde então diversas transformações foram acarretadas em Brumadinho. Essas transformações podem ser resumidas assim: reterritorialização da comunidade local para a efetivação e expansão do projeto museal; alteração da paisagem cultural; surgimento de fluxos turísticos; congestionamento de vias municipais, principalmente em finais de semana e feriados; aparição de estabelecimentos hoteleiros e alimentícios nas proximidades da instituição; aumento dos valores dos terrenos ao entorno do museu; empregabilidade gerada para cidadãos locais e de regiões próximas; projetos culturais em parceria com as comunidades existentes no município. Para subsidiar a discussão discorri tais transformações e problemas dialogando com a literatura especializada proveniente dos estudos sobre o campo da Memória, do Turismo e da Museologia. Logo, foi possível delimitar uma abordagem interdisciplinar que permitisse uma leitura problematizante do cenário resultante em Brumadinho no transcurso da criação, inauguração e funcionamento do museu Inhotim. Em suma, a pesquisa averigua que o processo de implantação de uma instituição como Inhotim em uma cidade pequena como Brumadinho foi permeado por uma violência simbólica concebida pela forma como a grandiosidade do projeto solapa a existência de famílias e suas relações subjetivas com o local. A reterritorialização da antiga comunidade Inhotim e a destruição de seus bens patrimoniais é uma das violências que a pesquisa mais destaca tendo em vista o apagamento que essa história passou. Ademais a transformação na paisagem e na função do lugar deu luz às relações de poder intermediadas pelo museu através de uma interessante discussão estética sobre a museologia e mais precisamente sobre o museu social. Assim, a pesquisa demonstra também a complexidade e a complexa rede intrincada das consequências suscitadas pela implementação de um museu como Inhotim.

Palavras- chave: Inhotim. Brumadinho. Memória. Museu. Turismo.

ABSTRACT

The present study analyzes critically and diachronically the established relationships between the Brumadinho territory and the Inhotim art gallery, the largest open air museum in Latin America, located in the state of Minas Gerais. The Inhotim initiative started as a foundation in 2002 and, since then, the Brumadinho municipality has been transformed in various ways. This transformation can be summarized as follows: relocation of the local community to found and expand the museum project; cultural landscape changes; emergence of touristic flows; traffic jams in the main streets, especially on the weekends and holidays; inauguration of hotels and food stores in the institute surroundings; a rise on the nearby land price; job generation for the town and the region dwellers; cultural projects in association with specific communities within the municipality. In order to support the discussion, I analyzed such transformations and problems by establishing a dialogue with the specialized literature from studies on the memory, tourism and museology fields. Afterwards, it was possible to outline an interdisciplinary approach that allowed a critical reading of the resulting Brumadinho outlook during the creation, inauguration and operation of the Inhotim Museum. In all, the research finds that the implementation process of an institution such as Inhotim in a small city like Brumadinho was permeated by a symbolic violence, whose origin is the way the grandeur of the project undermines the existence of many families and their subjective relations with the place. The relocation of the old Inhotim community and the destruction of its patrimonial goods is one of the types of violence that this research highlights the most, as a response to the obliteration of their own recent history. In addition, the transformation of the landscape and the site functions added light over the power relations that the museum intermediates by means of an interesting aesthetic discussion on museology and, more precisely, on the role of the social museum. Thereby, the research also demonstrates the complexity of the intricate network of consequences arising from the implementation of a museum such as Inhotim.

Keywords: Inhotim. Brumadinho. Memory. Museum. Tourism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto panorâmica de Brumadinho e Inhotim.....	23
Figura 2 - Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais – Brasil.....	27
Figura 3 - Mapa do município de Brumadinho.....	28
Figura 4 - Fazenda dos Martins.....	31
Figura 5 - Vista Panorâmica do Forte de Brumadinho.....	32
Figura 6 - Vista interna do Forte de Brumadinho.....	33
Figura 7 - Estação Ferroviária de Brumadinho em 1990.....	37
Figura 8 - Mapa da Distribuição Territorial de Brumadinho por Áreas.....	39
Figura 9 - Festa cultural na comunidade Inhotim.....	43
Figura 10 Escola Municipal Santinha Maciel, Comunidade Inhotim.....	54
Figura 11 - Recepção do Instituto Inhotim	54
Figura 12 – Adro da Santa Cruz.....	55
Figura 13 – Inmensa.....	61
Figura 14 - Invenção da cor, Penetrável Magic Square # 5, De Luxe.....	61
Figura 15 - Galeria Cosmococa.....	61
Figura 16 - Foto panorâmica do Instituto Inhotim.....	64
Figura 17 - Fotografia interna da <i>Sonic Pavilion</i>	68
Figura 18 - Fotografia externa da <i>Sonic Pavilion</i>	68
Figura 19 - Guggenheim – Bilbao.....	70
Figura 20 - Guggenheim - Nova York.....	70
Figura 21 - Galeria Miguel Rio Branco.....	71
Figura 22 - Galeria Adriana Varejão.....	73
Figura 23 - Galeria Claudia Andujar.....	74
Figura 24 - Restaurante Oitica.....	76
Figura 25 - Produto comercializado da marca Inhotim.....	77
Figura 26 - Igrejinha Inhotim.....	78
Figura 27 - Jardim botânico Inhotim.....	80
Figura 28 - Jardim botânico Inhotim.....	81

Figura 29 - Viewing Machine, 2001...	88
Figura 30 - Paisagem minerada.....	89
Figura 31 - Interior da Galeria Casinha.....	90
Figura 32 -Área externa da Galeria Casinha.....	91
Figura 33 - Rodoviária de Brumadinho, 2005.....	92
Figura 34 - Mapa turístico do Inhotim.....	106
Figura 35 - Museu Felícia Leirner.....	107
Figura 36 - Via de acesso ao Inhotim.....	112
Figura 37 - Festival Meca Inhotim.....	113
Figura 38 - Gráfico de número de empregos gerados pelo setor turístico e mineração.....	116
Figura 39 - Igreja nossa senhora da piedade.....	118
Figura 40 - Apresentação do grupo Congo e Moçambique da Comunidade quilombola de Sapé.....	119
Figura 41 - Mapa Turístico de Brumadinho.....	121
Figura 42 - Estação Ferroviária de Marinhos.....	122

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPDOC	Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FAPEMIG	Fundação de amparo à pesquisa de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICOM	International Council of Museums
IELA	Interdisciplinas em Estudos Latino-Americanos
IEPHA	Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico
JBI	Jardim Botânico Inhotim
MINON	Movimento Internacional para uma Nova Museologia
PPG	Programa de Pós Graduação
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
OMT	Organização Mundial do Turismo
TBC	Turismo de Base Comunitária
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – BRUMADINHO E INHOTIM: ENTRE O PASSADO E A MEMÓRIA	22
1.1 BRUMADINHO E O PASSADO COLONIAL.....	25
1.2 BRUMADINHO CONTEMPORÂNEO.....	36
1.3 A COMUNIDADE INHOTIM (<i>IN MEMORIAM</i>)	43
1.3.1 Memória e história oral: requisitando o passado.....	43
1.3.2 Inhotim em memórias	46
CAPÍTULO 2 – BRUMADINHO E INHOTIM E A CONSEQUENTE MUSEIFICAÇÃO DO ESPAÇO	60
2.1 INHOTIM: MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA E JARDIM BOTÂNICO.....	62
2.2 “NOVOS MUSEUS”: NOVO INHOTIM.....	65
2.3 INHOTIM, RENOVAÇÃO URBANA E GENTRIFICAÇÃO.....	82
2.4 INHOTIM: NARRATIVA MUSEOLÓGICA E O ACERVO ARTÍSTICO.....	84
2.5 POR UMA PRÁTICA MUSEOLÓGICA SOCIAL EM INHOTIM.....	93
CAPÍTULO 3 – BRUMADINHO E INHOTIM ENTRE O TURISMO	98
3.1 REFLETINDO O TURISMO CONTEMPORÂNEO EM INHOTIM: ENTRE PARQUES TEMÁTICOS E A REABILITAÇÃO DE ÁREAS MINERADORAS.....	99
3.1.1 Inhotim – Parques temático das artes contemporâneas.....	100
3.1.2 Da mineração aos souvenirs: Inhotim como estratégia de “segunda safra”.....	108
3.2 A CONSEQUENTE TURISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO.....	110
3.3 BRUMADINHO ALÉM DE INHOTIM.....	117
CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ANEXOS	135

INTRODUÇÃO

Estudar e compreender a atividade turística foram práticas recorrentes em meu cotidiano desde o ano de 2010, quando ingressei na graduação em Turismo na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Foi devido às relações desenvolvidas no universo acadêmico que no ano de 2012 conheci a cidade de Brumadinho e o Instituto Inhotim, quando, por indicação do meu colegiado, me dirigi a essa Instituição para realizar uma entrevista de emprego. O Instituto Inhotim, que é considerado o maior museu de arte contemporânea a céu aberto da América Latina e também jardim botânico, mantinha, nesse ano, a maior parte dos funcionários do setor educativo, através do vínculo de estágio. Aceitavam-se estudantes de todas as áreas do conhecimento por acreditar nas diferentes contribuições que cada um poderia gerar nas mediações artísticas e ambientais daquele espaço. Decorreu-se assim, percorrendo os lagos e obras de artes expostas a céu aberto, em busca do setor administrativo, que tive meu primeiro contato com a Instituição ao qual me integrei profissionalmente ao longo de 2012.

Recordo a surpresa pela qual fui tomada ao emergir naquele ambiente cujo paisagismo, sitiado por um jardim botânico, mantinha uma grande variedade de espécie botânica, em sua maioria diferente do bioma da região (Mata Atlântica). Atrelado a isso o acervo artístico exposto a céu aberto e a própria arquitetura espetacular das galerias de arte chamou minha atenção. O cenário de Inhotim havia me impactado de forma díspar. Talvez por balançar minha concepção fechada sobre o que esperar de um museu, ou ainda por divergir das edificações presentes, tanto em relação ao município interiorano onde se localiza quanto em relação à metrópole belorizontina. Nesse primeiro contato com Inhotim, minha percepção, ainda que tímida, ia ao encontro da forma como muitos visitantes o descreviam, quase sempre através dos adjetivos: “*único*” e “*diferente*”.

Com o passar dos meses a experiência profissional em Inhotim me deixou algumas indagações sobre aquele espaço. Primeiramente, enquanto estudante de turismo o tamanho da instituição e o fluxo de turistas que por ela se movimentavam, tendo um ciclo de vida de apenas seis anos (em 2012), era no mínimo curioso. A expressividade que a instituição ganhara no cenário do turismo estadual, fazia de Inhotim um caso de sucesso nos estudos sobre turismo. Também considerei incomum a experiência proporcionada pela instituição que se configurava enquanto parque, ou se pensarmos nas

considerações da economista Diomira Faria, o Inhotim pode ser lido como um “*museu parque das artes contemporâneas*”. Isto se justifica em virtude da paisagem percorrida em meio a trilhas, lagos, jardins, galerias e obras expostas a céu aberto; aspectos, que acredito, foram fundamentais para o destaque adquirido pelo museu.

Essas indagações foram multiplicadas, quando no final de 2012 tive contato na graduação, com a disciplina de turismo de base comunitária (TBC). O TBC é um segmento do turismo que propõe um modelo de desenvolvimento que privilegia a comunidade local, centrado na solidariedade e na colaboração entre turista e anfitrião. Nesse contexto a aula prática dessa disciplina se voltou para a realidade da comunidade quilombola de Marinhos, em Brumadinho. Essa experiência foi muito relevante para a realização desse estudo, pois meu olhar se voltou à reflexão em torno da realidade local, para pensar qual vínculo se estabelecia entre o Instituto Inhotim e o território de Brumadinho. Perceber que a população quilombola mantinha com o Inhotim uma relação de agradecimento devido ao apoio e fomento às atividades de turismo e artesanato que a instituição mediava em seus territórios, me fez pensar sobre a necessidade de projetos que ultrapassassem os muros do museu, abarcando as comunidades locais. O trabalho iniciado na disciplina de TBC culminou em meu estudo de monografia finalizado em 2015 onde analisava os conflitos enfrentados na comunidade de Marinhos intermediados pelas atividades de turismo e mineração.

Assim como o TBC, o contato com as teorias em torno da Museologia Social me trouxe os fundamentos teóricos para pensar o papel de um museu e a relação estabelecida com o território onde se localiza. Ambas as disciplinas são caracterizadas por inserir a população local no centro das discussões, construindo o planejamento do turismo/museu com a comunidade e não apenas para a comunidade. Alicerçada nas bases teóricas da museologia social comecei a questionar sobre as relações do Instituto Inhotim com as comunidades Brumadinhenses. Uma vez que mesmo reconhecendo a existência de parcerias devido a alguns projetos desenvolvidos em âmbito local, a vivência em Brumadinho me propiciou a visualização de um cenário em que os benefícios gerados a estes eram baixos. Fundamentando minha percepção, nesse ano também tive contato com a tese de doutorado da professora do curso de turismo da UFMG, Diomira Faria, que analisava o impacto econômico regional gerado pelo Inhotim. As conclusões da autora vieram a confirmar as observações aludidas, pois de fato, como diagnosticado, os

benefícios econômicos gerados pelo Instituto se estendem majoritariamente à capital Belo Horizonte, e não à Brumadinho.

Esse foi mais um dado fomentador no meu trajeto de pesquisa, uma vez que enxergava os desafios da museologia em contribuir com um projeto que gerasse desenvolvimento local. Nesse sentido alguns questionamentos se fizeram cada vez mais presentes, gerando algumas inquietudes no que tange a instituição Inhotim e a realidade do território de Brumadinho. Existia aí uma complexidade de fatores que necessitava ser examinada mais a fundo para entender os impactos gerados da criação de Inhotim em Brumadinho. Aqui meu olhar estava moldado a uma reflexão mais crítica sobre aquele espaço. Já não era um olhar acomodado pela experiência turística/visitante, mas sim pela experiência profissional e pelas relações desenvolvidas nesse percurso. A partir dessas relações (acadêmicas/pessoais/profissionais) florescidas ao longo de seis anos, e das inquietações que os campos do turismo e da museologia me traziam, decidi dar continuidade aos meus estudos ingressando no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos (PPG-IELA) na Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), em 2016, resultando hoje, na conclusão desta dissertação de mestrado.

A fim de aprofundar meus questionamentos realizei essa pesquisa em um universo mais abrangente e interdisciplinar, subsidiada por vários campos do conhecimento, tais como a história, a geografia, o turismo, a museologia, a arquitetura, dentre outros. Nesse estudo meu objetivo é caracterizar e problematizar as transformações que Brumadinho passou/passa devido à criação do Instituto Inhotim em seu território. Minha visão se volta para a sede municipal e para o distrito de Conceição do Itaguá, majoritariamente os mais atingidos, dada proximidade de ambos com a instituição. Contudo me atendo à realidade local perpassada pelos distritos e comunidades que também conformam o município de Brumadinho.

A problematização das referidas transformações foi realizada a partir de alguns procedimentos metodológicos. Primeiramente foi necessário dividir alguns eixos estruturantes para direcionar o rumo da discussão. Esses eixos foram contemplados pelos conceitos **Memória**, **Museu** e **Turismo**. Foi sistematizada ao longo de três capítulos, em ordem diacrônica, respeitando o período anterior a criação do Instituto Inhotim até os anos atuais. Memória, Museu e Turismo sinalizam, dessa forma, a face

interdisciplinar que a pesquisa adere, ao dialogar com vários campos do saber. Contudo, também demarca seu caráter organizacional que implica em uma cronologia perpassada em Inhotim, onde o eixo *memória* demarca as discussões em torno de um passado anterior a musealização do espaço; o eixo *museu* orienta as discussões sobre a instituição dentro do campo da museologia e o *turismo*, demarcado enquanto atividade consequente, se firma como objeto de análise sobre os impactos gerados.

Para subsidiar a discussão realizei diversas visitas a campo entre os anos de 2016 a 2018 onde obtive registros de fontes secundárias em órgãos institucionais como a Prefeitura Municipal e a biblioteca local. Ainda como método trabalhei com o a história oral de vida dos antigos moradores da comunidade Inhotim, que habitavam a região, anteriormente a criação do museu. A história oral enquanto método será mais bem apresentado ainda no capítulo inicial a partir das considerações de Silva e Silva (2010), Oliveira (2010) e Meihy (2005). Também procedi entrevistas semiestruturadas com gestores públicos da Secretaria de Turismo e Cultura de Brumadinho e com o diretor do Jardim Botânico Inhotim. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e ainda como instrumento metodológico foi empregado a transcrição e análise de tais relatos. Ademais, realizei conversas informais com amigos, colegas de trabalho, e pessoas que de alguma forma cruzaram meu caminho ao longo da pesquisa de campo. Desse modo foi possível delinear uma perspectiva que extrapola os dados coletados formalmente ao me integrar no dia-a-dia local vivenciando uma dada coletividade. A discussão teórica se faz presente em todos os capítulos sendo considerada uma parte imprescindível para o desenvolvimento deste estudo. Diante disso, essa dissertação se configura enquanto qualitativa-descritiva, onde abaixo exponho a estrutura dos capítulos.

No primeiro capítulo apresento a historicidade desse território, perpassando desde o surgimento dos distritos (Piedade do Paraopeba, São José do Paraopeba, Aranha e Conceição do Itaguá) até a configuração da sede (Brumadinho). Embora não seja objetivo desse estudo aprofundar-se sobre as realidades de todos os povoados e distritos, foi fundamental reconhecer as marcas do passado rural, definidas, sobretudo nos modos de vida e paisagem dessas pequenas localidades mais antigas, como uma etapa relevante para a constituição do meio urbano, representado pela sede.

Assim, Brumadinho é uma cidade relativamente nova que teve sua emancipação em 1939 devido à expansão da malha ferroviária mineira, com a construção do ramal do Paraopeba na estrada de ferro Central do Brasil. Ao contrário da sede, os

distritos se originaram entre o século XVII e XVIII, em função da exploração do sertão mineiro pelas Bandeiras, como aponta a historiografia local, pautada na obra de Jardim e Jardim (1998), Faria (2012), Vasconcelos (1994) Andrade e Borges (2012) e Dossiê de Tombamento da Casa de Cultura Carmita Passos (2012). Ter traçado esse arcabouço histórico foi determinante para o entendimento das atividades que hoje estão inseridas no município, sobretudo a mineração.

Também no capítulo inicial exponho em destaque o passado da região e comunidade denominada Inhotim, através de relatos de memórias dos antigos habitantes desse espaço. A comunidade Inhotim era composta por cerca de quarenta casas, onde viviam aproximadamente oitenta famílias que tiveram seus terrenos comprados por Bernardo Paz, idealizador do Instituto, quando este efetivou seu objetivo de expansão da instituição. Esse fato causou a reterritorialização dessas famílias e consolidou a instituição como atrativo turístico e bem cultural da cidade. Portanto, foi possível constatar que houve um rompimento das memórias afetivas desenvolvidas no lugar advindo das alterações de função no espaço. Essas são consideradas as primeiras transformações geradas com a vinda da instituição. Nesse sentido sinalizo a relevância dessa pesquisa para a historiografia de Brumadinho, uma vez que a própria Prefeitura Municipal é desprovida de registro desse passado. Ademais, é fundamental o reconhecimento da força que a pesquisa carrega, principalmente nesse capítulo inicial, uma vez que prioriza uma narrativa a partir de relatos dos principais atingidos nesse processo, ou seja, os antigos moradores da comunidade Inhotim.

Em seguida disserto, no segundo capítulo, sobre o formato adotado pelo Instituto e sua conseqüente relação com a comunidade local. Para não isolar o Inhotim como instituição inédita, foi fundamental situá-lo no panorama da museologia na contemporaneidade. Estabeleço uma relação entre o projeto institucional e sua similaridade com os projetos espetaculares denominados por Otília Arantes (1991) como “novos museus”. Encontramos em Arantes (1991) as bases para entender os formatos adotados pelos museus na contemporaneidade que se caracterizam pela alteração do seu domínio tradicional, incluindo novos espaços expositivos, comercializando produtos através de cafeterias, restaurantes, lojas de artesanato, etc. Dentro da concepção proposta por “novos museus” têm destaque o papel que a arquitetura espetacular passa adquirir, diminuindo a distinção entre um museu e um shopping center. Acrescento nesse rol algumas características que conformam certo distanciamento das realidades locais

bem como sua relação com processos como a gentrificação. Dessa forma foi possível considerar um processo de gentrificação na região que, tal como remete Rená, Berquó e Chagas (2014), ocasionou a substituição da população local pelo instituto e público de visitantes, acompanhando outras consequências, tais como, a antecedente alteração da paisagem cultural e o aumento no valor de terras nas proximidades ao museu.

Também discorro as proximidades e distanciamentos que o Instituto Inhotim mantém com os processos de renovação urbana que tem sido, atualmente, protagonizado majoritariamente por instituições museológicas / culturais. Tais processos se caracterizam nas considerações de Sánchez (2003) e Werneck Lima (2012) por alterar grandes regiões, moldando novos hábitos de consumo do espaço, relacionados mais com os valores externos a localidade. A gentrificação é também uma característica recorrente nesses processos e como tal, se reproduziu também em Inhotim, tendo em vista a reterritorialização da comunidade Inhotim, se configurar parte desse processo.

Ao mesmo tempo, nesse capítulo, dou enfoque a duas discussões fundamentais para a análise das relações estabelecidas entre o Instituto e a população local. A primeira se refere à narrativa museológica sobre o processo histórico da criação do Instituto a partir das referências de Borges (2012) e Fernandes de Souza (2016). Foi considerada uma narrativa que por vezes ignora a existência de uma comunidade anterior no lugar, e em outros casos, a pensar nas narrativas midiáticas, ignora a própria existência de Brumadinho. A obra de Chagas (1999) “*Há uma gota de sangue em cada museu*” também trouxe muito acréscimo a discussão, pois evidenciou os museus como espaços de poder e memória que intermediam e protagonizam campos de conflitos e contradições. Nesse sentido, a segunda discussão primordial se volta em torno da museologia social, convocando o Instituto a se firmar nas bases desse campo que preza, sobretudo, por estabelecer uma relação harmônica com o território onde se situa.

No terceiro capítulo, estabeleço um debate dentro da turismologia, tendo em vista a consequente presença do turismo no espaço. Hoje, Inhotim pode ser considerado o motor da atividade turística em Brumadinho, recebendo atualmente, uma média de 350 mil turistas anuais¹. Em vista disso, situo algumas proximidades com dois dos diversos cenários, postos por Donaire (1989), que definem algumas regularidades características de *la nueva geografia del turismo posfordista*. São eles: “*los nuevos espacios turísticos de la hiperrealidade*”, comparando as similitudes de Inhotim, com os

¹ Dados obtidos através do *Histórico de visitação mensal - 2007 A 2018* do Instituto Inhotim, disponibilizado via e-mail, pelo Diretor do Jardim Botânico, Lucas Sigefredo.

parques temáticos; e “*la reconvención turística de las áreas industriales em declive*” onde o Inhotim pode ser pensado enquanto estratégia de “segunda safra”. O termo “segunda safra” refere-se aos projetos imobiliários e turísticos que ocorrem pós-minas em áreas pertencentes a empresários da mineração. Nesse contexto, tendo em vista, o Inhotim, situar-se no fecho do funil, área de intensa exploração mineral, e em virtude do seu projeto advir de um empresário da mineração, foram encontradas algumas proximidades que sinalizam o projeto museológico e turístico como estratégia de “segunda safra” a partir das reflexões de Carsalade et al. (2012).

Manifesto, ainda, sobre o processo de turistificação, que envolve o Instituto e Brumadinho, sinalizando também para a reflexão sobre o impacto econômico que esta atividade gera/gerou no município e na região, a partir da análise da tese de doutorado de Faria (2012). Acrescento como último item de discussão, um olhar para o turismo municipal, acenando para o reconhecimento da riqueza histórico-cultural-arquitetônica da cidade, que se estende além do museu. Esse é um dos grandes desafios apontados pela gestão pública municipal, e pelo empresariado do turismo local: atrair os visitantes de Inhotim para demais espaços de Brumadinho.

CAPÍTULO 1
BRUMADINHO E INHOTIM: ENTRE O PASSADO E A MEMÓRIA

CAPÍTULO 1

BRUMADINHO E INHOTIM: ENTRE O PASSADO E A MEMÓRIA

Imagem 1: Foto panorâmica de Brumadinho e Inhotim



Fonte: Futuromemória, Inhotim tempo e espaço, 2012.

Início este capítulo com a apresentação do território estudado. À vista disso demonstro, juntamente com as considerações do geógrafo brasileiro, Rogério Haesbaert, que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espaço, “desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica” (Haesbaert, 2004:95-96 apud Haesbaert, 2004, p. 2). Na extensão desse *continuum*, submerso em relações de poder, o território pode ser distinguido, de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições, etc. (Haesbaert, 2004).

A exemplo da caracterização proposta por Milton Santos (2000), o território é capaz de expressar uma dupla dimensão: a primeira ao considerar o território

como recurso, prerrogativa dos atores hegemônicos e a segunda ao considerar o território abrigo, prerrogativa dos atores hegemonzados.

Para os atores hegemônicos o 'território usado' é um recurso, garantia de realização de seus interesses particulares. Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação do seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território. (...) Os atores hegemonzados têm o território como um abrigo, buscando constantemente se adaptar ao meio geográfico local, ao mesmo tempo que recriam estratégias que garantam sua sobrevivência nos lugares" (Santos et al, 2000, p. 12)

Faço essa breve contextualização almejando auxiliar a compreensão em torno das múltiplas facetas do território de Brumadinho, discorridas nas próximas linhas. Afinal, "é a periodização da história é que define como será organizado o território, ou seja, o que será o território e como serão as suas configurações econômicas, políticas e sociais" (Santos, 1985, p. 9). Nesse sentido, apresento a seguir a historicidade do território estudado, atentando para a compreensão das variações que Brumadinho passou, conforme o contexto histórico.

Ademais, nesse capítulo atendo-me a caracterização da comunidade Inhotim, reflexionando sobretudo, sua apropriação "cultural-simbólica" (Haesbaert, 2004) pelos antigos moradores, em detrimento a nova lógica imposta com a dominação "político-econômica" (Haesbaert, 2004) do Instituto Inhotim. Ou, nas palavras de Milton Santos (2000), conjeturando o território enquanto recurso e o território enquanto abrigo; ambas dimensões arraigadas na extensão do *continuum* historiográfico desse território.

1.1 BRUMADINHO E O PASSADO COLONIAL

Sobreviventes

Na região do Inhotim, terrenos o povo desencalhou,
em busca de ouro e outros proventos.

Mas pouco a ilusão durou;
Criar porcos e plantar milho foi a saída pro sustento

Nas lides internacionais se preparava outro destino
graças ao estudo “The Iron Ores of Brazil”.

O ramo da siderurgia se tornou bem vindo
e cravoucou montanhas debaixo do céu de anil.

Lavrou terras, esquadrejou serras
e se misturou com suor, salários, porcos e milho.

Prestou juramento no esforço da guerra
e convocou todos em corpo e espírito.

O ferro foi extraído em grande escala
prenunciando números com muitos zeros.

Base de carros, canhões e facas afiadas
graças ao furioso lavar de seus veios de ferro.

Heranças ficaram nas montanhas estupradas,
os córregos assoreados de gosto mineral.

Ali seus homens se transformaram em pastores de vento e de ferro
em troca de salários pagos pelo capital internacional

Valdir de Castro Oliveira²

O poema “*sobreviventes*” na abertura deste capítulo não foi escolhido de forma aleatória. Ao narrar um conjunto de características que moldam o processo como se deu a ocupação da região de Inhotim, em Brumadinho, este traz referência direta as

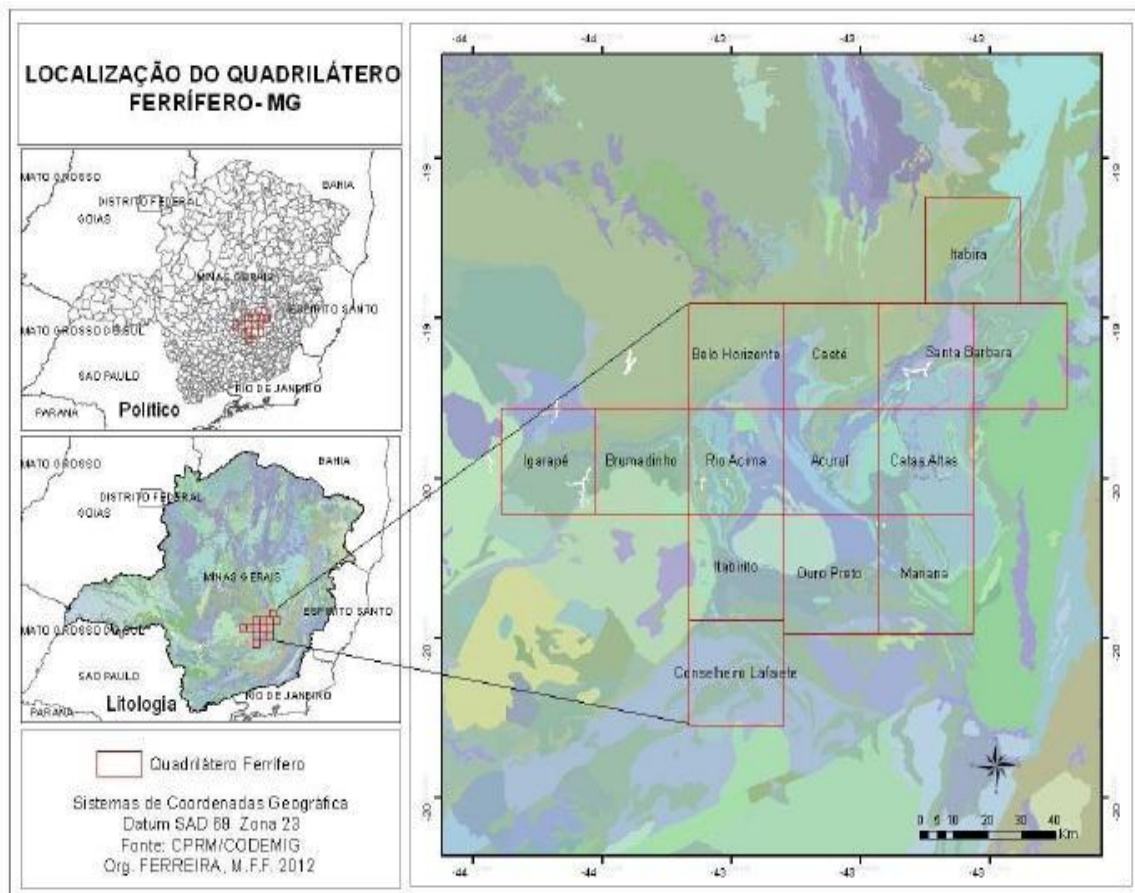
²OLIVEIRA, Valdir de Castro, Réquiem para o Inhotim, 2010, p. 41.

fases da mineração que se fazem presentes não apenas a realidade dessa região, todavia compreende uma ampla realidade municipal, que se justifica, também, pela área que ocupa no estado.

Brumadinho está localizado na região centro-sul de Minas Gerais e inserido na unidade caracterizada pela ocorrência de grandes reservas de minério no Brasil denominada Quadrilátero Ferrífero, como aponta a **Figura 2**. O Quadrilátero tem grande importância no cenário nacional, pois é considerada a maior região produtora de minério do Brasil respondendo a 60% da produção de ferro do país³. Nesse sentido a localização de Brumadinho, por si só, justifica o fato de as narrativas discursivas sobre sua origem estarem atreladas a ocorrência da exploração mineral no estado, tendo em vista que sua história é perpassada por essa atividade em diferentes épocas que vão desde a mineração aurífera dos séculos XVII e XVIII até a expressiva representatividade da mineração de ferro no contexto atual.

Figura 2 - Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais – Brasil.

³ FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Quadrilátero Ferrífero"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/quadrilatero-ferrifero.htm>>. Acesso em 20 de novembro de 2017.



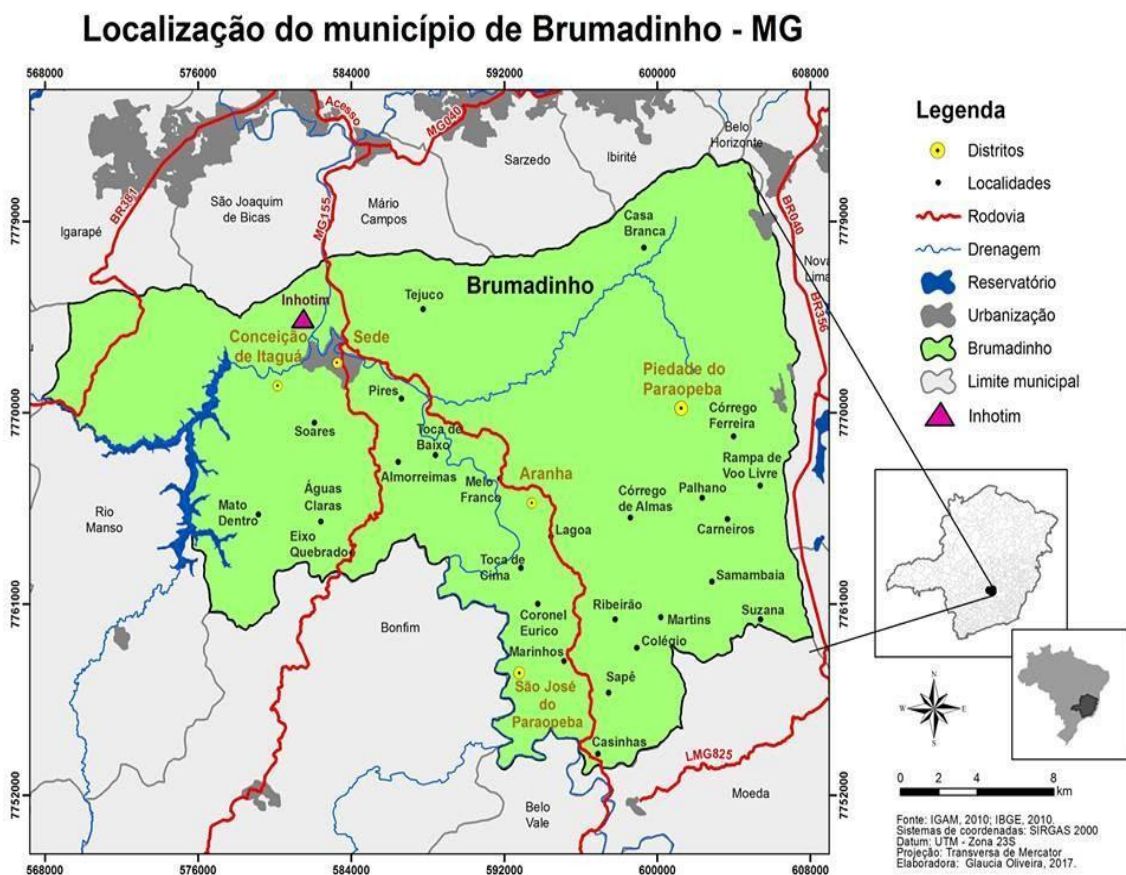
Fonte: FERREIRA, M. F. F., 2012.

Os primeiros povoados e distritos que compõem o município de Brumadinho se originaram no final do séc. XVII, com o princípio da ocupação portuguesa em Minas Gerais. Inicialmente parte do seu território foi formado em pontos de apoio para a passagem das bandeiras⁴, que adentraram o sertão mineiro, entre o século XVII e XVIII, em busca de ouro ou da escravização indígena. Posteriormente, alguns pontos de apoio se transformaram em povoados maiores para abastecimento dos centros mineradores e até mesmo, em *centro minerador* como ocorreu no distrito de Piedade do Paraopeba.

⁴ “As bandeiras foram usadas por homens empenhados na captação e escravização dos índios, particularmente guarani e outros, das fronteiras hispano-portuguesas da América do Sul, especialmente em torno de São Paulo e cidades vizinhas. O nome vem talvez do costume Tupiniquim, referido pelo padre Anchieta, de criar uma bandeira em um sinal de guerra. A expedição era dirigida por um líder supremo, com poderes mais amplos, senhor da vida e a morte de seus subordinados. Abaixo disso, com alguma graduação, marchavam pessoas que resolviam parte das despesas ou forneciam pessoas e, por suposto, a tropa bandeirante composta principalmente de mestiços de vários tipos, incluindo índios e escravos negros. Para mais informações sobre isso, veja Jaime Cortesão. Introdução à história das bandeiras. Lisboa, Portugal editora, 1955, dois volumes (em Obras Completas de Jaime Cortesão, volumes 2 e 3)” (Apud Venegas Delgado e Venegas Marcelo, NDÍGENAS, BANDEIRANTES Y FRONTERAS COLONIALES IBÉRICAS EN AMÉRICA. Projeto História, São Paulo, v.59, pp.137 - 169, Abri. - Jul. 2017 Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/30813/23442> > Acesso em 2 de novembro de 2017.

Como afirma o historiador mineiro Diego Vasconcelos (1994), os pontos de apoio demandados para dar suporte a passagem das bandeiras contribuíram para configuração dos primeiros povoados do estado mineiro. O distrito de Piedade do Paraopeba é, por exemplo, considerado pelo historiador, o terceiro povoado fundado em Minas Gerais, precedendo, inclusive, os centros mineradores de maior notoriedade como Ouro Preto e Mariana (Vasconcelos, 1994). Apesar de não ter uma data específica é possível traçar uma estimativa de que este seja um dos povoados mais antigos mineiros, a contar pela data da chegada dos bandeirantes, pelos idos de 1670. Além do distrito de Piedade do Paraopeba compõem a divisão administrativa municipal: a sede (Brumadinho) e os distritos de São José do Paraopeba, Aranha e Conceição do Itaguá (**Figura 3**).

Figura 3 - Mapa do município de Brumadinho.



Fonte: Oliveira, 2017.

A historiografia local representada pela obra *História e Riquezas do município de Brumadinho*, de Jardim e Jardim (1989), reconhece a ocupação do Vale do Paraopeba, a partir da entrada da bandeira chefiada por Fernão Dias, composta por

escravizados negros e indígenas em busca das lendárias esmeraldas⁵ que povoaram o imaginário social⁶ do período em questão. Para Jardim e Jardim (1989) os primeiros povoados fundados no Vale do Paraopeba se firmaram como pontos de abastecimento das tropas bandeirantes e depois se desenvolveram para povoados maiores de abastecimento dos primeiros centros mineradores:

No final de século XVII e início do XVIII começaram a circular as notícias da descoberta de ouro na região, inclusive nas proximidades de alguns pontos do itinerário das bandeiras, como na Serra da Moeda e às margens do rio Paraopeba. Descobriu-se ouro na região de Mariana, Ouro Preto e Sabará. Depois da descoberta de ouro nessas áreas houve uma grande migração de pessoas e os povoados do Vale do Paraopeba, situados na antiga rota dos bandeirantes, passaram a servir de pontos de pouso e de abastecimento para todos os que se deslocavam rumo às minas (Jardim e Jardim, 1989, p.36).

Os pontos de apoio estabelecidos constituíam uma característica marcante da bandeira chefiada por Fernão Dias, que ao contrário de outros exploradores direcionava alguns ordenamentos sobre o território para passagem do bando. Conforme elucida o geógrafo Patrício Carneiro na tese de doutorado intitulada *‘Do sertão ao território das minas e das Minas Gerais: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial, o sertanista, Fernão Dias, tinha o hábito de:*

Preparar mantimentos em feitorias por diversas partes, ordenando o plantio de “rocas de milho de distância em distância”. Esse método de implantar rocas ao longo das picadas, copiado depois por outras expedições, visava garantir a subsistência das bandeiras, haja vista o grande tempo despendido, geralmente meses e anos, nos percursos de ida e volta e na permanência no sertão para efetuar as pesquisas mineralógicas (Carneiro, 2013, p. 130).

Muitos dos caminhos seguidos pela bandeira de Fernão Dias eram, também, rotas primitivas, utilizadas por grupos indígenas, ao longo do rio Paraopeba. Vários desses caminhos estão presentes em Brumadinho, seja através do Fecho do Funil ou da Serra dos Três Irmãos e Rola Moça, ou mesmo pela estrada que liga Piedade do Paraopeba e o povoado de Casa Branca ao Curral Del Rey. Os geógrafos Andrade e Borges (2012, p. 134) salientam, no estudo *A formação social e econômica na Serra da Moeda*, que os indígenas Cataguás, que habitavam essa região, foram, em sua maioria,

⁵ “A lenda da serra das Esmeraldas se originou das primeiras incursões sertanistas pelo campo dos Cataguás, local em que haveria abundância de riquezas mineiras e por isso cintilava longe por efeito dos raios solares. Essa lenda inclusive foi responsável pelo interesse de bandeirantes na região que foi cooptado pela promessa de títulos, sendo em 1672 nomeado Governador das Minas de Prata e de Esmeraldas, com plenos poderes para governar o sertão” (Prefeitura Municipal de Brumadinho, 2012).

⁶ Para Pesavento (1995, p. 24 apud Janet Esping, 2003) “O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha Composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Prossegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer”

dizimados ou expulsos do local, conforme se avançavam as bandeiras. Apesar dos poucos registros que aprofundem sobre o legado cultural desse grupo, é possível enxergar a presença de vários topônimos regionais influenciados pela cultura indígena, como é o caso do Rio Paraopeba que em tupi-guarani significa “rio de águas rasas”⁷.

O intenso deslocamento de pessoas que buscavam as minas fez com que a região do quadrilátero ferrífero sustentasse uma grande concentração urbana, se mantendo até os dias atuais enquanto a maior concentração urbana de Minas Gerais, o que corresponde à 22 % do total da população do estado (QFE-2050, 2009). Nesse contexto de intensa movimentação populacional, os municípios mineradores se configuraram em ambiente muito conturbado permeado por crises de fome e conflitos diversos. Em estudo sobre a história e importância econômica do Quadrilátero Ferrífero e do norte de Minas Gerais, Nunes et al. (2012, p.2) apresenta o seguinte panorama:

A mineração, diferentemente das outras atividades praticadas à época, não necessitava de capital inicial, sendo praticada por toda sorte de pessoas que se aventuravam à procura do enriquecimento precoce. Porém, por conta das características intrínsecas a esta atividade e visto que o pessoal encarregado da extração não possuía tempo suficiente para dividir sua atenção entre o garimpo e o cultivo de alimentos, além dos problemas advindos de questões físicas na área do Quadrilátero Ferrífero (o solo pouco fértil e o relevo com grandes desníveis), resultando um grande contingente de fome.

É possível compreender, conforme aponta Andrade e Borges (2012) que o avanço da atividade mineradora pelos sertões, demandava o desenvolvimento de atividades como a agricultura, o comércio e serviços diretamente relacionados. Ou seja, a realidade urbana, inicialmente produzida pela mineração, reclamava a constituição de uma realidade agrária para dar suporte ao abastecimento das regiões das minas, “num paradoxo aparente” onde a urbanização antecede à realidade agrária, “produzindo-lhe ao invés de ser produzido por ela” (Andrade e Borges, 2012. p. 131).

De fato, durante o *Ciclo do Ouro* a Colônia assistiria a um rápido processo de urbanização, fundamental para a efetiva ocupação do território. Nesse cenário é interessante notar que nas áreas de mineração, pela própria natureza e intensidade do processo, o meio urbano surgiu antes do rural, o que geraria alguns problemas. O comércio e o abastecimento de gêneros de primeira necessidade eram precários e a vida um tanto rude e insalubre. As crises de abastecimento por vezes forçaram o abandono de ricas áreas de exploração durante os anos iniciais dos Setecentos (ANDRADE, 2014, p.7).

Nessa conjuntura de crises e conflitos os pontos criados para

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/parceiro-mg/noticia/2013/09/parceiros-mostram-diferentes-olhares-sobre-o-rio-paraopeba-na-grande-bh.html>. Acesso em 03 de novembro de 2017.

abastecimentos de municípios mineradores (como é o caso de muitos dos distritos de Brumadinho), se configuraram uma política insuficiente para conter as problemáticas que caracterizaram o Ciclo do Ouro. Uma das medidas criadas pela Coroa Portuguesa, como forma de tentar sanar tais problemas, se deu através da concessão de sesmarias. Criou-se uma retaguarda de produção alimentar, salienta GUIMARÃES (2007, Apud Andrade e Borges, 2012, p. 132), através da concessão de sesmarias ao impor aos sesmeiros a obrigação de cultivar a terra e ocupar com gado pelo período mínimo de três anos. Essas ações refletiram na criação dos primeiros núcleos urbanos no estado de Minas Gerais.

No âmbito local, é a partir desses dois fatores (criação de pontos de abastecimentos e concessão de sesmarias) que temos as primeiras fazendas e povoados nos distritos de Piedade do Paraopeba, São José do Paraopeba, Aranha e Conceição do Itaguá. A Fazenda dos Martins (**Figura 4**) é um exemplo da concessão de sesmarias na região; construída em 1730 no distrito de São Jose do Paraopeba é considerada uma das habitações rurais mais antigas de Minas Gerais.

Figura 4: Fazenda dos Martins



Fonte: <https://goo.gl/UbPm71>, 2017.

Em reportagem do Jornal *Estado de Minas* a Fazenda é apresentada enquanto “sede de um próspero centro comercial da época, que atuava principalmente na

compra e venda de escravos” (Estado de Minas, 1976, p. 5). Sua construção foi realizada por escravizados descendentes do Quilombo Sapé, que, junto às comunidades quilombolas de Marinhos, Ribeirão e Rodrigues estão instalados nos arredores da Fazenda.

Outro exemplo local que reflete bem a conjuntura conturbada durante o Ciclo do Ouro e que também representa um arquétipo do patrimônio produzido nesse período, se refere ao Forte de Brumadinho (**Figuras 5 e 6**). As ruínas da edificação que foi sede de uma grande fazenda voltada à mineração aurífera, chama a atenção tendo em vista “sua arquitetura defensiva e localização estratégica, que indicam que o mesmo foi construído com o intuito de defesa contra invasões, pilhagens ou assaltos” (Andrade e Borges, 2012, p. 128).

Figura 5: Vista Panorâmica do Forte de Brumadinho



Fonte: <http://mapio.net/pic/p-41471376/>, 2017.

Figura 6: Vista Interna do Forte de Brumadinho



Fonte: <https://goo.gl/VGtLCY>, 2017.

Quando descoberto, em 1977, o Forte foi inicialmente relacionado a uma casa de fundição devido a magnitude dos vestígios do que é considerado uma das construções do Ciclo do Ouro, que mais chama a atenção na Serra da Calçada (Andrade e Borges, 2012). A descoberta foi noticiada em diversas reportagens no Diário da Tarde entre os meses de setembro e outubro de 1977. Em uma delas tem-se destaque a intenção do então prefeito de Brumadinho, Amabis Neto, em realizar um “concurso nacional doando 30 mil cruzeiros em prêmio a quem descobrir as raízes históricas do Forte de Brumadinho” (Diário da Tarde, p. 2, set.1977). O Forte também foi apresentado como uma possibilidade de alavancar o turismo no município⁸, ambicionando este se tornar um polo de atração no Estado.

De repente o encontro de um forte, em meio às colinas, movimentava uma cidade e pode mudar a história de Minas Gerais. Duzentos, trezentos ou mais anos atrás. A data? Só especialistas poderiam estabelecer. De uma coisa todos da expedição organizada às pressas para a conquista do Forte, situados em terras do proprietário desconhecido até agora, mas sem dúvida, um patrimônio público, estão certos: o Forte vai mudar tudo em termos de preferência turística em Minas Gerais. Brumadinho, 14 mil habitantes, 630 quilômetros quadrados, área maior que a de 12 capitais brasileiras, já conhecido por duas riquezas minerais, por sua

⁸ O fomento do turismo é enxergado pela administração local como uma alternativa ao desenvolvimento econômico, haja vista que é esta uma realidade que expressam as políticas iphanianas desde final dos anos 60 e impulsionadas pela assessoria técnica da UNESCO a partir de diversos relatórios de peritos em temas de conservação, restauração e turismo após visitas técnicas realizadas em diversos lugares do Brasil. Cf. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). “A missão de Michel Parent no Brasil” e “Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico”, In: *As missões da UNESCO no Brasil: Michel Parent*. Rio de Janeiro: IPHAN – COPEDOC, 2008, pp. 13-32, pp. 60-68.

produção agrícola (é centro produtor de laranja, batata doce, abobara, etc.), com as Ruínas do Forte em Piedade do Paraopeba, um dos seus velhos distritos se projeta na história (Diário da Tarde, p.2, set.1977).

Embora tamanha a expectativa envolta no relato acima, infelizmente, o forte de Brumadinho não se tornou um atrativo turístico consolidado, conforme foi almejado há quarenta anos. Apesar do grande potencial, não houve ações de planejamento municipal para fomentar o turismo no local. Contudo, podemos afirmar que as paisagens naturais e culturais, sobretudo em associação com os processos da mineração aurífera, contribuem para a formação de uma dada identidade presente em Brumadinho, que pode ser mais bem valorado.

Análogo a isso, a maioria dos bens culturais tombados no município estão vinculados ao período colonial; a saber: o Forte de Brumadinho e a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, tombados a nível municipal e a Fazenda dos Martins e o Conjunto Histórico e Paisagístico da Serra da Calçada, que compreende os municípios de Brumadinho e Nova Lima, tombados a nível estadual. Dessa maneira, conforma-se uma narrativa identitária, municipal e/ou estadual a partir do instrumento legal do tombamento. Um exemplo disso se dá através do Conjunto Histórico e Paisagístico da Serra da Calçada, definido pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA – MG), como uma paisagem cultural “constituído pela memória histórica da mineração dos séculos XVIII e XIX, registrada pelas edificações e estruturas de mineração” (IEPHA). Os outros bens culturais catalogados (Anexo 1 – Bens culturais tombados - Brumadinho) têm referência direta ao período de surgimento da sede com a criação do Ramal do Paraopeba.

Além desses patrimônios edificados a dinâmica social produzida na região mineira como resultado do Ciclo do Ouro trouxe consigo a formação de um espaço agrário e pecuário igualmente responsável por caracterizar os modos de vidas locais. Em Piedade do Paraopeba, por exemplo, acrescenta Andrade (2014) mesmo com a descoberta de ouro, em 1736, culminando na alteração da região de ponto de abastecimento para pequeno arraial de mineradores, o carro chefe da economia local ainda era representado pela agropecuária, pelas rotas comerciais e pelo abastecimento dos grandes centros mineradores, como Ouro Preto e Mariana.

O *Almanak administrativo civil e industrial da província de Minas Gerais para o ano de 1864*⁹ traz um importante relato que caracteriza a freguesia de Piedade do Paraopeba, que naquele momento havia anexando os povoados de Aranha e Brumado e os distritos de São José do Paraopeba e Moeda, como: Hoje o setor é predominado pela agricultura familiar em pequenas e médias propriedades (Faria, 2012).

É exclusivamente agrícola e acha-se em decadência; tem dentro do povoado 58 mal construídas casas e 106 espalhadas pela área da freguesia. Dezoito são os fazendeiros que possuem terras e escravos, bem que seja maior o número de agricultores que arrendam terras e as cultivam com alugados. Sua população, que já foi de mais de 5.500 almas, hoje está reduzida a 4.111, das quais 3.246 são livres e 685 escravas. Os nascimentos estão na proporção de 4% e a mortalidade na de 3,5%. Sua lavoura ocupa-se do cultivo de milho, feijão, arroz, mandioca, algodão etc. e a indústria não passa de tecido de pano de algodão grosso, do qual exportam para mais de 8.000 varas anuais. Importa gêneros de molhados, louça, ferragens, café, sal e exporta gêneros alimentícios e algodão.

O registro do Almanaque configura uma relevante fonte documental que contribui para refletir os aspectos decorrentes da formação no período colonial e que se consolidaram no modo de vida local. Nos dias atuais essas características podem ser visualizadas com o predomínio da agricultura familiar em pequenas e médias propriedades, em Brumadinho. Como expressões da identidade rural existem diversas festas para celebração da colheita, ou de alimentos, tais como a “*Festa da Colheita*” na comunidade quilombola de Marinhos, a “*Festa da Jabuticaba*” no distrito de Aranha, a “*Festa da Laranja*” e a “*Festa da Mexerica Pokan*”. Há ainda outras festas em povoados vizinhos como a “*Festa do Milho*”, no povoado de Suzana, a “*Festa da Cachaça*” no povoado de Córrego das Almas, etc. Essas festas podem ser lidas como importantes traços de uma memória coletiva que refletem o modo como a população local se relaciona com a agropecuária, celebrando/ reverenciando seus alimentos e colheitas.

A atividade agropecuária, de acordo com Carneiro (2013), foi a grande responsável pela diversificação da economia mineira, após o Ciclo do Ouro. A chamada estagnação econômica que tomou conta da região no fim do século XVIII abriu espaço para diversificadas atividades “evidenciada nas atividades agrícolas, manufatureiras e criatórias” (Carneiro, 2013, p. 130). Esse fato foi responsável pela conservação da

⁹ Almanaque Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais para o ano de 1864, organizado e redigido por A. de Assis Martins e J. Marques de Oliveira. Disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional Digital Brasil < http://memoria.bn.br/pdf/393428/per393428_1864_00001.pdf >

paisagem natural e cultural dos povoados e distritos de Brumadinho. Ademais, a grande extensão territorial do município é responsável por uma ocupação fragmentada e pouco densa do espaço representado pelos distritos e comunidades rurais, dispersos pelo território e distantes da sede. Apenas o distrito de Conceição de Itaguá, mantém uma proximidade maior com a sede municipal de Brumadinho, estando apenas três quilômetros de distância e sendo ambos os mais urbanizados.

No final do século XIX o câmbio da capital mineira Ouro Preto para Belo Horizonte, em 1897, foi para Andrade (2014), um emblemático acontecimento que impactou a região, dado a proximidade geográfica do município com a nova capital. Nesse sentido, a ferrovia foi um fator importante “na integração de diferentes pontos do estado, especialmente as próximas à nova capital” (Andrade, 2014, p. 14), sendo também responsável pelo surgimento de vários municípios, incluso Brumadinho (sede), que depois passa abrigar todos os distritos e povoados que existiam nas proximidades. Para entrar nessa realidade contemporânea de Brumadinho apresento o segundo item desse capítulo.

1.2 BRUMADINHO CONTEMPORÂNEO

No documento de emancipação de Brumadinho, a data oficial de seu surgimento é 1938. Sua criação está intrinsecamente atrelada às mudanças que a chegada da ferrovia causou a região, no início do século XX, devido a construção do Ramal do Paraopeba, com o objetivo de aliviar o tráfego de trens entre o Rio de Janeiro e Belo Horizonte. É através da Estação de Brumadinho (**Figura 7**), construída nas proximidades do distrito de Brumado do Paraopeba, que a sede municipal surge. A construção do Ramal do Paraopeba foi iniciada em 1914, e em 1917 foi inaugurada a Estação de Brumadinho, cujo funcionamento permanece até os dias atuais no que se refere ao transporte de carga; operou também até o ano de 1978 como o principal meio de transporte de passageiros na cidade, conforme a reportagem de celebração dos 100 anos do Jornal da Apa Sul (p. 8, 7 abri. 2017). Sua construção demandou um número considerável de trabalhadores, provenientes de várias regiões do estado e do Brasil, que ao término da obra muitos se fixaram pela região, consolidando o povoamento do que veio a se configurar Brumadinho.

as dificuldades da construção. Por isso vieram milhares de trabalhadores de várias partes de Minas Gerais e do país, além de muitos imigrantes estrangeiros. Vários desses trabalhadores adotaram a cidade como lar após o término da construção (Jornal da Apa Sul, p. 8, 7 abri. 2017).

Figura 7: Estação Ferroviária de Brumadinho em 1990



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_paraopeba/brumadinho.htm, 2016.

A reportagem do Jornal Apa Sul acrescenta que “os primeiros anos após a inauguração da estação foram marcados por um rápido povoamento e desenvolvimento econômico, principalmente no seu entorno” (Jornal da Apa Sul, p. 8, 7 abril. 2017). Em suma, a estação trouxe dinamismo à cidade, passando este a ser produtor e produto das relações socioculturais dos habitantes com aquele espaço.

“Mais que um local de embarque e desembarque a estação passou a ser um local de lazer dentre das quais, o *footing* ou, simplesmente, o ‘futi’ nas tardes de finais de semana - para as pessoas da cidade” (Jornal da Apa Sul, p 8, 7 abril. 2017).

Hoje, completos cem anos de sua inauguração, a estação ferroviária é um marco na história de Brumadinho, tombado pelo município desde 2004. Por sua vez, a origem do nome, Brumadinho, dado a estação e posterior ao município, advém do povoado que se localizava às proximidades chamado de Brumado Velho, ou Brumado do Paraopeba, atual distrito de Conceição do Itaguá. Em virtude de ser um povoado menor que se iniciava, o nome foi posto em diminutivo. Brumado ou Brumadinho também se

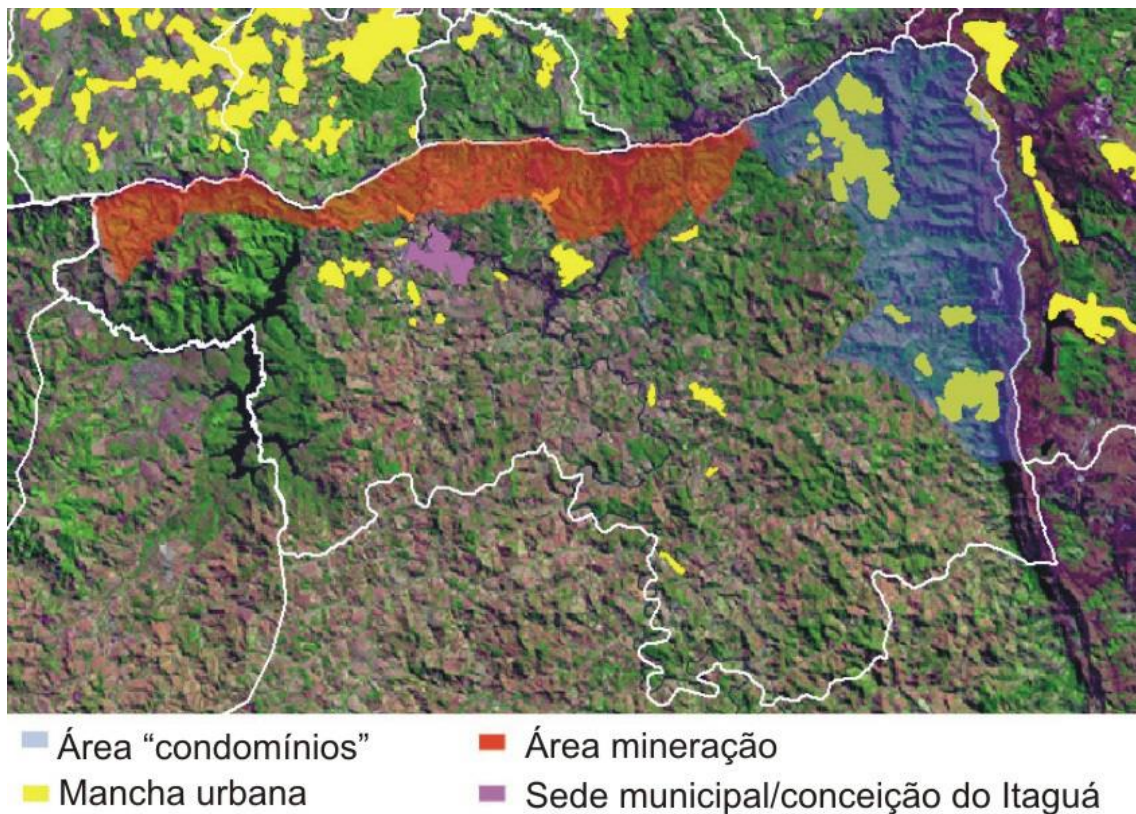
justificam em função das brumas frequentes que em dias frios caracterizam a região do Vale do Paraopeba.

Tanto a mineração quanto atividade ferroviária são processos acoplados à realidade local, tendo sido o segundo uma etapa fundamental para a consolidação do primeiro. Afinal, foi no início do século XX que a mineração retornou à cena na região, uma vez que, empresas estrangeiras de mineração adquiriram grandes propriedades de terra ao longo da Serra da Moeda. De um lado essas empresas mantiveram uma parte dessas terras como reserva, utilizado, em muitos casos, para criação de empreendimentos como condomínios fechados (Borges, 2012). Por outro lado, a exploração de ferro avançou rigorosamente, principalmente na extensão do Sistema do Fecho do Funil. Como reflexo disso até o início da década de 1990 foram fortemente presentes em Brumadinho, as seguintes mineradoras: FERTECO Mineração S.A; Mineração Anselmo Santalena, Empresa de Mineração Esperança S.A; MIPASA (Minas do Paraopeba LTDA), Mannesmann Mineração Ltda, Mineração Vista Alegre Ltda, Mineração Rio Bravo Ltda, Mineração Casa Branca, Extrativa Paraopeba Ltda, MBR e Mineração Fernão Dias Ltda, ITAMINAS LTDA. Hoje o número de empresas que atuam no território é bem menor, entretanto, ainda assim, “a mineração é a principal atividade econômica do município e a extração de minério de ferro é o principal produto”¹⁰.

No mapa (**Figura 8**) realizado por Gaspar (2005) a autora divide Brumadinho em quatro áreas de vocação e interesses diversos representados pelos condomínios fechados, que estão instalados sobremaneira, em áreas de preservação ambiental; área de mineração que compreende toda extensão do sistema do Fecho do Funil; mancha urbana concebido por áreas rurais que estão espalhadas em torno no município e mantêm a economia em pequena escala de produção agropecuária; mais a sede municipal, juntamente com o distrito de Conceição do Itaguá.

Imagem 8: Mapa da Distribuição Territorial de Brumadinho por Áreas

¹⁰ Afirmação dada pelo Secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Brumadinho, em entrevista concedida a professora Diomira Faria no desenvolvimento de sua tese de doutorado intitulada Análise da Capacidade do Turismo no Desenvolvimento Econômico Regional de Brumadinho.



Fonte: GASPAR, Floriana, 2005.

Paralelamente, a historiografia local registra alguns acontecimentos que contribuíram para uma estagnação econômica do município que perdurou da década de 50 à década de 70. Esses acontecimentos são caracterizados por Jardim e Jardim (1989) devido, primeiramente, à construção da rodovia Fernão Dias, ligando a capital Belo Horizonte à São Paulo, mais precisamente na década de 50. Tal construção fez morrer o trecho antigo de Belo Horizonte a Itaguara que passava pela cidade de Brumadinho movimentando o comércio na região, fato este que contribuiu para a estagnação econômica do município. O segundo fator se refere ao projeto de construção da barragem do Rio Paraopeba no fecho do funil. Esse "foi o mais trágico entrave ao desenvolvimento da cidade" Jardim e Jardim (1989, p. 59). A notícia que perdurou por muitos anos da década de 20 à 50, causou grande espanto e impactos aos moradores do Vale do Paraopeba, principalmente a população Brumadinhense que se localizava mais próxima a área do Fecho do Funil.

As terras, as casas e os bens desvalorizaram-se rapidamente. Com o futuro incerto, cessou a expansão da construção civil do comércio e matou-se a indústria do nascedouro. Pode –se dizer que o desenvolvimento da cidade ficou num compasso de espera; de maneira muito prejudicial, por que a incerteza durou anos (JARDIM e JARDIM, 1989, p. 60).

As pesquisas geológicas realizadas para analisar a viabilidade do projeto, geravam angústias e incertezas na população local, prolongando em anos essa insegurança. Apenas na década de 50 com a conclusão dos estudos que o projeto da construção da barragem foi descartado, devido a camada geológica de filito¹¹ que compunha o terreno, não ser resistente a erosão das águas (Jardim e Jardim, 1989).

Nesse ritmo de estagnação econômica, Brumadinho manteve-se até a década de 70 passando, a partir de aí, ter um “desenvolvimento típico da grande maioria dos municípios de Minas Gerais, gerando renda satisfatória, sobretudo por meio da atividade mineradora e das atividades rurais – que ocupavam a maior parte da população” (Prefeitura Municipal de Brumadinho, 2011, p. 14). Conjuntamente, na década de 80, Brumadinho experimenta uma intensificação no número de urbanizações conforme aponta a economista Diomira Faria (2012). Isso ocorre devido à relativa proximidade com a capital mineira, estando localizado no eixo Sul, sob forte influência da metrópole regional, desde a década de 70, embora apenas na década de 90 tenha sido anexado oficialmente a região metropolitana. Para Faria (2012) em sua tese de doutorado intitulada *Análise da Capacidade do Turismo no Desenvolvimento Econômico Regional de Brumadinho*, a intensificação das urbanizações em Brumadinho se deve a dois fatores específicos:

- i) La población de altos ingresos de los centros urbanos congestionados, com alto nível de inseguridad salen en busca de espacios adecuados a sus necesidades y símbolos de status. Y ii) el incremento de coste en la implantacion de la infraestructura de los servicios urbanos em conjunto com la crisis por la que pasó la economía de Brasil em las décadas de 80 y 90, contribuyeron para que la población, mas pobre buscasse em espacios irregulares, centrales o periféricos, de las grandes ciudades, oportunidad de viviendas (p. 151).
- ii)

Os fatores aludidos por Faria (2012) mostram as novas feições da cidade contemporânea que quanto mais inserida na economia competitiva globalizada culmina na geração de processos modernizados e excludentes ao mesmo tempo. Nesse sentido o eixo sul-metropolitano, área caracterizada pela concentração da população de alta renda, é palco da celeridade na urbanização de áreas de luxo. Esse traço da metropolização resulta com alternativas de expansão urbana e status via a criação de inúmeras chácaras

¹¹ Filito é uma rocha metassedimentar muito fina, constituída basicamente de sericita, caulinita e quartzo.

e condomínios fechados onde se instala uma população de maior renda. Algumas dessas estruturas reproduzem modelos importados que refletem em um complexo de relações, muitas vezes, difícil de ser integrado à realidade das cidades menores (Prefeitura Municipal de Brumadinho, 2011).

Nesse sentido, concordo com Andrade e Borges (2012) ao afirmar que o aumento desse processo tem o protagonismo das empresas minerárias que, no início do séc. XX adquiriram extensas áreas de terras ao longo da Serra da Moeda. Essas empresas em grande parte financiaram projetos do setor imobiliário ao viabilizar a construção de condomínios fechados de luxo nesse espaço. Buscando a diversificação dos seus atrativos a construção de condomínios fechados por empresas mineradoras, tem como objetivos “ampliar a margem possível de rentabilidade de seus capitais juntamente com a administração do seu tempo de rotação (p. 151). A experiência *in situ* levou-me a constatar tais argumentos tendo em vista os grandes empreendimentos de condomínios fechados¹² existentes na cidade e mais recentemente o surgimento do Instituto Inhotim, também idealizado por um empresário da mineração. Para exemplificar, na década de 80 e 90, de acordo com Borges (2012) os parcelamentos de terra voltados à implantação de condomínios fechados chegaram a representar 62% do total de lotes produzidos em Brumadinho.

Essas múltiplas facetas do território de Brumadinho são responsáveis pela configuração de um município diversamente desigual, com destaque para o protagonismo dos interesses relacionados à exploração mineral e à expansão urbana metropolitana. Hoje Brumadinho configura-se enquanto uma das maiores áreas municipais da Região Metropolitana de Belo Horizonte – RMBH. Sua localização privilegiada em meio às belezas dos biomas da Serra da Moeda, Serra do Rola Moça e Morro dos três irmãos, atrelado as diversas construções e vestígios do passado colonial, além da pequena distância com a capital do estado, se configurou como um espaço propício para incentivar a construção de hotéis fazendas em algumas áreas do distrito de Piedade do Paraopeba e do povoado de Casa Branca, impulsionando o turismo na região. Entretanto, foi depois de 2006 que a atividade turística passou a ter maior expressão, com

¹² Em Brumadinho estão presentes os seguintes condomínios fechados: Condomínio Jardins Brumadinho MG, Condomínio Quintas das Águas Claras Brumadinho, Condomínio Recanto da Serra Brumadinho, Condomínio Águas Claras Brumadinho, Condomínio Quintas do Rio das Aguas Claras Brumadinho, Condomínio Quintas do Rio Manso, Condomínio Residencial Estância da Cachoeira, Condomínio Ville Casa Branca, Condomínio da Aldeia da Cachoeira das Pedras, Condomínio Boungainville, Condomínio Recanto do Vale, Condomínio Quintas de Casa Branca, Condomínio Retiro do Chalé. Informação concedida por Edimar Vital de Melo, Secretário adjunto de Esporte, Lazer e Eventos da Prefeitura Municipal de Brumadinho, via e-mail.

a abertura do Instituto Inhotim.

O Instituto Inhotim protagonizou um rol de transformações no município, a contar pela região onde se instalou e pela reterritorialização acarretada da comunidade que habitava o espaço. Para introduzir essa história, é fundamental o registro do que representa a comunidade do Inhotim, cujo relato apresento a seguir.

1.3 A COMUNIDADE INHOTIM (*IN MEMORIAM*¹³)

Imagem 9: Festa cultural na comunidade Inhotim



Fonte: Oliveira, 2012.

1.3.1 Memória e história oral: requisitando o passado

Neste tópico, ao contrário dos anteriores, requesito uma abordagem a

¹³ *In memoriam* é uma expressão do latim que pode ser traduzida "em memória" ou "em lembrança". Costuma estar presente em obituários, epitáfios, citações e placas comemorativas, como forma de homenagear aqueles que não estão mais presentes. Nesse sentido o termo é aqui utilizado para lembrar e também homenagear a comunidade Inhotim que não existe mais.

partir do método da história oral para caracterizar, discorrer e entender o que foi a comunidade Inhotim. Isso ocorre devido à ausência de registros que dão visibilidade para essa historiografia local, uma vez que, a própria Prefeitura Municipal não possui dados censitários sobre o passado dessa comunidade, e nem mesmo quaisquer outras informações que auxiliassem a caracterizar a região pelo aspecto sociocultural ou econômico. Nesse sentido, encontrei na história oral as condições adequadas para se registrar, através das memórias evocadas dos antigos moradores locais, esse passado.

Dessa forma, embora a oralidade tenha sido antes da escrita o método mais utilizado para transmissão do saber, os historiadores Silva e Silva (2015), na obra *Introdução à pesquisa - uma contribuição pela metodologia*, salientam que foi apenas na década de 40 seu marco inaugural enquanto proposta metodológica e técnica, tendo em vista o surgimento do gravador de fita e a criação, na Universidade de Columbia, do primeiro Programa de História Oral. No Brasil, o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil¹⁴ (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), inaugurado na década de 70, mantenedor de um dos maiores acervos de entrevistas de história oral do país e também precursor nos estudos desse método, define a história oral como:

uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (CPDOC, 2018).

Enquanto metodologia a história oral passou a ser utilizada para validar as experiências que comumente não estão registradas em documentos escritos. Para Silva e Silva (2010, p. 10):

uma grande característica da História Oral é a possibilidade de valorizar os sujeitos estereotipados como marginais e excluídos dos anais historiográficos, o sujeito analfabeto, por exemplo, detêm uma visão de mundo, memórias, símbolos que permeiam a sua existência, imaginários e que necessitam e que podem ser utilizados pelo pesquisador para esclarecer determinado questionamento na pesquisa

No caso da comunidade Inhotim esse método permitiu relatar o passado de uma população que em sua existência teve pequena ou nenhuma chance de registrar

¹⁴ O CPDOC da FGV é uma referência no campo da história oral, no Brasil, tendo um relevante acervo de depoimentos de importância reconhecida tanto no Brasil como no exterior, que conta com mais de 3.300 horas de entrevistas gravadas. (ALBERTI, Verena. O acervo de história oral do CPDOC: trajetória de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998. 18f.).

através da escrita a sua história. Devido à escassez de documentos que registrem sobre a comunidade Inhotim, a história oral tem grande importância, entretanto também utilizo dos poucos registros encontrados, tais como: a *Ata de reunião da associação comunitária Inhotim (Anexo 2)*, as poesias de Oliveira (2010) em '*Réquiem para o Inhotim*', e os estudos de Fernandez de Souza (2016) '*INHOTIM DE PAISAGEM A PAISAGEM CULTURAL: resistências e rupturas em Brumadinho/MG*' e Borges (2015) '*O Inhotim que o outro Inhotim engoliu: museu, silêncio e transfiguração de memória*'. Destaco a relevância que a poesia de Oliveira (2010) adere na pesquisa, não sendo uma mera alegoria utilizada na abertura dos capítulos e no decorrer desse item, mas entendida enquanto testemunho e memória de uma coletividade que dá visibilidade, e põe em evidência aquilo que a ausência de documentos silenciou.

Para registrar parte da história-memória da comunidade Inhotim foi trabalhado durante as entrevistas a categoria de relatos de vida e experiência, do período ao qual viveram no local. Essa categoria foi definida pelo historiador Oliveira (2015) em seu estudo sobre os Trabalhadores Metalúrgicos de Contagem da Década de 1960, da seguinte maneira:

A história oral de vida centra-se na história do sujeito, naquilo que o mesmo viveu durante sua vida. Os fatos são secundários; importa o relato de um narrador sobre sua existência ao longo do tempo. Busca captar a experiência pessoal e os acontecimentos que o narrador julga importante. Experiências são lembradas e reconstruídas com base no diálogo de dois sujeitos: narrador e pesquisador (Oliveira, 2015, p.11).

(...) Tal abordagem busca mesclar dados objetivos fornecidos pelo entrevistado a aspectos vivenciais relacionados à sua trajetória, centralizando o depoimento em sua participação no evento ou problema que se pretende compreender. Dessa maneira, a incorporação da trajetória do narrador permite esclarecer aspectos relacionados ao tema, conferindo maior vivacidade ao relato, porque tais aspectos são vistos a partir da experiência de vida do narrador (Oliveira, 2015, p.12).

Uma das grandes questões em torno da confiabilidade do método da história oral diz respeito à subjetividade envolta nos relatos dos entrevistados. Entretanto é fundamental reconhecer que a subjetividade enquanto elemento condicionalmente presente nos direciona para a compreensão dos relatos orais como um processo vivo e ativo. A memória está sempre em uma dinâmica de reelaboração em que forças de diversas procedências estão em concorrência para elaborá-la de uma forma e não de outra. É uma construção no presente, de fatos, reminiscências, afetos do passado, que está muito associada ao período atual. Essas forças (políticas, sociais, econômicas, etc.)

promovem apagamentos, priorizam lembranças e alguns esquecimentos. A memória é, dessa forma, uma conjugação de lembrança e esquecimento que se dá pelas forças que estão atuando.

O museólogo Mario Chagas, em *MEMÓRIA E PODER: dois movimentos*, chama atenção para a concepção de memória enquanto um processo de construção, intermediado pelo poder:

Indicar que as memórias e os esquecimentos podem ser semeados e cultivados corrobora a importância de se trabalhar pela desnaturalização desses conceitos e pelo entendimento de que eles resultam de um processo de construção que também envolve outras forças, como por exemplo: o poder. O poder é semeador e promotor de memórias e esquecimentos (Chagas, 2009, P. 44).

Isso vai ao encontro de uma das proposições caracterizada por Gondar (2016) sobre a memória social, que diz respeito ao seu caráter transdisciplinar. De acordo com o autor, o campo de estudos sobre a memória além de não pertencer a um campo específico do conhecimento, admitindo sua polissemia, também é transversal e transdisciplinar. A transdisciplinaridade é entendida pelo mesmo como uma proposta que ao contrário da interdisciplinaridade não apenas reúne conteúdos de diversos saberes em prol de um consenso, mas sim, transpassa essas diversas discussões de diversos campos, desestabilizando regras e “propondo novos discursos e novas práticas de pesquisa” (Gondar, 2016, p. 22). A transdisciplinaridade é também uma forma de reconhecer a abrangência desse campo de estudo que está sempre em busca de novas abordagens.

Por ser a memória a principal fonte historiográfica para registrar o passado da Comunidade Inhotim, foi fundamental o reconhecimento das relações que intermediam esse objeto de estudo, enquanto fato social delimitado por relações de poder. De tal modo, é através dessas memórias requisitadas por meio da história oral de vida dos entrevistados, que pretendo caracterizar a comunidade Inhotim, em sequência. É fundamental, no entanto, salientar que de modo a preservar a identidade dos atores entrevistados, os nomes citados são todos fictícios.

1.3.2 Inhotim em memórias

A comunidade do Inhotim

Se não tivesse história

Se não tivesse estórias

Se não tivesse famílias
Se não tivesse festas
Se não tivesse arte
Se não tivesse dança
Se não tivesse lutas e lutos
Se não tivesse nome
Se não tivesse laços
Se não tivesse gente
Se não tivesse tristeza
Se não tivesse memória
Bastava um trator para esquecê-la
 Valdir de Castro Oliveira, 2010¹⁵

Referenciado como comunidade, bairro, ou mesmo, região, Inhotim podia ser considerado uma área rural, localizada no distrito de Conceição do Itaguá, que chegou a abrigar uma comunidade composta por aproximadamente 70 famílias. A comunidade originada no século final do século XIX existiu até meados de 2009, quando a maioria de seus habitantes aceitou a oferta de compra de seus terrenos para dar lugar a expansão da instituição que hoje carrega seu nome, o Instituto Inhotim. O poema acima alude à essa realidade que altera substancialmente os modos de vida locais, tendo em vista as transformações que permearam a vida dos antigos moradores que foram reterritorializados.

O termo reterritorializar, nessa pesquisa, adere à concepção de Haesbaert (2004), ao considerar que para além da perda ou desaparecimento dos territórios, o que ocorre é uma complexidade de processos que torna o território múltiplo, mediado pela relação de poder. Para Haesbaert (2004) ninguém está completamente fora de um território, assim como ninguém está completamente fora da sociedade, entretanto existe uma *precarização territorial*, considerando a desigualdade de classes na sociedade, ficando os grupos desfavorecidos economicamente a mercê de ações de grupos mais favorecidos. Isso gera como consequência para os primeiros a *perda do controle territorial*.

Na realidade não se trata de um processo de desterritorialização, pois, na perspectiva do autor, esta é uma concepção vinculada à dimensão cultural do território,

¹⁵ OLIVEIRA, Valdir de Castro, Réquiem para o Inhotim, 2010, p. 33.

onde esse processo gera o desenraizamento e enfraquecimento das identidades territoriais. Contudo a pensar no território enquanto *continuum* se faz fundamental reconhecer que a dimensão cultural e simbólica do território é em grande parte, alterada em função da dominação político-econômica. Dessa forma a reterritorialização é uma faceta representativa desse *continuum*.

Nesta acepção, pode-se afirmar que anteriormente a consequente reterritorialização acarretada, a comunidade Inhotim era permeada por celebrações culturais e religiosas que movimentavam a vida local. Nessas celebrações normalmente participavam cidadãos da sede e de outros povoados e distritos mais próximos. A **imagem 9** na abertura deste subcapítulo retirada do livro *Réquiem para o Inhotim*, do jornalista e antigo morador da comunidade, Valdir de Castro Oliveira, alude à famosa celebração anual de Santo Antônio, que ocorreu até meados de 2007.

Nas diversas narrativas realizadas foi possível observar as emoções com os quais os antigos moradores descreviam as paisagens, o cotidiano do lugar, e as relações de amizade que mantinham entre si. Na entrevista que realizei com Julia¹⁶ seu relato acompanhava suspiros e entusiasmos ao se recordar da vida cultural ativa que levava na comunidade, contribuindo na organização das festas tradicionais, em sua maioria relacionadas a religião católica.

Eu já ajudei muito nas festas lá. Tinha festa de Santo Antônio todo mês de maio. Quando começava primeiro de maio começava a festa... dia 3 era a festa da Santa Cruz. Todo ano nós tava de dentro, era nós que fazia os enfeite. Nós que ajudava enfeitar. Era a festa de Santa Cruz. E quando entrava dia três de maio depois da festa de Santa Cruz começava o mês de Maria. Tinha coroação. Tinha festa de Santo Antônio. Tinha festa de São Benedito. A de São Benedito era muito bonita, Nossa Senhora! E nós que era de dentro que ajudava. Tudo era nós que fazia. Nos que fazia as bandeirinhas. Fazia os enfeite de pendurar. Tudo era nós. E tanto nós fazia como eu ajudava lá arrumar aquela igreja. Era bom demais, menina! Nossa Senhora! E muda tudo né?

Um exemplo interessante dessa realidade cultural na comunidade se dá através do congado, manifestação religiosa afro-brasileira em sincretismo com elementos religiosos do catolicismo. Nas celebrações onde congadeiros, não exclusivamente da comunidade, se apresentavam, ocorriam normalmente mutirões de limpeza e preparo dos locais de festas (OLIVEIRA, 2010), conforme o relato acima explicitou. Esses mutirões, contudo, não se limitavam apenas as celebrações festivas da comunidade, explica Oliveira (2010), se estendendo a uma cultura de vizinhança, tendo em vista que muitas

¹⁶ Nome fictício.

das casas da comunidade foram construídas através de mutirão entre vizinhos e amigos, denotando as relações de solidariedade estabelecidas no ritmo tradicional de uma vida tipicamente rural. A forte relação de parentesco também era uma característica que delimitava esse modo de vida tradicional, conforme me relatou João¹⁷, em entrevista.

Eu morei cerca de 10, 11 anos no Inhotim. Eu nasci lá, e fiquei lá por volta de 11 anos. O Inhotim por ser ali um bairro, um povoado do município de Brumadinho, ali a gente tinha aproximadamente 30 famílias, e como que é uma característica muito de interior ali a maior parte eram familiares mesmos, né. Então assim a nossa família ela era bem grande. Existia uma outra família lá também que era a família dos Moreiras que era bem grande também. Ali eu passei minha infância foi toda lá. Foi onde eu estudei, foi onde eu fui fazer jardim na época.

As informações contidas nessas narrativas registram as experiências e vivências rememoradas nas lembranças acumuladas ao longo do período em que ali habitavam. No decorrer das entrevistas como visível no relato acima, os entrevistados frequentemente recorriam a outros nomes de moradores para confirmar aquilo que diziam, ou para situar suas lembranças, ou ainda para me situar em meio a tantas recordações. Em diversos momentos me sugerem também nomes de outros moradores para que eu pudesse confirmar aquilo que narravam.

Para o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) em sua aclamada obra, *A memória coletiva*, a memória individual parte de uma dada memória coletiva tendo em vista que as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece por que jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, por que sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (Halbwachs, 1990, p. 30).

A fala de Julia¹⁸ deriva ao encontro disso, quando, ao me relatar sobre seu passado, mostra os resquícios de uma memória, que vai sendo consumida pelo tempo e por isso necessita muitas vezes recorrer a terceiros para, por exemplo, relembrar a localização de onde era sua casa, na comunidade:

Até quando vou visita de vez em quando, vo lá no inhotim busca a Vania, ou levar no serviço ou busca, eu tô com a cabeça meia ruim só depois passo eu ia lá sempre depois que eu falei gente onde era nosso terreno aqui por que mudou tudo aí as meninas custo me explicar onde que era nosso terreno onde que era nossa casa que mudou tudo né.

¹⁷ Nome fictício.

¹⁸ Nome fictício.

(...)

É a gente fica só recordando como era lá. Uai eu num falei com cê que eu tava esquecendo já onde era nosso terreno? Pra mim voltar nos meus sentidos pra lembrar ainda como era nossa casa, difícil de mais. É vai esquecendo não vai? É a gente vai esquecendo tem jeito não. Mas ali eu nasci, criei, frequentei aula, na mesma casa que eu morava. Aí meu cunhado tinha feito uma casa lá, aí quando eu casei meu marido comprou ela dele. Aí era a casa que eu fui criada, a casa do meu irmão. A casa que eu criei meus meninos(...)foi muito bom lá no Inhotim, nossa!

A região do Inhotim por localizar-se em uma área de intensa exploração mineral, denominada Fecho do Funil, era constantemente permeada pelos impactos gerados da mineração. No local situava os trilhos que carregam vagões com minério da região e no relato de Julia¹⁹, é possível averiguar alguns predicados dos impactos da atividade mineradora no cotidiano da comunidade:

Passava o trem, essa linha tava numa distância como daqui naquela casa ali. Nessa casa aqui de frente. Ce acredita, conforme o trem tava muito carregado de minério, a gente via, notava que aqui no chão estremecia tudo. Essa linha era divisa com nosso quintal. Pertim do nosso fundo de quintal, mas de nossa casa mesmo era mais distante um tiquim, E nosso quintal lá em baixo que tinha. Era nós no quintal e a linha passando. Né! Com passageiro e tudo né, passava. Tinha linha de passageiro. Tinha o “R”, tinha Vera cruz, que fazia de Belo Horizonte pra São Paulo. Todos esses que passava aqui na Estação de Brumadinho, essas máquinas que tinha aqui na estação passava lá. Depois do museu, desviou tudo, agora não passa mais nada lá. Mas no Inhotim ainda passa, onde nós morava ainda passa. Mas como já não tem passageiro, mudou né. Agora o que passa lá é esses trem de carga, só.

Por ser o Fecho do Funil uma área de interesse de empresas mineradoras, a comunidade passou a conviver, a partir da década de 80, com a presença do empresário da mineração e colecionador de artes, Bernardo Paz, idealizador do Instituto Inhotim. Bernardo, que no momento era acionista majoritário da empresa de mineração Itaminas, comprou a companhia W.H.M. Muller, presente nas proximidades, e habitou uma Fazenda nas terras da empresa, ao lado da comunidade Inhotim. A ‘Fazenda’, como se referiam os moradores de Inhotim à propriedade de Paz, sempre foi uma instância de poder local, assim como as mineradoras, por serem as maiores empregadoras da região, afirma Oliveira (2010).

Foi nos primórdios dos anos 80 que Bernardo Paz começou a desenvolver seu projeto, construindo enormes jardins e lagos na região, dando início ao que veio a se configurar o Instituto Inhotim. Em entrevista o empresário alega que foi o

¹⁹Nome fictício.

artista plástico Tunga, o responsável por influenciar a criar um espaço para a arte contemporânea. Desse incentivo Paz passa a investir em um acervo de arte contemporânea, dando início ao seu projeto. Dessa forma, com o tempo foram realizadas várias interferências e alterações na paisagem.

Contudo, antes de se projetar tal qual se apresenta nos dias atuais, foram sinalizados alguns acordos com a população local que, segundo Menezes (2012, p. 96), “fizeram os moradores crerem durante algum tempo, na parceria entre museu e população e na não expansão do museu em direção às moradias”. Houve também uma promessa de construção de um centro comunitário pelo museu para compensar os estragos feitos pela abertura de novas “ruas” (MENEZES, 2012, p.96). Porém, tal promessa não se concretizou, muito pelo contrário, a expansão do museu deu-se alterando a paisagem em curto espaço de tempo. No relato de João Gomes²⁰ é possível ter uma ideia das transformações na paisagem local e do impacto das obras que ultrapassaram os limites da propriedade de Bernardo Paz:

Da última vez que fui ao Inhotim confesso que me perdi um pouco. Como chegava ao sítio do Valdeir? Não sei mais, a expansão física só museu do Inhotim ocupou tudo. Fiquei meio perdido, por que a geografia dispersa que trago na memória da zona rural de Inhotim, ficou alterada. Passagens, estradinhas de barro, caminhadas na ribanceira de rios e córregos, a lateral da ferrovia, os atalhos e etc. (GOMES, 2010, p.16).

A emergência do Instituto Inhotim foi uma grande surpresa para a população local. Os moradores relatam a ausência de diálogo com a comunidade, onde as reuniões que houveram ficaram fechadas à associação comunitária Inhotim, para discutir sobre as compras de terras. Em conformidade com o exposto Oliveira (2012) destaca que até o ano de 2003 o museu era uma incógnita a toda população; após essa data, com a cobrança de alguns habitantes da comunidade, que se sentiram incomodados com as obras que vinham sendo feitas, afetando a paisagem por eles habitada, é que Bernardo Paz “explicou os objetivos de seu projeto e se justificou diante da comunidade afirmando que qualquer alteração paisagística no local pretendida pelo Museu seria previamente discutida com a comunidade” (Oliveira, 2012, p. 5 Apud jornal Circuito, edição 108, 2003, p.5).

²⁰ João de Lino Gomes é cineasta e professor da Universidade Federal da Paraíba. Ao fazer a apresentação do livro ‘Réquiem para o Inhotim’ este narra um pouco de sua trajetória e a relação de proximidade que mantinha com a família do autor Valdir Oliveira. Disponível em GOMES, João de Lima. Apresentação: um peixe na árvore. In: OLIVEIRA, Valdir de Castro. Réquiem para o Inhotim. São Paulo: All Print, 2010. p. 13-19 .

Em entrevista a antiga moradora da comunidade e atual funcionária do Instituto Inhotim, Ana²¹, fala um pouco desse processo:

(...) então assim, aos poucos aquilo foi acabando né, quando já teve a ideia assim do parque Inhotim, né, já surgiu a conversa, tipo assim, explicando pra cada morador, perguntando se queria, né, eles não obrigou ninguém, perguntou se queria vender, né, por que a intenção deles, era fazer, construir esse parque maior. Tipo assim a vinda pra Brumadinho, pra outros lugares, seria até interessante pro povoado, por que lá não tinha, assim, comércio, não tinha nada, e aqui seria tudo bem mais fácil. E nós fomos os últimos moradores a sair de lá. Parece que ficou só nós, e uma ou duas famílias só e né, mudamos pra cá, daí a pouco a outra pessoa mudou também. E ali no lugar das casas, foi construindo jardim, as galerias, lagoa. (...) E tudo muito rápido ne. A construção foi coisa muito rápida. Mas assim, muito bacana, gerou emprego pra muita gente, eu mesmo fui uma das primeira pessoa e tô lá até hoje ainda. Muita gente, igual eu falo, sabendo e dando certo, sei lá, sabendo organizar direitinho, deram certo. Eu acho que a pessoa fica lá muito tempo. Eu mesmo quero aposentar lá.

Não existe um consenso estabelecido que permeie as observações de todos os antigos moradores da comunidade a respeito da criação do Instituto. É possível aferir que como observa o morador João²², que existem diferentes percepções nesse processo que culminou no desaparecimento da comunidade. Algumas pessoas são gratas pela condição que passaram a ter com a venda de seus terrenos, outras, conforme relato acima, observa de forma positiva sua saída da área rural de Inhotim para o centro ou bairros mais próximos à sede; também foram empregados vários antigos moradores pela instituição e com isso estabeleceu-se outros delineamentos nessa relação.

A gente tem pessoas que são gratas, talvez eu digo mais até mesmo pela questão financeira por exemplo, alguns membros da minha família hoje tem a condição de vida que tem, proveniente de uma venda, né. Talvez se não tivesse vendido não teriam coisas materiais, o acesso que eles têm hoje né, uma casa, uma condição de vida que talvez eles não teriam se eles tivessem continuado lá no Inhotim. Então assim, têm essas pessoas, mas você tem pessoas que também são gratas, mas não deixam de citar, mencionar, toda questão da saída deles, que ali tá a infância deles, tá toda memória, tá tudo lá, todas recordações e tals. Então assim, essa questão dessa relação mesmo é um pouco conflituosa. Você tem uma parcela aí (tô falando das pessoas que moravam ali), que são gratas, mas outras que saíram de lá brigando, saíram de lá cheios de conflitos, não queriam deixar as suas terras. E você teve também aquelas pessoas que de uma certa forma forçadas mesmo. Então beleza, você não quer vender não, beleza, mas ele começa a comprar a sua, a de fulano, então é um processo que ele é forçado, seja direto ou indiretamente ele é forçado, por que a pessoa começa se ver isolado. Uma Ilha se construindo ao redor dela né.

As diferentes percepções sobre a construção de Inhotim vão ao encontro do conceito de memória, que pressupõe conflitos, discordância e também coesão social.

²¹Nome fictício

²² Nome fictício.

É possível que um mesmo sujeito em um dado momento construa memórias positivas e noutra negativas; ou seja, que apresente memórias ambivalentes.

Alguns moradores, principalmente os mais idosos, acostumados com as características do ambiente rural, tiveram dificuldades de adaptação à nova realidade.

Quando ela (sua avó) mudou para o centro ela sentiu muito diferença, por que, por exemplo, ali elas deixavam tudo aberto. Minha tia falava mãe não faz isso não, aqui não é inhotim, aqui você não pode fazer isso. A senhora não pode sair e deixar as coisas todas abertas e tal. Então eu acredito que foi um processo muito difícil. Aquelas terras ali todo mundo tinha sua horta suas coisas então assim. Hoje não. Hoje ela tem é 100 metros de terra dentro da casa dela, então isso tudo pra ela é algo que realmente deve sentir muito. E isso não tem como mensurar em questão de valores

Os traços da ruralidade também são registrados na obra *Réquiem para o Inhotim*, onde Oliveira (2010) retrata, em seus poemas, diversos sentimentos e memórias dos ex-moradores da comunidade. Embora o poeta confirme a presença de seus sentimentos nos versos criados, foi através das conversas e depoimentos feitos pelos moradores da comunidade, direta ou indiretamente, contando seus “causos”, evocando situações históricas, individuais e coletivas, que se deu a sustentação poética da obra (Oliveira, 2010). Ao elucidar uma rica narrativa de acontecimentos do dia-a-dia local, o autor molda, via poética, algumas características da comunidade e de seus habitantes, a exemplo do poema *Milagre das mãos*:

*“D Noeme, enxada na mão
busca na horta açafraão, cebolinha e pimenta
pra temperar o bacalhau
e saciar o apetite dos seus meninos de Santa Cruz (...)”*
(Oliveira, 2010, p. 60).

O ambiente escolar lembrado pelo poeta no poema *Alfabetização* caracteriza as escolas que a comunidade teve, onde a primeira:

*“a escolhia de Inhotim
Funcionava na sala da casa do Elpidio.
Ali com muita dignidade,
D. Helene e D. Elza
Se esforçavam para ensinar o beabá
aos meninos e meninas daquele bom lugar*

(...) depois veio a Escola Santinha Maciel onde meninos e meninas aprendiam modernas tabuadas (...)"

(Oliveira, 2010, p.86).

O local onde era a Escola Santinha Maciel (**figura 10**) funciona, nos dias atuais, como recepção do museu Inhotim (**figura 11**). As imagens abaixo mostram a grande alteração de função e paisagística no local.

Figura 10: Escola Municipal Santinha Maciel - Comunidade Inhotim



Fonte: Memorial de Brumadinho (<https://www.facebook.com/groups/MEMORIAL-DE-BRUMADINHO-143708579158231/>), 2017.

Figura 11: Recepção do Instituto Inhotim



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Além desta, Oliveira (2010) reforça que foram destruídos outros bens patrimoniais da comunidade, tais como o boteco do São Vicente de Paulo, o adro da Santa Cruz (**imagem 12**), o campinho de futebol etc. No que tange ao adro da Santa Cruz, conforme visível abaixo, este ainda se encontra dentro do museu, contudo, sem maior utilidade, destituído dos valores culturais e simbólicos que carregava.

Figura 12: Adro da Santa Cruz



Fonte: Futuromemória, Inhotim espaço tempo, 2012.

Na apresentação de *Réquiem para o Inhotim*, Gomes (2010, p. 13) destaca algumas características observadas que representam o desmanche da paisagem em sua última visita ao local: “Da última vez, de passagem, vi casas destelhadas, o antigo botequim destruído (...) presenciei uma das últimas ações de concretização da diáspora de quase sessenta famílias que viviam onde hoje há um museu de arte a céu aberto”. É curioso também a declaração de um morador local ao explicitar a surpresa da população

com a movimentação que a obra da Instituição causou: “Têm até relatos das pessoas se espantando com o tanto de caminhão passando no centro da cidade. Cheio de palmeiras, cheia de plantas. As pessoas perdidas, o que que era aquilo? Pra onde era aquilo?”²³

Esses são importantes relatos sobre o impacto de tais transformações na vida dos habitantes locais. A existência de um número muito reduzido de publicações sobre essa comunidade denota o apagamento que a história local passou, depois da implantação da Instituição. Nesse sentido o relato abaixo mostra a forma vertical, como antigo morador, João²⁴, enxerga a implantação da Instituição no lugar:

O Inhotim da forma como ele veio, ninguém sabia exatamente o que isso seria né, por que no início, no começo de tudo, assim! Cê tava lá, e começava a ver aqueles caminhões chegando com árvores, chegando com Palmeira, ninguém sabia exatamente o que aquilo seria. Pessoal pensava que ia ser um condomínio, né, que ia ser uma propriedade particular, uma fazenda, né, por que ninguém exatamente sabia o que seria, qual eram os planos, né. Ninguém sabia não. A partir do momento que começou de certa forma a destruir, algumas partes pra aumentar, pra fazer tal coisa, aí de certa forma começou chamar atenção, né. Por que até o próprio pessoal que residiam no centro, muitas pessoas relatam isso. Que viam chegando, mas não sabiam exatamente, por que chegavam eram muitos de uma vez. E ninguém tava entendendo o quê que era. E aí cada um comentava. E hoje eu entendo de uma forma que se cada um na época comentava o que poderia ser, é por que não houve um diálogo por parte de quem tava a frente disso, deste investimento. Então não houve um diálogo, não houve uma preocupação de dar um retorno, de ah! Vão falar com a comunidade o que vai ser isso daqui. Então foi a partir do momento que começou a destruir e ocupar alguns desses patrimônio, aí eu acho que começou chamar atenção. Foi a partir daí que chamou atenção da própria associação. Que viu a necessidade de fazer registro, foi a partir daí que de certa forma, é, a própria mídia de certa forma ela começou a falar mais, embora em muitos momentos a mídia silenciou muito. Ela foi muito omissa. Mas foi só a partir daí mesmo que começou a ganhar voz, né. Então é bem isso mesmo.

Essa insatisfação com a forma como a instituição foi implantada também está registrada em uma ata da reunião da Associação Comunitária do Inhotim, datado de 06 de novembro de 2004 (**anexo 2**). Nos trechos extraídos os moradores reclamam da

²³ Entrevista realizada com morador de Brumadinho em abril de 2017.

²⁴ Identidade preservada.

ausência de diálogo com a população local e da destruição de alguns espaços de uso coletivo:

Alguns moradores reclamaram da destruição do campo de futebol local, que servia como espaço de lazer para os jovens da comunidade, em função da construção da nova estrada Souza/Noschesi/Inhotim/Brumadinho. Além de não ter sido construída nova área de lazer, eles reclamaram ainda de que esse assunto não foi discutido com a comunidade e tampouco de que maneira este espaço será substituído por outro. Também alguns moradores se queixaram de que quando houve a inauguração do Caci, no dia 27 de setembro de 2004, vários residentes da comunidade foram impedidos de transitar livremente nos seus locais públicos e alguns ainda sofreram a humilhação de serem revistados pelos guardas de segurança. Questionaram também o fato de que o Salão São Vicente de Paulo foi derrubado sem prévia consulta à comunidade e igualmente as mudanças na Capela Santo Antônio. O administrador do Caci, Maurício, e Lúcio, também funcionário do Caci, explicaram rapidamente o que se pretende fazer na igreja e a respeito de um futuro clube de lazer a ser instalado na comunidade. Os presentes quiseram saber quem teria acesso ou não a esse clube e as razões porque as decisões estão sendo tomadas à revelia da comunidade. Foi respondido que devido ao volume de atividades sempre há falhas, mas que, aos poucos, elas podem ser sanadas se houver diálogo entre as partes.

Cabe também a referência de Oliveira (2012, p. 32), que relaciona a procedência do nome da comunidade e as práticas acarretadas na região intermediado por uma relação de subordinação pouco refletida. Para o poeta o nome Inhotim advém da corruptela ‘sim senhor’ proferido por um núcleo de ex-escravos que habitavam a região, em referência a um sujeito que:

tanto poderia ser engenheiro, como geólogo inglês que por ali circulou no final do século XIX e início do século XX identificando e demarcando jazidas de ferro e construindo ferrovia, fatores imprescindíveis para a expansão do capital internacional”. Nesse sentido o autor salienta que a origem do nome do povoado mostra “uma relação de subordinação social, de submissão, situação esta, pouco refletida pelos moradores ou pelo próprio museu que adotou esse nome (Oliveira, 2010 p.32).

Em suma, são poucos os estudos que dão visibilidade à narrativa local. Em *INHOTIM DE PAISAGEM A PAISAGEM CULTURAL: resistências e rupturas em Brumadinho/MG*, o historiador e morador de Brumadinho, Fernandez de Souza (2016), acredita que o câmbio ocorrido de “Inhotim” ao “Instituto Inhotim”, implicou na destruição de parte da memória dos brumadinhenses. Borges (2015, p. 8) acrescenta que a construção do empreendimento Inhotim foi responsável por acarretar violência simbólica e patrimonial.

Indubitavelmente, o empreendimento causou violência simbólica e patrimonial, considerando-se que a dinâmica do empreendimento-museu interferiu decididamente na paisagem local, modificando-a radicalmente; ação na qual se

inclui, além da extinção física da Comunidade, a destruição patrimonial, seja por ação das máquinas (as propriedades adquiridas eram imediatamente destruídas a trator), seja pela ação discursiva, seja pelo encobrimento e esvaziamento da memória local (patrocinados tanto pelo empreendimento-museu como pela mídia).

Conforme reforça Fernandez de Souza (2015), esse não é um caso isolado em Brumadinho. O autor relembra o caso do povoado de Souza Noschese, que existia nas proximidades de Inhotim, e que foi extinto, em função da atividade mineradora na região. Para o historiador essas “ações de destruição de povoados em consequência de fatores econômicos, midiáticos e outros, é algo recorrente na história de Brumadinho” (2015, p. 7). Em reportagem veiculada em 2009, pelo Jornal Estado de Minas, intitulada *O Povoado que vai virar minério*, Paola Carvalho (2009 Apud Fernandez de Souza, 2016, p. 7) expõe a parceria das empresas Ferros²⁵ e Terminal Serra Azul, que culminou na extinção de Souza Noschese:

O pequeno povoado Souza Noschese, em Brumadinho (Região Metropolitana de Belo Horizonte), passará a existir apenas na memória de quem já esteve no lugar. Depois de décadas de história entre o Rio Paraopeba e os trilhos da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB), hoje MRS Logística, as cerca de 20 casas estão sendo derrubadas para dar lugar ao progresso. Mesmo com a crise mundial e a depreciação do preço do minério de ferro, a mineradora Ferrous Resources do Brasil e o Terminal Serra Azul (TSA), controlado pela Minerita, vão ampliar sua atuação no Quadrilátero Ferrífero e precisam da área ocupada pelo vilarejo. Resultado: compraram praticamente todas as casas no local (CARVALHO, 2009, p. 11).

Além disso, a possibilidade de construção de uma usina, na década de 50, conforme enfatizado pela obra Jardim e Jardim (1989) impactaria no desaparecimento de Brumadinho, caso houvesse viabilidade de seguir adiante com o projeto. Menezes (2012) acredita que tal fato, que não ocorreu com Brumadinho, é hoje protagonizado pelo Inhotim na região, ou seja, culminando no “lento esvaziamento da região, para que fosse preenchida por uma nova função” (P. 102), protagonizada pelo turismo.

Em concordância com as observações de Fernandez de Souza (2016, p. 6) é fundamental o reconhecimento de que “a destruição de um povoado e suas memórias e histórias” é um fato preocupante a realidade local; e o silenciamento presente

²⁵ A mineradora Ferrous não atua mais em Brumadinho desde o ano 2015, entretanto ainda tem em suas mãos o direito de exploração da Mina Serrinha, que está desativada no momento. Essa mina, caso reativada, pode extinguir com todas as comunidades quilombolas presentes em Brumadinho. Existe um movimento denominado Abrace a Serra da Moeda, que culminou na criação de uma ONG com mesmo nome, que, desde 2008, reivindica a defesa de mais de 30 nascentes na Serra da Moeda que compõem o Monumento Natural Municipal da Mãe D'água. “Atualmente nossa reivindicação é pela criação do Monumento Natural Estadual da Mãe D'água, como forma de proteger as comunidades que se opõem ao projeto de exploração mineral na Serrinha (Serena), na Serra da Moeda, Brumadinho - MG.” Fonte: <http://abraceaserradamoeda.blogspot.com.br/p/comunidades-quilombolas.html>

em tais ações “mitificam e ratificam as ações de destruição da memória e da história local, que sistematicamente vem sendo abolida e transfigurada” (Fernandez de Souza, 2016, p. 7). Como afirma Menezes (2012) o que se percebe é que, em nome de um discurso em torno do progresso, ou do desenvolvimento existem ciclos que perpassam a região do Fecho do Funil impactando a população local desde a década de 50. Afinal, foram aproximadamente dez anos de agonia até que se extinguisse a possibilidade de concretizar o projeto de Hidrelétrica. Seja em virtude da mineração, da museologia ou mesmo do turismo, o fato é que empreendimentos privados têm protagonizado ações de destruição de lugares alterando suas histórias e memórias.

Em conclusão, concordo com Gomes (2010, p. 13) ao refletir a comunidade Inhotim enquanto “um espaço geográfico que se projeta na extensão de uma memória que, embora esgarçada no tempo, reside no mais essencial dos imaginários”. Registrá-las é importante para perpetuar uma problemática pouco refletida, tanto pelo poder público como pelo Instituto. Nesse sentido, a história-memória da comunidade do Inhotim, hoje cristalizada na figura do museu, ao ser registrada através da escrita pode se configurar como uma ação que minimiza o apagamento e invisibilidade que pairam sobre a narrativa do lugar.

CAPÍTULO 2
BRUMADINHO E INHOTIM E A CONSEQUENTE MUSEIFICAÇÃO DO ESPAÇO

CAPÍTULO 2

BRUMADINHO E INHOTIM E A CONSEQUENTE MUSEIFICAÇÃO DO ESPAÇO

Figura 13 - Imensa



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Figura 14 - Invenção da cor, Penetrável Magic Square # 5, De Luxe



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Figura 15 - Galeria Cosmococa



Fonte: <https://goo.gl/TsGyCd>, 2017.

Início este segundo capítulo apresentando o Instituto Inhotim e percorrendo algumas das transformações geradas em Brumadinho a partir dos insumos

da museologia. Considerada o campo museal do questionamento crítico e teórico (Desvallées e François Mairesse, 2013 p.22), a museologia nos dá aporte para refletir as tendências e problemáticas que acompanham os museus contemporâneos. Nesse sentido, se no primeiro capítulo a discussão foi voltada ao passado histórico do território e da comunidade Inhotim, neste o foco é centrado a reflexão do contexto atual em torno da instituição e sua relação com Brumadinho.

2.1 INHOTIM: MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA E JARDIM BOTÂNICO

Quando chegaram
Trouxeram novos nomes,
Mas nós já tínhamos nome.

Quando chegaram
Trouxeram novas histórias,
Mas nós já tínhamos história

Quando chegaram
Trouxeram novos projetos
Mas nós já tínhamos projetos

Quando saímos
Ficaram nossos projetos
Nossos sonhos,
Nosso nome,
E contaram outras histórias

Valdir de Castro Oliveira²⁶

Aberto ao público para visitação de turistas ²⁷ no ano 2006, o Instituto Inhotim pode ser considerado, nas palavras de Faria (2012), um museu-parque temático das artes contemporâneas. Essa defini o se deve ao formato que a institui o adere por abranger um jardim bot nico e exibir “continuamente um acervo de excelência

²⁶ OLIVEIRA, Valdir de Castro, Réquiem para o Inhotim, 2010, p. 43.

²⁷ A Organiza o Mundial do Turismo (OMT) define o turista como “visitante que permaneça no mínimo, uma noite em acomoda es coletivas ou privadas no local visitado” (2003, p. 22). Ademais desta defini o a OMT (2003) conceitua o excursionista como aquele que não pernoita no lugar. Tais diferencia es se dão para quantificar os dados estatísticos das cifras que o turismo gera e da locomo o de pessoas que causa. Contudo   fundamental o esclarecimento de que, nessa pesquisa, o termo **turista** não adere tal acep o, sendo muitas vezes, utilizado como sinónimo de **visitante** e **excursionista**.

internacional de arte contemporânea” (INHOTIM, 2018), em 140 hectares para visitação, com obras expostas a céu aberto ou dentro das 22 galerias que abriga.

En un mismo sitio se encuentra una colección de arte contemporáneo y un jardín botánico, en un espacio de cien hectáreas. La recolección cuenta con más de 500 obras de arte distribuidas a lo largo de senderos y jardines, en diferentes galerías y al aire libre. El jardín botánico cuenta con más de 4.000 especies en sus colecciones, destacando la colección de palmeras y especies nativas, pertenecientes a los ecosistemas de la Mata Atlántica y del Cerrado (Faria, 2016, p. 165).

A instituição, estimada atualmente como o maior museu de arte contemporânea a céu aberto da América Latina²⁸, é também uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP²⁹), mantenedora de uma das maiores coleções de arte contemporânea, no Brasil, com trabalhos de artistas brasileiros e internacionais, tais como Hélio Oiticica, Lygia Pape, Tunga, Cildo Meireles, Chris Burden, Mathew Barney, Paul McCarthy, Adriana Varejão, Olafur Eliasson, Miguel Rio Branco, dentre outros.

Figura 16 - Foto panorâmica do Instituto Inhotim

²⁸Sobre o adjetivo de maior museu a céu aberto da América Latina, como frequentemente o Inhotim vem sendo caracterizado, o diretor do Jardim Botânico informou, em entrevista realizada no dia 19/04/2018, que tal adjetivo é utilizado ao considerar a área de visitação de 140 hectares, entendendo, também, o acervo botânico como sendo um acervo museal. Contudo, não pode ser assim considerado, caso a análise pautar apenas o número de peças de arte.

²⁹ Organização da Sociedade Civil de Interesse Público ou OSCIPs exercem atividades não exclusivas do Estado e como disposto na Lei nº9.790/99 possuem uma ou mais das seguintes finalidades: promoção da assistência social; promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico; promoção gratuita da educação; promoção gratuita da saúde; promoção da segurança alimentar e nutricional; defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável; promoção do voluntariado; promoção do desenvolvimento econômico e social e combate à pobreza; experimentação, não lucrativa, de novos modelos sócio-produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito; promoção de direitos estabelecidos, construção de novos direitos e assessoria jurídica gratuita de interesse suplementar; promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais; e estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos que digam respeito às atividades mencionadas na lei. (PAIVA e RIBEIRO, 2014, s/ p).



Fonte: <https://goo.gl/n834sN>, 2018.

É possível considerar o Inhotim um museu ao avaliar a definição adotada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) que os tipificam como:

Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (IBRAM, 2018).

Nesse sentido, o Inhotim afirma-se enquanto uma instituição sem fins lucrativos, que busca sua sustentabilidade financeira através, principalmente, das leis de incentivo à cultura, da captação de patrocinadores diretos, e dos valores adquiridos na bilheteria, juntamente com os serviços a ela associados (transporte interno dentro do museu, aluguel de espaços para eventos, aluguel de espaços de restaurantes, cafés, etc.). Em entrevista³⁰ com o diretor de Jardim Botânico Inhotim, foi informado que a bilheteria e os serviços associados correspondem apenas a 30% do faturamento total de Inhotim, ficando os outros 70% a cargo dos meios de captação acima citados.

³⁰ Entrevista concedida em 19 de abril de 2018, com Lucas Sigefredo.

Além desta abrangência institucional e administrativa que o define como museu, o Inhotim, em sua particularidade museológica, é entendido como um museu a céu aberto, por mesclar características dos museus convencionais com o espaço aberto, integrando a paisagem natural e cultural (alterada) ao construir a ambientação das representações do patrimônio artístico que abriga. A paisagem, contudo, não substitui totalmente as galerias, mas se integram as mesmas, sendo constituinte da interpretação de quem penetra o espaço.

Em seu site a Instituição é definida como um “lugar singular” que mescla arte e natureza, se distanciando do formato adquirido pelos museus urbanos (INHOTIM, 2017). Embora realmente o Inhotim possa se apresentar como uma “instituição singular” a julgar pela dimensão de seu território e pela possibilidade de contemplação dos jardins que possui, é possível, contudo, reflexioná-la mediante as convergências e divergências que mantém, com as tendências e problemáticas que perpassam os museus contemporâneos e cujas interfaces perpasso nos itens seguintes.

2.2 “NOVOS MUSEUS”: NOVO INHOTIM

A pensar do período em que o Instituto Inhotim começa a se delinear (década de 80), é possível afirmar que o processo que culminou na *museificação*³¹ daquele espaço natural e cultural acompanhou o momento de intensificação de projetos de mercantilização da cultura através da eclosão de instituições culturais, como os museus. Para o historiador francês, Pierre Nora, esse período demarcado, sobretudo, após a segunda guerra mundial, é caracterizado pela “aceleração da história” e o “esfacelamento da memória”, cujas consequências culminaram no interesse crescente da sociedade pelos “lugares de memória” (Nora, 1993, p.7). Essa aceleração da história diz respeito a:

uma oscilação cada vez mais rápida de um passado definitivamente morto, a percepção global de qualquer coisa como desaparecida – uma ruptura de equilíbrio. O arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral sob o impulso de um sentimento

³¹ Para Ulpiano Bezerra de Meneses (1992) a museificação se refere a transformação de um dado objeto em documento. Ou seja, significa uma alteração na função primária do objeto, para se tornar um documento portador de memória. O objeto museificado carrega uma memória, mas não tem mais valor utilitário primário.

histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do determinado, o fim de alguma coisa desde sempre começada. Fala-se de memória porque ela não existe mais (Nora, 1993, p 7).

Pierre Nora (1993) acredita que é devido ao apego ao passado, em torno do discurso sobre o fim de tudo que os *lugares de memória*³² se tornaram tão comuns às sociedades contemporâneas. O pensamento de Nora foi amplamente difundido para elucidar, inclusive, os precedentes para o aumento na criação de instituições museológicas, após a segunda guerra mundial.

Para se ter um exemplo, na publicação *Museus em números*, do Instituto Brasileiro de Museus, é possível visualizar o crescimento qualitativo das instituições museológicas, onde no ano de 1948 foi registrado a quantidade de 116 instituições, passando em 1983 para 926, e atualizando em 2010 com 3.025 museus mapeados no Brasil. Atualmente, disserta Nascimento Junior (2009), existem cerca de 60 mil museus em todo o mundo, dos quais 90% foram criados após a Segunda Guerra Mundial.

Arraigado a esse raciocínio Andreas Huyssen (1994) cunhou as expressões *museumania / boom de museus* para caracterizar o aumento nas construções de museus e instituições culturais no mundo, no período após a década de 80. O crítico alemão ao esboçar algumas diretrizes na busca de respostas para o fenômeno crescente de interesse pelos museus expõe três caminhos dentre os quais, o primeiro vai ao encontro à proposição de Pierre Nora, ao entender o museu como espaço de compensação ao sentimento de perda que toma a sociedade depois da década de 50, com a aceleração do tempo / da história. O segundo caminho se sustenta na ideia de *simulacro* defendida pelo filósofo e sociólogo francês Jean Baudrillard (1983), que entende os museus como um meio de comunicação de massas e simulador como uma televisão. E por fim, o último caminho enxerga o crescente interesse pelas instituições museológicas como representação de um novo fenômeno social do consumo, que almeja experiências para além do real (Huyssen, apud Faria, 2012, p 126).

³² Existem algumas críticas quanto a utilização da expressão lugares de memória. Para Enders (1993), em seu estudo "*Les Lieux de Mémoire, dez anos depois*", a expressão *lugares de memória* possui uma geometria variável, na acepção defendida por Pierre Nora, que designa ora objetos, ora um método, ora a memória, ora o trabalho. Essa imprecisão, acrescido a generalização com a qual a expressão passou a ser utilizada na academia, são os dois principais fundamentos de Enders, quanto a crítica aos lugares de memória. O autor contextualiza que "*Les lieux de mémoire*" é uma obra que possui mais de 6000 páginas, com centenas de contribuições, que não se restringem a expressão cunhada pelo coordenador da obra, Pierre Nora, no texto de apresentação, mas que serviu como base à uma tentativa de conceitualização por parte deste. (Enders, 1993, p.133).

Nesse crescimento considerável no número de instituições museológicas, os “novos museus”, termo utilizado por Arantes para definir os museus pós-modernos, têm se destacado por divergir dos formatos que comumente acompanhou tais instituições até aproximadamente, a metade do século XX. Se até esse período os museus se mantinham esteticamente neutros dando destaque para apreciação da obra de arte nos chamados “novos museus” (ARANTES, 1991), a arquitetura e a paisagem também são pensados junto à obra. Ou seja, “à desestetização da arte segue-se um momento complementar de estetização do social, visível no amplo espectro que vai dos museus de *fine arts* aos museus de história da vida quotidiana” (ARANTES, 1991, p.3) Os *novos museus* passam, então, a estruturar novas relações entre arte, arquitetura e cidade, conforme aponta Lupo (2016). Isso decorre, nas palavras da filósofa Arantes (1991), devido ao estágio atual do capitalismo, onde a indústria cultural entrou no período “*soft*” ou “*pós-industrial*”, propiciando uma maior estetização dos museus para alcançar as escalas das massas. Desta maneira, afirma que as longas filas formadas na entrada dos museus, não mobilizavam as pessoas exclusivamente devido às obras do acervo, mas também pela própria arquitetura (ARANTES, 1991).

Em Inhotim, é compreensível que a arquitetura, juntamente com a relação estabelecida entre obra e natureza são atrativos e constitutivos da interpretação artística pelo visitante. Nesse sentido, podemos refletir a obra *Sonic Pavilion, 2009* (**imagem 17 e 18**), de Doug Aitken, como um relevante exemplo que demonstra o valor adquirido pela arquitetura e pela paisagem no conjunto da obra. Com o objetivo de captar os sons da terra, a obra pode ser lida como a própria arquitetura edificada e sua construção não podem ser analisadas fora do local onde ocupa na paisagem, em um dos pontos mais altos do museu. Sob esta acepção a própria galeria é considerada também a obra de arte cujo sentido se dá atrelado ao contexto natural e paisagístico onde foi implantada.

Trata-se de abrir um furo de 200 metros de profundidade no solo, para nele instalar uma série de microfones e captar o som da Terra. Este som é transmitido em tempo real, por meio de um sofisticado sistema de equalização e amplificação, no interior de um pavilhão de vidro, vazio e circular, que busca uma equivalência entre a experiência auditiva e aquela com o espaço (Inhotim, 2017).

Quem visita esta obra trabalha os sentidos auditivos e visuais, pois interessa a caixa acústica e ao mesmo tempo a paisagem que nos dá uma dimensão da imensidão das serras arredor. Escutar os sons da terra, e apreciar essa imensidão, nas palavras de (Gemin, 2014, p.38) “nos leva para a profundidade da terra, mas não nos alija

do mundo, ao contrário nos dá uma experiência de imensa consciência do estar, do ser um corpo pertencente a um organismo vivo, a terra”. É interessante também considerar que embora a experiência possibilite uma vista panorâmica da paisagem, existe, contudo, um efeito especial que te permite visualizar apenas a parte ao qual você olha de frente para o vidro, deixando todo o restante da circunferência embaçando. Isso pode ser uma forma de manter a contemplação do visitante, voltado para cada parte da paisagem. Ou talvez uma maneira de reter a atenção do visitante não especialmente para a paisagem, mas para o conjunto da obra que se manifesta pela arquitetura, sistema sonoro e paisagem em si.

Figura 17 - Fotografia interna da *Sonic Pavilion*



Fonte: <https://goo.gl/468JA9>, 2018

Figura 18 - Fotografia externa da *Sonic Pavilion*



Fonte: <https://goo.gl/468JA9>, 2018

De acordo com Huyssen (1994) em *Escapando a amnésia, o museu como cultura de massa* os câmbios das instituições museológicas conformam uma adaptação ao perfil do visitante, que “cada vez mais, parece estar em busca de enfáticos, esclarecimentos instantâneos, superproduções e espetáculos de grande sucesso ao invés da apropriação meticulosa do conhecimento cultural” (Huyssen, 1994, p. 36).

Nessa perspectiva de adaptação à mudança do perfil dos frequentadores, os museus têm cada vez mais incorporado uma estética de desenhos e recursos audiovisuais, respondendo a uma nova concepção de modelo de museu. Isso se apresenta como estratégia de comercialização de tais instituições, em função da diversidade de perfis do público que acessa os museus também. Sob este ponto Faria (2016) justifica:

Estamos presenciando en el mundo occidental un renacer de las instituciones culturales y los museos adquieren un estatus sorprendente. Hay museos acerca de todos los intereses que se puedan imaginar: del Apartheid (Johannesburgo, África del Sur, 2001), del Perfume (Curitiba, Brasil, 2004), de la Favela (Rio de Janeiro, Brasil, 2008), del Whisky (Edinburgh, Escocia, 2009), del Tabaco (Sant Julià de Lòria, Principado de Andorra, 2004), de las Relaciones Rotas (Zagreb, Croacia, 2010), de la Cerveza (Lisboa, Portugal, 2012) y muchos otros (FARIA, 2016).

A economista também assinalou que a compreensão da arte como experimentação atrelada à oportunidade de mesclar temas de arte com entretenimento, conhecimento e natureza são algumas das características que Inhotim propicia e que vão ao encontro dos anseios desses novos consumidores (Faria, 2012).

A arquitetura, igualmente, se comunica com o público “por meio da utilização da linguagem visual persuasiva, adaptada às exigências da sociedade do consumo” (LUPO, 2016, p. 536). Portanto algumas instituições têm adotado certa similaridade com projetos arquitetônicos presentes em shoppings, cinemas, parques de diversão, etc. Conforme observa Lupo (2016 apud FUSCO, 1970, pg. 86) a arquitetura de museus, ao assumir características espetaculares e de destaque, no contexto urbano, “ênfatiza o papel do edifício enquanto elemento de comunicação”. Logo, pode-se dizer, no enfoque de Arantes (1991), que na atualidade reina “uma grande animação no domínio tradicionalmente austero e introvertido dos museus” produzidos pelos estados capitalistas ocidentais com o objetivo de “criar grandes monumentos que sirvam ao mesmo tempo como suporte e lugar de criação da cultura e reanimação da vida pública” (p. 161).

Em sintonia com o exposto Morelli de Meira (2011, p.110) acredita que a eclosão dos *novos museus* pode ser considerada como um sintoma da cultura ocidental dos anos 80, onde os frequentadores das exposições passaram a procurar cada vez mais experiências ligadas aos grandes espetáculos e as chamadas diversões de massa, ao invés da “apropriação meticulosa” de conhecimento cultural.

Diante disso, a arquitetura se apresenta como um elemento de atração para quem visita o espaço do museu. Um dos exemplos mais emblemáticos das características arquitetônicas em museus pode ser dado pela Fundação Guggenheim, com unidade em Bilbao, e Nova York chegando a projeções de construção do maior museu da rede nos Emirados Arabes³³. Esses museus sinalizam claramente a preocupação estética de constituição de um objeto arquitetônico singular como elemento

³³ <https://www.guggenheim.org/about-us>

de fetichização e configurando experiências espaciais extraordinárias e fora do comum (LUPO, 2016).

Figura 19 - Guggenheim - Bilbao



Fonte: <https://www.guggenheim.org/>, 2018.

Figura 20 - Guggenheim - Nova York



Fonte: <https://nypost.com/2017/09/27/the-guggenheim-bows-to-animal-rights-censorship/>, 2009.

Em relação a essas tendências conexas a arquitetura, podemos citar as galerias de Miguel Rio Branco, Adriana Varejão, Claudia Andujar, dentre um leque ainda maior, como arquiteturas espetaculares que caracterizam o Instituto Inhotim.

Figura 21 - Galeria Miguel Rio Branco



Fonte: <http://www.arquitetosassociados.arq.br/?projeto=galeria-miguel-rio-branco-inhotim>, 2019.

No pavilhão que recebe o nome do artista Espanhol, Miguel Rio Branco (**figura 21**) está exposto obras fotográficas e instalações audiovisuais produzidas por esse artista, ao longo dos últimos 30 anos. A grande maioria do acervo foi fotografada no Pelourinho, em Salvador. Por tal contexto, a arquitetura da galeria foi projetada para abrigar um leque de obras, que mantém um olhar crítico à sociedade, abordando temas como a exclusão e marginalização de negros, indígenas, mulheres e deficientes físicos. Os monitores do pavilhão orientam os visitantes a percepção da similaridade do formato que a galeria adquire com um navio negreiro. Na análise de Ana Vidal, a gestora cultural

acredita que a forma de embarcação, implícito a arquitetura, remete a dois fatores: um que vai ao encontro a mediação artística informada pelos monitores, de navio negreiro; outro relacionado à ideia de movimento, em um projeto de contestação e mudança social.

A arquitetura externa do Pavilhão Miguel Rio Branco é a primeira coisa que desperta interesse na exposição do artista. Em meio a uma ladeira rodeada por inúmeras árvores, surge o vão em um robusto formato de barco, de coloração acinzentada e suavemente inclinado. A embarcação suspensa gera uma explosão de dúvidas e sensações no espectador, podendo surgir inúmeras explicações sobre a tão atraente arquitetura da galeria. Duas relações ganham mais destaque. Muitos afirmam que a ideia do barco traz à tona a questão do movimento, de modo que as obras ali contidas estejam associadas a um projeto de contestação e mudança da sociedade. Em outra visão, pode-se dizer que o pavilhão remete a um navio negreiro, embarcação que trazia os africanos para o Brasil no período da escravidão. Destarte, o repertório de Miguel Rio Branco está diretamente relacionado a uma série de enfrentamentos sociais do Brasil, com ênfase para as populações marginalizadas, sendo essa problemática originária de nosso passado escravocrata³⁴.

O pavilhão Adriana Varejão (**figura 22**), construída em 2008, pelo arquiteto Rodrigo Cervino Lopes, a pedido da própria artista, nasceu com autonomia para ser pura experiência estética. Nesse sentido, na visão do próprio arquiteto, Rodrigo Lopes³⁵ uma característica que demarca sua construção se refere a qualidade e a sofisticação do espaço, que se difere das habitações que existiam no lugar.

Figura 22 - Galeria Adriana Varejão

³⁴ Fonte: <https://gvcult.blogosfera.uol.com.br/2017/07/06/cicatrices-as-feridas-do-passado-vivas-no-presente/>

³⁵ Fonte: https://www.galeriadaarquitetura.com.br/projeto/tacoa-arquitetos-associados_/galeria-adriana-varejao/1618



Fonte: Acervo próprio, 2018.

A galeria que recebe o nome da artista plástica suíça, Claudia Andujar (**figura 23**), inaugurada recentemente, no ano de 2015, também merece destaque dentro das arquiteturas espetaculares. Criada para abrigar mais 400 fotografias realizadas pela artista no período entre 1970 e 2010, quando esteve na Amazônia brasileira, com o povo indígena Yanomami, o pavilhão é hoje considerado o segundo maior espaço expositivo do Inhotim. O projeto assinado pela empresa, Arquitetos Associados, também responsáveis pelo projeto da galeria Miguel Rio Branco, localiza-se em uma encosta densamente arborizada com acesso por trilhas em meio à vegetação. No site³⁶ da empresa responsável pela obra é informado que a localização da galeria foi escolhida de forma estratégica para alçar uma interpretação ampliada das relações possíveis entre arquitetura e natureza.

Figura 23 - Galeria Claudia Andujar

³⁶ Fonte: <http://www.arquitetosassociados.arq.br/?projeto=galeria-claudia-andujar-inhotim-2>



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Os exemplos supracitados englobam um tipo de arquitetura que se apresenta como um espaço antagônico a realidade que os permeia. Embora muitas dessas construções trabalhem com o ideal de harmonia entre arquitetura, obra e paisagem, a grande parte dos projetos de seus pavilhões é esvaziada do *conceito de historicidade* (Carlo Argan, 1984), tendo em vista que são projetos destituídos de valores históricos locais. Logo, é plausível figurar o distanciamento do formato carregado por Inhotim com a região onde se localiza.

Werneck Lima (2012) ao refletir o espetáculo arquitetônico que envolve a construção de grandes museus, centros culturais e outras megaestruturas monumentais orientadas para o turismo cultural, chama atenção para o fato de que tais projetos determinam novas especializações de grandes regiões muitas vezes incluindo novos habitantes e excluindo antigos moradores.

“Imperam os projetos pontuais, com múltiplos programas e edificações-espetáculo recobrando grandes terrenos sem relação com os hábitos e mapas mentais dos habitantes dos locais que, de uma hora para outra, transformam-se em museus a céu aberto. Alguns dos recentes projetos de revitalização implicam em estratégias de intervenção inteiramente distintas, onde a cidade se transforma num conjunto

fragmentado de grandes regiões. Novas atividades se apropriam de espaços que se tornam exclusivos e desestruturados, onde o antigo habitante não se integra” (WERNECK LIMA, 2012, p.3).

“Como os habitantes percebem as grandes diferenças que advirão de uma radical transformação estética e de função?”, questiona a arquiteta (Werneck Lima, 2012, p.3). Para responder a tal questionamento, utilizamos da simbólica fala de um morador local, ao mencionar o impacto gerado na população brumadinhense, dada o tamanho das obras que a instituição demandou para se projetar no município pequeno:

Aí você pensa uma cidade de quase 40 mil habitantes, hoje 2017, um museu de arte contemporânea que era algo que 99% das pessoas aqui não tinham nem ouvido falar, chega com aquela imponência, aquele tamanho sem a participação sem nada, sem nem ao menos comunicar o que era. Lembrando que desde o início dele o instituto nunca visou participação da comunidade, ele nunca visou essas coisas. É o inhotim. O fato é que Brumadinho foi escolhido para ser Brumadinho, mas se ele fosse em outro lugar não faria tanta diferença

A mudança na paisagem cultural e natural intermediado pela criação do Instituto, como anteriormente constatado, reconfigurou a região conectando-a majoritariamente com o mundo em detrimento de seu entorno. Isso vai em sentido oposto a afirmação de Arantes (1991) que considera que as características que delineiam os *novos museus* normalmente trazem a cidade para dentro da instituição, ao possibilitar uma gama de ofertas de produtos e serviços. Entretanto, é possível recorrer que o sentido defendido pela filósofa se adere a uma concepção que demarca a independência que essas instituições adquirem de seu entorno, e não necessariamente enquanto um fator histórico/cultural da cidade presente nas mesmas. Ademais, acrescenta que os *novos museus*, contam com uma gama de serviços comercializados em cafeterias, restaurantes (**figura 24**), teatros, salas de concertos, livrarias, lojas de artesanatos, e objetos artísticos, etc.

Figura 24 - Restaurante Oitica



Fonte: Acervo próprio, 2016.

Em muitos casos, Arantes (1991) afirma que as instituições museológicas passaram a comercializar produtos com a própria marca. Esse dado se estende ao Inhotim, uma vez que, dentre o rol de produtos distribuídos em sua loja de artesanato, existem várias opções comercializados com a marca Inhotim. Tais produtos vão desde souvenirs à objetos mais sofisticados, como bolsas, carteiras, chapéus, etc. A **figura 25** estampa alguns desses produtos.

Figura 25 - Produtos comercializados da marca Inhotim



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Sob esta perspectiva a economista Faria (2016) ressalta que os museus pós-modernos passam a ser um tipo de “museu-mercado” que foge do formato estabelecido tradicionalmente, ao incluir produtos a ser consumido por seu público massivo. São produtos e serviços ofertados que passam a ser rentáveis para a gestão da instituição. Joana Marque (2013) ao discorrer sobre o espaço dos museus contemporâneos como lugar de hibridismo, frisa que os museus têm passado a rentabilizar espaços existentes como auditórios, salas de exposições temporárias, além de criar-se novas possibilidades de comercialização.

Sobretudo a loja veio tentar aumentar as potencialidades comerciais dos equipamentos, com especial impacto no museu, transformando aquilo que não está disponível para venda (a coleção) em pequenos *souvenirs* que satisfaçam o impulso comercial do público e criem a ilusão de “levar o museu para casa” (p.3)

Figura 26 - Igreja Inhotim



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Em Inhotim, através da agencia Belvitur, localizada em Belo Horizonte, são comercializados diversos espaços para realização de eventos de naturezas múltiplas, que vão desde corporativos como reuniões, conferências, congressos à eventos socioculturais como casamentos, batizados, show, espetáculos, etc. Um espaço disponível para aluguel de eventos é a Igreja de Santo Antônio (**figura 26**), a mesma apresentada na abertura do capítulo anterior. Sua construção do século XX foi reformada mantendo arquitetura original na área exterior e alterando por dentro seu formato, conformando um modelo de auditório. Além disso, ao lado da igreja, foi construído um espaço com capacidade para até 200 pessoas, para atender, principalmente batizados e casamentos. No local têm sido projetado uma cozinha industrial e vários banheiros para atender as demandas dos eventos.

Nesse cenário, conforme observa Huyssen (1994, p. 36), a ideia de um “templo com musas” foi enterrada, surgindo no lugar um espaço híbrido, entre a diversão pública e a loja de departamento. O Museu abandonaria a sua condição de guardião de uma memória coletiva associada a um território, onde as comunidades locais podiam realizar uma autorreflexão sobre suas vivências e cultura, além de alimentar identidades, para se tornar nos ditos shopping culturais com lojas, cafés e reprodução de seus ícones em todo tipo de objetos, aos quais a estetização do design empresta visual contemporâneo (HUYSSSEN, 1997, p.224, apud GASTAL, 2010). Destarte, o papel do

museu tem se alterado, deixando este de ser um “local conservador elitista” para dar lugar ao “museu como cultura de massa, ou seja, como um espaço de *mise-en-scène* espetacular e de exuberância operística” (Huyssen, 1994, p. 35).

Nesse contexto, é fundamental o reconhecimento de que o Jardim Botânico Inhotim (JBI) se apresenta como um atributo imprescindível que impacta e media a experiência do visitante. Reconhecido com a chancela de Jardim Botânico desde o ano de 2010 pela Comissão Nacional de Jardins Botânicos (CNJB) o JBI é, possui a maior coleção em número de espécies de plantas vivas entre os jardins botânicos brasileiros (INHOTIM, 2018).

Para o ICOM (International Council of Museums), a partir do ano 1946, os Jardins Botânicos, passaram a ser considerados museus, tendo em vista, apresentar similitudes com os delineamentos que configuram as instituições museológicas, por exemplo, quanto às funções, objetivos, compromissos e responsabilidades com a sociedade em geral. Na análise sobre Inhotim essa relação pode ser considerada mais próxima ainda, uma vez que, ao contabilizar o acervo botânico como acervo museológico, essa instituição se classifica enquanto o maior museu a céu aberto do mundo. Contudo, se pensar exclusivamente no acervo artístico, esse dado se torna inverídico.

Embora o título de jardim botânico tenha ocorrido apenas em 2010, os contornos dessa ideia ocorreram nos primórdios da década de 80. No site de Inhotim a descrição sobre o paisagismo do JBI esteve vinculada ao arquiteto e paisagista, Roberto Burle Marx, até meados de 2012³⁷, informando que "Em 1984, o local recebeu a visita do renomado paisagista Roberto Burle Marx, que apresentou algumas sugestões e colaborações para os jardins" (INHOTIM, 2012). As influências de Burle Marx sobre o paisagismo de Inhotim também foram sinalizadas em diversas entrevistas³⁸ concedidas por Bernardo Paz, expondo, incluso, a relação de amizade que mantinha com o paisagista.

No estudo “*Entre os públicos e a espacialidade: um percurso pela recepção da arte contemporânea em Inhotim*”, Juliana Sá (2012), aborda que um fator que se aproxima das concepções do paisagista, Burle Marx, se refere ao prazer estético

³⁷No site da instituição a descrição sobre o paisagismo do JBI teve que ser alterada devido a decisão judicial em resposta a ação movida pelo antigo paisagista e arquiteto Luiz Carlos Brasil Orsini, que alegou ter seu nome omitido em benefício do nome de Burle Marx. Para mais informações: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,arquiteto-consegue-na-justica-credito-pelo-paisagismo-do-instituto-inhotim,908867>

³⁸<https://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2011/02/06/noticia-e-mais,107409/criado-por-bernardo-paz-inhotim-se-torna-referencia-em-acao-cultural-e-cidadania.shtml>

da contemplação dos jardins, promotor de uma relação afetiva do observador com o ambiente natural, conforme o **(figura 27)**. Outro aspecto a destacar sobre o JBI se refere a forma como se dá sua organização. Narra, através da entrevista concedida por Lívia Lana³⁹, que o JBI é caracterizado por uma linguagem paisagística que prioriza a construção de surpresas de modo a instigar a curiosidade do público que anda pelo jardim **(figura 27)**.

Figura 27 - Jardim botânico Inhotim



Fonte: <http://www.inhotim.org.br/inhotim/jardim-botanico/>, 2018.

Figura 28 - Jardim botânico Inhotim

³⁹ Engenheira agrônoma do Inhotim.



Fonte: Acervo próprio, 2016.

No estudo de Flores (et al., 2012), denominado “*Qual o discurso privilegiado nos jardins botânicos? Tensões e aproximações entre linguagem científica e linguagem leiga*” os autores delineiam algumas perspectivas no que tange a função dos jardins botânicos. Para eles, além de se projetarem como espaços de lazer, os jardins botânicos são guardiões de histórias, origens e trajetórias, passíveis de serem interpretadas no acervo que compõe e por isso são mediadores de um pensamento crítico que reflita a relação homem-natureza.

O Jardim Botânico muitas vezes é reconhecido pelo visitante como um espaço de relaxamento e deleite. Porém, para além desse caráter de lazer, expressa aspectos da cultura humana, seja pela organização do conhecimento produzido pela observação das espécies e seu desenvolvimento, seja pela seleção das espécies que o compõe. Cada planta guarda uma história, uma origem, uma trajetória. Através desses relatos poderemos compreender melhor o desenvolvimento econômico, social, histórico e cultural de uma sociedade. A forma como o homem dominou a natureza e a explorou, num determinado espaço e tempo, pode ser discutida através de um passeio pelo Jardim Botânico, desenvolvendo, assim um pensamento crítico, de forma diferenciada (FLORES, et al, 2012, p. 17).

Em suma, tentei traçar algumas perspectivas dialogando em torno das características que permeiam os museus contemporâneos, à luz das considerações

envoltas em estudos desenvolvidos por museólogos, arquitetos, filósofos (dentre outros), que se assemelham ou se refletem dentro do Instituto Inhotim. Ademais, dessa consideração é possível tecer algumas interpretações em torno dos processos de renovação urbana e gentrificação que têm permeado as instituições museológicas e que considero arraigados também à instituição pesquisada.

2.3 INHOTIM, RENOVAÇÃO URBANA E GENTRIFICAÇÃO

Na obra *“A reinvenção das cidades por um mercado mundial”* a arquiteta brasileira, Fernanda Sánchez (2003), afirma que os museus têm ocupado papel principal nos chamados “espaços de renovação”. Isso ocorre no contexto da globalização onde a comercialização e especulação em torno do espaço tem se acentuado. Werneck Lima (2004) acrescenta a essa discussão o fato de que os museus, e as revitalizações urbanas, acoplados a grandes eventos internacionais, tem constituído o que David Harvey denominou de “empresariamento urbano”. Tal fato sucede como consequência do capitalismo do final do século XX, onde as cidades são ajustadas à ordem econômica mundial, agora na função de mercadorias a serem consumidas.

O Estado que normalmente atua como agente fomentador dos processos de renovação do espaço encontrou na parceria com o setor privado um pilar para manutenção da lógica de tais projetos. A autora cita exemplos das cidades globais de Barcelona e Curitiba, para fundamentar seus argumentos, construindo uma rica produção sobre a gestão dessas cidades, pautando no planejamento estratégico das mesmas, enquanto cidades-mercadoria, que responde a um mercado mundial de cidades. Um exemplo mais próximo também pode ser visualizado a partir do Circuito Cultural Praça da Liberdade, em Belo Horizonte – MG, cujo projeto, fruto da iniciativa público-privada, implementou novos usos aos prédios históricos circundantes à Praça da Liberdade, transformando estes em diversos espaços culturais. A maioria das instituições carregam no nome a organização privada financiadora do projeto. A saber: *Memorial Minas Gerais* – **VALE**, *Centro de Arte Popular* – **CEMIG**, *Centro Cultural* **BANCO DO BRASIL**, Casa **FIAT** de Cultura, **MM GERDAU** – Museu das Minas e do Metal, dentre outros.

A maioria dessas “renovações” é moldada a partir de valores culturais e hábitos de consumo do espaço tornados dominantes na escala mundo (SANCHÉZ, 2003,

p.46). A ingenuidade não é mesmo o denominador comum desses projetos, *“eles servem quase sempre para esconder outras regiões da cidade onde reina a pobreza, a falta de educação e a miséria* (WERNECK LIMA, 2012, p.2).

Nasce uma arquitetura do espetáculo para encenar lugares públicos, uma teatralização da vida pública, que, na verdade, exclui a primitiva população destes espaços regidos pelo poder político e pelos interesses corporativos, que, a meu ver, se transformam em espaços semipúblicos, uma vez que o público deve pagar pelos serviços dos quais usufrui (Werneck Lima, 2012, p.2).

Ao evidenciar a conseqüente exclusão da população local nesses projetos de renovações, é possível reconhecer o fator gentrificação como um resultado atrelado. Na prática a gentrificação é responsável por substituir uma população que utiliza e habita determinada área, por outros públicos, de classes mais elevadas.

Refere-se ao fenômeno de deslocamento da população original de uma área urbana em prol da posterior ocupação desta por outro setor populacional, de classe econômica geralmente mais alta, com apreensão e vivência da cidade, normalmente diversas daquelas dos habitantes originários (RENÁ, BERQUÓ, CHAGAS, 2014, p. 73)

Quando não é imposta por uma ação direta (via decretos, ofertas de compras etc.), pode ser indiretamente, tendo em vista o aumento do custo de vida que as renovações urbanas geram, implicando na incapacidade da população local em se manter no espaço. Para Werneck Lima (2003, p. 3), a gentrificação é mediada através por “modelos de uma relação inter-humana comercialmente reduzida sob o jugo do consumo e da reprodução”, onde os residentes ficam permanentemente excluídos.

Embora Inhotim não seja um exemplo de espaço totalmente público e Brumadinho não seja uma cidade dita globalizada, onde esses processos ocorrem com maior frequência, é fundamental o reconhecimento das proximidades e distanciamentos que este projeto carrega com os processos aludidos. Afinal é possível recorrer que a implantação de um empreendimento tal qual o Instituto Inhotim alterou substancialmente o público que ocupava o espaço, substituindo uma população de baixa renda, por uma de poder aquisitivo elevado. Outrossim, vem continuamente aumentando os valores dos terrenos nas proximidades ao museu. Segundo o representante da Secretaria de Turismo e Cultura da Prefeitura Municipal embora não exista um estudo específico para apurar a expansão imobiliária em Brumadinho, o aumento do valor dos lotes ao entorno da instituição é uma verdade irrefutável já constatada pelos moradores.

Novas atividades isolam as atividades antes existentes no tecido urbano remanescente, provocando a desestruturação social. Estes projetos vão redesenhar extensas áreas com diferentes programas e instalações, concentrando grandes estruturas arquitetônicas que valorizam o solo de toda a área adjacente. Os espaços públicos anteriormente destinados às trocas de sociabilidade, o verdadeiro espaço vivenciado como define Henri Lefebvre, passa à condição de representação de um espaço artificial, desvinculado dos residentes e usuários, visto que constituído de uma só vez, sem considerar as tradições e as identidades locais (Werneck Lima, 2012, p.5).

É fundamental também o reconhecimento de que, diferentemente do que ocorre nos processos de renovação urbana onde existe uma parceria estabelecida entre o setor público e o privado, a transformação que culminou na *museificação* de Inhotim é fruto de um projeto totalmente privado. Nesse sentido o caso de Inhotim se torna mais emblemático ainda, tendo em vista a completa ausência do Estado no planejamento e acompanhamento de uma instituição de tamanha representatividade.

As considerações aludidas vêm em consoante ao que Santos (2004) apontou, ao discutir o campo museológico no Brasil. Para o autor é devido aos modelos das políticas culturais no Brasil, que o Estado vê, cada vez mais, seu papel reduzido na criação e na gestão dos museus, enquanto a atuação da iniciativa privada se torna cada vez mais acentuada. Já a pesquisa de Veloso e Andrade (2016) aborda a consideração de Canclini ao afirmar que, na realidade latino-americana, os museus apresentam tendências à privatização, culminando na consequência de se tornarem, cada vez mais, vitrines das grandes empresas responsáveis pelos seu patrocínio.

É em razão dos problemas apresentados até o presente, que acredito ser essencial o debate que denote o poder, o conflito e as narrativas envoltas nos discursos e práticas protagonizado pelo Instituto Inhotim. Dessa forma, exponho abaixo a discussão elementar que, se resumida nas palavras do poeta e museólogo, Mario Chagas (1999), procura mostrar que “há uma gota de sangue em cada museu”.

2.4 INHOTIM: NARRATIVA MUSEOLÓGICA E O ACERVO ARTÍSTICO

A narrativa museológica sobre o processo histórico da criação de Inhotim é apresentada no site da Instituição sem referência à existência anterior da comunidade que inspirou seu nome. O texto que narra o histórico do Instituto limita-se a informar o seguinte:

O Instituto Inhotim começou a ser idealizado pelo empresário mineiro Bernardo de Mello Paz a partir de meados da década de 1980. A propriedade privada se transformou com o tempo, tornando-se um lugar singular, com um dos mais relevantes acervos de arte contemporânea do mundo e uma coleção botânica que reúne espécies raras e de todos os continentes. Os acervos são mobilizados para o desenvolvimento de atividades educativas e sociais para públicos de faixas etárias distintas. (INHOTIM, 2017).

Essa narrativa se caracteriza pelo que (Borges, 2012) chamou de “existência de uma distância entre o sujeito-da-narrativa museal e o sujeito-do-discurso histórico” devido ao “silenciamento simbólico” que a instituição propaga reproduzindo “de uma violência sistêmica que se expressa na forma de encobrimento, deslocamento/transfiguração de significantes históricos e representativos e, finalmente, na entronização de memórias” (p. 5). Ao se debruçar na análise das narrativas históricas sobre o Inhotim, o autor chama atenção para a dualidade historiográfica presentes nas obras de Fernando Serapião (2011) e Valdir de Castro Oliveira (2010), representadas, ambas, sequencialmente, por refletir:

(...) uma história “oficial” que, em geral, pouco menciona sobre o antes do Museu do Inhotim, como se, antes, houvesse apenas um vazio que foi preenchido com e pelo Museu [no trabalho de Serapião]. E há outra, divergente, que insiste em mostrar que a fundação do Inhotim decorre de um processo de apagamento (territorial e simbólico) [no trabalho de Oliveira] (Borges, 2012, p. 4).

Ao longo de algumas reportagens jornalísticas foi possível constatar que a cidade de Brumadinho, também, foi muito ignorada, nas narrativas midiáticas. A exemplo, o jornal *El País*⁴⁰, na sua edição em português, dedicada ao Brasil, que descreveu a localização de Inhotim da seguinte maneira: “entre montanhas verdes em um lugar do Estado de Minas Gerais, no sudeste do Brasil a 70 quilômetros da capital Belorizontina”. Na mesma reportagem o autor se refere a Brumadinho como “uma cidade pequena próxima ao museu”, desvinculando todo o passado histórico do local, sem fazer nenhuma referência acerca da cultura local. Também Fernandes de Souza (2016), a título de exemplo, cita a reportagem do jornalista Lucas Mendes publicada na internet, em 2007, que menciona a seguinte descrição sobre o lugar: “a cinco minutos do terceiríssimo mundo e a menos de uma hora de Belo Horizonte, levei um choque de primeiro mundo como nunca tinha sentido no Brasil” (Fernandes de Souza, 2016, p.9 apud TRIBUNA, 2007, p. 6). De igual forma essa visão foi reforçada pelo curador do museu Rodrigo Moura a afirmar que:

⁴⁰ https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/08/cultura/1428519276_569961.html

se descobriu um lugar para se pôr no mapa. De uma visada da identidade museológica, institucional e cultural, era importante afirmar um lugar: o topônimo duma localidade virgem para criar um museu novo – o do nada e no nada (Fernandes de Souza, 2016, p. 9 apud MOURA, 2008, p.33).

Tais narrativas remetem a ideia de poder, que historicamente, permeiam as instituições museológicas. Por esse ângulo, o título do primeiro livro do poeta e museólogo, Mario Chagas, “*Há uma gota de sangue em cada museu*”, parafraseando o poeta Mário de Andrade⁴¹, intenta transmitir a dimensão humana, e ao mesmo tempo, os conflitos que as caracterizam tais instituições.

Admitir a presença de sangue no museu significa também aceitá-lo como arena, como espaço de conflito, como campo de tradição e contradição. Toda a instituição museal apresenta um determinado discurso sobre a realidade. Este discurso, como é natural, não é natural e compõe-se de som e de silêncio, de cheio e de vazio, de presença e de ausência, de lembrança e de esquecimento (Chagas, 1999, p.20).

Daí a percepção também de que os museus não são espaços neutros, muito pelo contrário, quando uma instituição como Inhotim se coloca a serviço celebrativo de uma memória dominante, invisibilizando sua relação com o entorno, indelevelmente se explicita a gota de sangue nela presente. Independente das novas feições que adquiriram nas últimas décadas “os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder” (Chagas, 1999, p. 20). Estes dois conceitos estão permanentemente articulados em toda e qualquer instituição museológica.

Em todo e qualquer museu este jogo, de cartas marcadas com sinal de sangue e de historicidade, acontece. Em todo e qualquer museu está em cena a apresentação (mais ou menos espetacular) de uma visão possível sobre determinado fato, acontecimento, personagem, conjuntura ou processo histórico e não a história mesma (Chagas, 1998, p.24).

O convite que o museólogo faz é para o entendimento de que “aquilo que se articula nos museus não é a verdade pronta e acabada, e sim uma leitura possível e historicamente condicionada” (Chagas, ano, p. 25). Ou seja, é a rememoração de um dado passado, cuja interpretação tem uma parte de subjetividade dado que “estamos diante de um modo de olhar, de uma perspectiva interpretante que traz em si a possibilidade de deformação” (Chagas, 1999, p. 8). Por isso chama as instituições

⁴¹ Mário de Andrade foi um dos pioneiros poetas da poesia moderna brasileira. O livro ao qual Chagas o parafraseou se denomina “*Há uma gota de sangue em cada poema*”, publicado originalmente em 1917.

museológicas a não ignorarem os conflitos ao qual estão submetidos, ou seja, sem esconder o “seu sinal de sangue”.

A lição que queremos aprender com M.A. [Mario de Andrade] é aquela que ensina que não é ocultando o conflito e fechando os olhos para as guerras que se alcança a paz; não é pelo engodo e pela farsa da globalização que o colóquio amoroso entre os povos se estabelece; e também não é pelo ocultamento das provas, pelo aviltamento e destruição dos outros, que o conflito desaparece (Chagas, 1998, p. 9).

Nessa relação ambígua, e também complementar, Chagas (1998) atenta para a capacidade dos museus “de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos de origem social diversificada para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas (” p. 7), implicando na tomada de ações que visam os interesses próprios à instituição frente ao seu redor. Ao tentar justificar e remontar o passado, os museus oscilam entre as duas posições representadas restando aos museus a perspectiva de “compreender o passado pelo presente, como algo interferente na vida e interferido por ela” (Chagas, 1991, p. 8).

Renata Andreoni em *Museu, memória e poder*, disserta, brevemente, sobre o processo de (re)significação dos museus na contemporaneidade, buscando apreender as relações dialéticas entre poder, memória e esquecimento no discurso museológico. A autora frisa que os museus são espaços de poder seletivos e contraditórios que acompanham as pluralidades e contradições da sociedade contemporânea composta por diferentes representações e identidades conflitantes (Andreoni, 2011).

A pensar pelo acervo artístico do Inhotim é possível enxergar em algumas representações que podemos identificar como identidades conflitantes. A obra do dinamarquês Olafur Eliason, *Viewing Machine, 2001*, (**figura 29**) reproduz os princípios de funcionamento de um caleidoscópio, onde o visitante pode manuseá-la, apontando para diferentes pontos. Localizada em um ponto alto a posição da obra direciona o olhar para uma montanha minerada (**figura 30**), paisagem recorrente no município. No site da instituição a escultura se apresenta como uma ferramenta que modifica a visão de mundo, proporcionando o prazer lúdico de sentir e perceber a si próprio (INHOTIM, 2016). Nesse sentido a máquina de ver (*tradução nossa*) pode ser pensada enquanto um exercício de autoquestionamento para a própria instituição, uma vez que o financiamento do projeto museológico advém da atividade mineradora, que conseqüentemente foi responsável por uma ampla devastação ambiental em Brumadinho. Essa atividade que gera a aniquilação

de território sob as consequências de impactos ambientais e sociais é também uma característica presente na museologia adotada por Inhotim.

Figura 29 - Viewing Machine, 2001



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Figura 30 - Paisagem minerada



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Viewing Machine compõe o acervo de obras comissionadas, ou seja, obras que foram encomendadas especificamente para o Inhotim. Dentre essas, algumas obras retratam a cultura local e mantêm vestígios do passado ao qual pertencia o lugar. A construção de uma pequena casa datada de 1874, da propriedade rural que deu origem ao Inhotim, é mantida como galeria permanente, que abriga a obra *Continente Nuvem*, da artista plástica brasileira Rivane Neuenschwander. A *casinha* cujo chão é de cimento queimado, possui paredes brancas e um grande vazio em seu interior. A obra em si se localiza suspensa junto ao forro próximo ao teto, com bolinhas de isopor que se movimentam através de um sistema de ventilação, tomando formato de diversos desenhos que podem ser apreciados de dentro da casa. O vazio da casa nos remete a duas coisas: a ausência de humanidade ali, representando o que ocorreu não apenas com esta, mas com quase todas as casas que compunham a comunidade Inhotim e também num sentido complementar pode ser um chamado a apreciação meticulosa da obra em si, conforme visível na **figura 31**.

Figura 31 - Interior da Galeria Casinha



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Na Galeria *Casinha*, representada na **figura 32**, a entrada do visitante dá-se pelas portas do fundo, espaço aquele que deveria ser a cozinha, traço marcante da mineiridade interiorana onde a recepção aos convidados se dá no espaço de preparo da comida. O paisagismo ao entorno é cerceado de plantas frutíferas e medicinais, dialogando com a singela arquitetura da edificação e com a obra presente. Mais uma vez remetendo à calma da ruralidade onde a prática de olhar para o céu e relacionar as formas das nuvens com imagens do dia-a-dia é recorrente em pequenos povoados.

Figura 32 - Área externa da Galeria Casinha



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Em sintonia com o exposto também é possível conjecturar sobre a *Galeria Praça* através dos acervos de obras permanentes, a saber: a *Rodoviária de Brumadinho, 2005*, e *Abre a Porta, 2006*, dos artistas, norte-americano e Porto-riquenho, John Ahearn e Rigoberto Torres. Em *Rodoviária de Brumadinho, 2005 (figura 33)* os artistas representaram a estação rodoviária de Brumadinho e as pessoas que passaram por ela. O forró, dança popular da cidade, é representado, pois nesse local ocorria apresentações dessa dança, constantemente. Esse era um espaço de vivências coletivas e, por localizar-se no centro, também um ponto de encontro e de passagem dos habitantes da sede e dos povoados. As esculturas realistas foram criadas no corpo dos próprios moradores locais, ao longo de aproximadamente um ano de imersão dos artistas na comunidade.

Estes artistas moraram em Brumadinho por cerca de um ano, em dois períodos distintos de estadia e acompanharam o cotidiano da cidade. Durante algumas semanas instalaram-se na rodoviária que se configura como uma praça no centro de Brumadinho, possuindo um coreto no meio, comércio ao redor e de onde saem e chegam ônibus de linha municipais e intermunicipais. Em um estabelecimento, no canto esquerdo da rodoviária, criaram um local de trabalho onde recebiam voluntários para participar do processo de ter seus rostos e corpos duplicados. Também estabeleceram local de trabalho no Inhotim, em dois locais distintos, cada um em um período: duas casas, ainda hoje existentes, da antiga configuração de Inhotim (Menezes, 2012, p.130).

Figura 33 - Rodoviária de Brumadinho, 2005



Fonte: Acervo próprio, 2017.

Em suma, a *Galeria Casinha* pode ser reconhecida como um objeto musealizado que traz uma ponte de ligação entre dois mundos separadas em passado e contemporâneo (um ausente e um presente), e simultaneamente religando essas realidades tão distintas. A *Galeria Casinha* e os murais *Rodoviária de Brumadinho, 2005*, e *Abre a Porta, 2006*, são as obras que possuem maior possibilidade de diálogo com os aspectos socioculturais do território de Brumadinho.

No que tange a esse distanciamento evidente com a cultura local que recorrentemente envolve os museus de arte contemporânea, Menezes (2012) justifica esse fato em virtude da tipologia sumária que os enquadram, caracterizada pelo eixo *universal*. Ao discutir sobre a identidade cultural nos museus, a autora sinaliza que as instituições de arte contemporânea se enquadram majoritariamente no eixo *universal*, que juntamente com o *nacional* e o *local / regional* compõem as três formas de amplitude que articulam tais instituições. Nesse sentido, os acervos constitutivos do eixo universal, por certo se apresentam como distante do viés ideológico da identidade (Menezes, 2012, p.

12). Isso se dá porque a prioridade no eixo universal está em uma representação de obras de diversas procedências, como constatado, em Inhotim.

Mesmo reconhecendo algumas limitações que se formam em virtude da tipologia em que se enquadram os museus de arte contemporânea, é preciso reforçar a ideia de que a construção de equipamentos culturais, desvinculados às vivências cotidianas do lugar, contribui para que estes sejam esvaziados de sentidos para as populações locais.

Diante da realidade de uma museologia produzida distante do lugar; de acervos sem grande referência cultural e de sentido simbólico da identidade da região, é possível reconhecer a importância de trabalhar um relacionamento mais próximo à comunidade. É nesse sentido que a discussão em torno da museologia social representa um campo importante para se pensar esse diálogo. Transcorro a seguir, mais do que um simples referencial sobre tal prática e seus marcos históricos, faço, contudo, um chamado ao Instituto Inhotim a repensar o relacionamento que vem desenvolvendo com seu entorno, afinal refletir uma museologia social em Inhotim é uma tarefa basilar.

2.5 POR UMA PRÁTICA MUSEOLÓGICA SOCIAL EM INHOTIM

Que o museu é uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; (MESA-REDONDA DE SANTIAGO DO CHILE, ICOM, 1972).

A Museologia Social pode ser entendida como uma vertente, dentro do campo da museologia, que preza pela relação do museu com a comunidade e o território. No texto de Mário Moutinho (1993) na revista *Cadernos de Museologia Social*, intitulado, “*Sobre o conceito de museologia social*” o autor afirma que “o conceito da Museologia Social traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (p. 7). Para o museólogo este esforço de adequação foi reconhecido e incentivado por várias instâncias da museologia desde a década de 60.

Uma dessas instâncias, considerada de grande importância para a consolidação do pensamento em torno da museologia social, se refere à *Mesa-redonda de Santiago do Chile*, ocorrida em 1972, intitulada “*A importância e o desenvolvimento dos museus no mundo contemporâneo*”. De acordo com Moutinho (1993), o evento encabeçado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), voltou o debate à reflexão sobre o papel do museu na sociedade contemporânea, em especial no contexto latino-americano. O encontro foi composto por pensadores latino-americanos, diretores de museus, e especialistas de diversas áreas do saber, comprometidos com sua realidade social (SANTOS, 1991 Apud, GABRIELE, 2014). No artigo intitulado “*Sociomuseologia. Uma reflexão sobre a relação museu e sociedade*”, Gabrielle (2014), relembra que as ideias do pedagogo, Paulo Freire, estiveram permanentemente envoltas nas discussões do encontro. Dessa forma a mesa de Santiago colocou em pauta o debate central sobre a importância da inclusão da comunidade na dinâmica do museu, em especial por meio da interdisciplinaridade (Gabrielle, 2014).

Para Querol e Sancho (2014) a evolução das linhas estabelecidas na Mesa de Santiago desembocou no aparecimento de uma corrente museológica denominada “*nova Museologia*”, que propunha a renovação metodológica dos princípios desta disciplina das ciências sociais. Com isso algumas formas de museologia se fizeram cada vez mais constantes, como por exemplo, os museus comunitários, ecomuseus, museus de vizinhança, etc. As bases dessa *Nova Museologia* foi reforçada com a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINION), em 1985. Neste movimento as estruturas de atuação dos museus foram reestruturadas, protagonizando a tríade conceitual onde comunidade, território e património constituíam a base de uma museologia de cariz social (Fernández, 2003; Bruno, 2010 apud Querol e Sancho, 2014).

Foi no decorrer da década de 90, que a Nova Museologia passaria por um processo de aproximação com outras áreas disciplinares das ciências sociais, que de acordo com Querol e Sancho (2014) desembocaria na regeneração da corrente museológica sob o nome de Museologia Social ou Sociomuseologia.

Neste contexto a Sociomuseologia, levando em frente os seus desafios, compreende hoje o museu como um processo político, poético e pedagógico em permanente construção (MINOM, 2013), que se desenvolve a partir de um conceito amplo e profundo de participação (Moutinho, 2010) (Querol e Sancho, 2014, p S.P)

Após a Mesa de Santiago, houveram outros encontros do MINON de importância tamanha que atualiza e intensificam as críticas em torno das instituições museológicas. No MINON 2016 ocorrida no Rio de Janeiro foram firmadas algumas proposições importantes, dentre as quais salienta-se um clamor para que a museologia assuma uma posição de contribuir para uma mudança social, política e econômica: “Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória [...]”. (Chagas, Assunção e Glas, 2014, p. 432).

Ainda que existam alguns autores, que de acordo com Chagas, Assunção e Glas (2014), fundam-se em uma crítica rasa afirmando que toda museologia é social, a museologia social caminha na contramão da museologia normativa e frequentemente perversa, firmando-se enquanto uma prática “sensível, compreensiva e libertária, constituída de novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação” (Chagas, Assunção e Glas, 2014, p. 433).

Neste panorama, a própria museologia social tende a se renovar em virtude das várias problemáticas envolvendo os museus contemporâneos. Chagas, Assunção e Glas (2014) afirmam que o campo da museologia social vem se desenvolvendo progressivamente nos últimos anos ressignificando o papel do museu a partir do valor que a comunidade o atribui.

Ao longo das últimas três décadas o MINOM, valorizando o trabalho coletivo e participativo, vem compreendendo o museu como um dispositivo estratégico para a defesa da dignidade social, da cidadania e do direito à criatividade e à memória. Nesse sentido, o museu não tem valor em si, mas o valor que lhe é atribuído pela sociedade e pela comunidade da qual surgiu e para a qual trabalha (Chagas, Assunção e Glas, 2014, p.430).

No que tange ao problema do acervo museológico, tais autores salientam que, indiferente da tipologia ao qual se enquadram, estes devem ser construídos pelas demandas sociais e que justamente por isso, deve estar comprometido com a melhoria da qualidade de vida e com a geração de benefícios para a comunidade local (Chagas, Assunção e Glas, 2014).

A vista disso, foi da constatação da importância de trabalhar um relacionamento mais próximo à comunidade nativa que o Instituto Inhotim criou no ano de 2007 o Departamento de Inclusão e Cidadania, almejando viabilizar ações de cunho social para a população brumadinense. Esse departamento mantinha um importante

compromisso com o desenvolvimento social do território de Brumadinho e seu entorno. No artigo, elaborado por funcionárias à frente deste departamento, Sena, Lopes e Oliveira (2011), caracterizam as ações da diretoria de Inclusão e Cidadania, da seguinte maneira:

Em seu território de ação, a Diretoria de Inclusão e Cidadania articula-se com as áreas internas identificando parceiros para a execução dos projetos e programas; com o poder público; as organizações sociais; o empresariado e os atores sociais formadores de opinião. Estimula o fortalecimento dos grupos e organizações existentes no território, a criação de novos grupos e a constituição de redes sociais. Expresso em números, o trabalho de promoção da inclusão e da cidadania construído por Inhotim atinge 12 municípios, além de Brumadinho (p. 93).

Ao longo dos sete anos ao qual o departamento se firmou, foram realizados vários projetos de cunho social em conjunto a escolas, comunidades quilombolas, grupos de artesanatos, etc. Em pesquisa na biblioteca do Instituto, tive acesso ao relatório da Diretoria de Inclusão e Cidadania, dos anos 2010 e 2011, e dentro os projetos protagonizados pelo departamento, o “*Acervo de memória e Patrimônio Histórico e Cultural de Brumadinho e Médio Paraopeba*”, me chamou atenção. Este é um projeto que vem sendo planejado desde o ano 2008, quando foi aprovado parte de seu financiamento pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG). Embora não tenha sido efetivado, o Acervo de Memória tem por objetivo fortalecer a identidade local, recuperando e preservando importantes instrumentos para constituição de sujeitos coletivos autônomos (Relatório de encerramento do Projeto Centro de Memória e Patrimônio Histórico Cultural do Instituto Inhotim, 2011). Sua implantação se dará ao longo de três unidades institucionais de acumulação, preservação e disseminação de informações históricas, técnicas e culturais. São elas: “*O Acervo de Memória e Patrimônio da região de Brumadinho, o Arquivo do Instituto Inhotim e uma biblioteca referência*” (Relatório de encerramento do Projeto Centro de Memória e Patrimônio Histórico Cultural do Instituto Inhotim, 2011, p. 36).

Infelizmente a *Diretoria de Inclusão e Cidadania* foi desfeita, no ano de 2015, passando a se configurar um “setor” dentro do *Departamento Educativo*. Em entrevista⁴² com o diretor do Jardim Botânico do Inhotim foi sinalizado que a extinção da diretoria de Inclusão e Cidadania, foi uma decisão política que não afetou no andamento dos projetos de proximidade com a população local. Segundo o mesmo, esse fato fez com

⁴² Entrevista realizada em 19 de abril de 2018, com Lucas Sigefredo. Para realizar entrevistas com os funcionários do Inhotim é necessária aprovação de uma comissão de ética que disponibiliza um parecerista, para realizar o acompanhamento e suporte nas pesquisas. Assim, Lucas foi, além de meu entrevistado, meu parecerista ao longo da pesquisa de campo.

que as ações de sustentabilidade, antes a cargo desta diretoria, fossem disseminadas para os demais departamentos existentes:

“Quando a gente precisa ter um setor de sustentabilidade em determinada empresa, a partir do momento em que a presença de um setor de sustentabilidade na empresa ela deixa de ser necessária, não é porque a sustentabilidade não é o alvo mais, mas é porque ela já foi incorporada e já está aplicada nas práticas dos colaboradores, nas práticas institucionais, e tal. A Inclusão e Cidadania, ela teve um papel muito importante durante muito tempo, que foi nessa construção da conexão entre instituição e sociedade. Então as ações que eram incorporadas dentro de uma única diretoria, elas passaram a ser redistribuídas dentro de ações de programas do educativo, que são programas de áreas estratégias dos acervos de botânica e arte. Eu acho que a gente tem um longo caminho a percorrer nesse sentido, porque a gente precisa olhar e ter políticas de inclusão cada vez melhor para nossos funcionários, para a população local de brumadinho de Belo Horizonte”.

Em síntese, embora exista uma grande resistência quando se faz uma crítica ao universo dos museus, é indispensável encontrar um ponto chave de um discurso que mostre as diversas facetas produzidas por tais instituições. Nesse sentido encontrei na museologia social as bases a um clamor ao Inhotim, para debater o seu papel social e suas contribuições, principalmente para aqueles que conformam o território onde se encontra. Mesmo que o diretor do JBI afirme que a ausência da Diretoria de Inclusão e Cidadania não se configure um empecilho para a continuidade de projetos no âmbito local, reconheço que tal viés necessita ser, cada vez mais, reforçado, no sentido, inclusive de se firmar como apoiador e fomentador de projetos que demonstrem os conflitos envolvidos, e enquanto propositor de formas de superação dessas consequências.

Em um território demarcado pela exploração mineral, uma instituição como Inhotim precisa cada vez mais reforçar seu papel social. Isso implica em não se limitar a centralizar os projetos e iniciativas aos muros do museu, pelo contrário, demanda em reforçar parcerias e apoios de projetos que requeiram o protagonismo de sua população. Embora uma análise mais aprofundada sobre o impacto das ações da antiga diretoria de Inclusão e Cidadania, demande maior aprofundamento sobre os projetos desenvolvidos, posso, ainda assim, reconhecer esta atuação, como um pilar relevante que necessita ser, cada vez mais, estimulado, pela instituição. É esse pilar inclusive, uma das bases ao qual a museologia social se firma, ou seja, no planejamento de ações com o protagonismo da população do território onde se instala um museu determinado.

CAPÍTULO 3 - BRUMADINHO E INHOTIM ENTRE O TURISMO

CAPÍTULO 3 - BRUMADINHO E INHOTIM ENTRE O TURISMO

Tendo em vista que o Instituto Inhotim pode ser considerado o motor da atividade turística em Brumadinho, neste capítulo, me proponho a discorrer, a partir dos insumos da turismologia, as relações que esta atividade tem protagonizado no município e as conseqüentes transformações que tem intermediado. Dessa forma o turismo, enquanto fenômeno dinâmico e complexo que incide sobre a produção e câmbios dos territórios se configura um dos importantes eixos de análise deste estudo.

3.1 REFLETINDO O TURISMO CONTEMPORÂNEO EM INHOTIM: ENTRE PARQUES TEMÁTICOS E A REABILITAÇÃO DE ÁREAS MINERADORAS

O geógrafo espanhol, José Antonio Donaire, no artigo intitulado “*La reconstrucción de los espacios turísticos la geografía del turismo despues del fordismo*” chama atenção para o fato de que o turismo contemporâneo tem conhecido um processo de transformação das estruturas tradicionais da atividade. Tais transformações se caracterizam pela reprodução de novos cenários, ou reconstrução de antigos cenários, em um formato que atende à demanda de uma sociedade cada vez mais heterogênea, segmentada e globalizada.

Como introdução à essa discussão é possível recorrer, conforme observa Donaire (1998), que o turismo de massa eclodido na década de 50 e 60, amplamente amparado pelo modelo fordista de crescimento, vem, desde a década de 80, dando sinais de seu esgotamento. Tal fato decorre da intensificação das tensões geradas em torno das estruturas tradicionais da atividade, tais como, descreve: “degradação ambiental pela superlotação da capacidade de carga, desequilíbrios ambientais, saturação em torno do espaço do atrativo, tensão cultural e social entre anfitriões e turistas” (Vera, 1994, apud Donaire 1998, p. 6).

Com efeito, esse turismo que se manteve até o início da Segunda Guerra Mundial enquanto privilégio das classes mais abastadas, e com a oferta de destinos em números mais restritos, no atual momento, tem alcançado maior popularização e multiplicação de suas práticas. Nesse sentido, o turismo tradicional, caracterizado por um crescimento padrão, claramente fordista e demarcado pela “*ocupación vertical de la*

primera línea de costa y una extensión horizontal en el transpaís más inmediato” (DONAIRE, 1998, p. 8) vem sofrendo certa estagnação na demanda, o que Donaire (1989) chama de “*crise de los espacios turísticos tradicionales*”, dando lugar a novos segmentos e modalidades da atividade, conformando “*una nueva geografía del turismo*” (Donaiere, 1998, p.8).

Es preciso destacar que la implantación del turismo en este período há dado lugar a núcleos urbanos y áreas regionales singulares, que difieren de la lógica convencional del espacio, digamos productivo. La transformación del paisaje em una mercancía, la aparición de nuevos usos em el espacio, la dialéctica entre anfitriones y huéspedes o la tensión entre el espacio de atracción (el objeto del interés turístico) y el espacio complementário (el espacio donde se unifica los equipamientos turísticos) son algunas de los rasgos singulares del espacio turístico (DONAIRE, 1998, p 5)

Em sua análise sobre as características e regularidades que definem *la nueva geografía del turismo*, Donaire (1998), propõe um breve itinerário por alguns dos principais cenários que conformam o turismo posfordista, dentre os quais, cita:

La reconversión turística de las áreas industriales em declive, las estrategias de valorización de los destinos turísticos maduros, los nuevos espacios turísticos de la hiperrealidad, o la creciente demanda de estrategias turísticas de sostenibilidad (p. 15).

A partir das noções propostas pelo autor, daremos enfoque a dois cenários específicos, que se configuram relevantes para a discussão aqui proposta. O primeiro se refere ao contexto dos “*nuevos espacios turísticos de la hiperrealidad*” almejando a reflexão em torno de Inhotim enquanto parque temático e o segundo se refere a “*reconversión turística de las áreas industriales em declive*” reflexionando o Inhotim enquanto um processo de reconstrução de área minerada.

3.1. 1 Inhotim – Parques Temático das artes contemporâneas

"Eu vou criar aqui uma Disney World pós-contemporânea cultural, que faça com que as pessoas cresçam"⁴³

(Bernardo Paz)

"Inhotim has been called a cultural Disneyland"⁴⁴

(The guardian, 2014)

"Mr. Paz's vision of assembling a "Disneyland" for contemporary art in the state of Minas Gerais"⁴⁵

⁴³ <https://revistatrip.uol.com.br/trip/bernardo-paz>

⁴⁴ <https://www.theguardian.com/travel/2014/jun/24/inhotim-brazil-open-air-art-gallery>

⁴⁵ <https://www.nytimes.com/2012/03/10/world/americas/bernardo-pazs-inhotim-is-vast-garden-of-art.html>

(The New York Times, 2012)

As narrativas na abertura deste tópico, citadas por Bernardo Paz e por reportagens dos renomados jornais, britânico e americano, “*The Gardian*” e “*The New York Times*”, se configuram fontes de dados que demonstram a recorrência com a qual o Inhotim vem sendo assemelhado/comparado ao projeto de uma Disneylândia. A “Disneylândia séria⁴⁶”, conforme Bernardo caracterizou Inhotim, aproxima-se da concepção defendida, por Faria (2012, p. 122), de “*museu-parque temático de arte contemporâneo y botânica*”. Tal acepção, abordada no capítulo 2, vai ao encontro às alterações que não se configuram particularidades dos museus pós-modernos, contudo, sinalizam mudanças nas práticas sociais e como tal, influenciam câmbios tanto no turismo como nas instituições culturais.

Se para Donaire, os cenários produzidos pelo turismo contemporâneo, têm culminado no aparecimento de “*nuevos espacios turísticos de la hiperrealidad*”, através, por exemplo, da intensificação na criação de parques temáticos, para a geógrafa francesa, Silvie Brunel, essas novas formas de uso turístico, tem produzido um processo intitulado como “disneylandização dos territórios e das culturas” (2009, p. 9). Trata-se, para a autora, de retirar o parque temático do seu enclave e fazer do território um parque temático do tamanho natural, retratado a luz de uma “redução mercadológica e arquitetural a estereótipos mundializados” (Brunel, 2009, p 9). Nesse sentido, os parques temáticos, segundo a qual (Brunel, 2009, p.8), considera “a maior invenção turística dos últimos sessenta anos”, têm sido foco de diversas discussões dentro do turismo. Isso ocorre devido, principalmente, ao aumento considerável que este modelo tem alcançado nas mais diversas culturas.

Arquétipo do turismo contemporâneo, os parques temáticos podem ser definidos por Soja (1996) citado por Gastal e Castrogiovanni (2003, p.122), como fenômenos pós-modernos em que arte e vida, se fundem, são congeladas e transferidas ou emprestadas a outro espaço, a fim de serem contempladas, vivenciadas e consumidas, por visitantes das mais diversas origens. O autor reforça que:

Os parques temáticos equivalem-se a modelos mutantes que servem como laboratórios civilizacionais que têm sua arquitetura limitada à simbologia e à estética, possível apenas como uma experiência isolada e bem definida. O paradoxo é que paralelamente à complexidade cultural programática e à instabilidade da civilização contemporânea, os parques temáticos oferecem às

⁴⁶<https://oglobo.globo.com/cultura/bernardo-paz-quer-transformar-museu-de-inhotim-em-complexo-de-entretenimento-consumo-2743351>

peças a oportunidade de retornar a um iconismo eclético, a uma clareza formal e, sobretudo, à narrativa da vida em sociedade, marcando o retorno a uma posição fortemente contrária aos dogmas antirepresentacionais cíclicos governados pelos modernismos atuais. Os parques públicos e jardins imperiais do passado, são considerados ancestrais dos parques temáticos por terem sido concebidos como espaços complexos de representação. Soja, 1996, *apud*, Gastal e Castrogiovanni, 2003, p.122).

Em concordância ao exposto, conforme observa, Faria (2012), utilizando do diagnóstico de Antón Clave (2007), os parques temáticos estão associados à sociedades pós-modernas devido a alguns fatores. O primeiro se refere à confusão entre imagens e formas que transformaram estes espaços em mais do que utopias, mas em lugares de memórias falsas, em que o universo está na inserção do presente, do passado e do futuro que eles representam. “Como um vídeo, o espaço é criado a partir de imagens de todas as partes, organizadas em uma sequência de comandos que sejam entendidos pelos consumidores, que vão sentir-se como uma celebridade em seu próprio filme” (Clave, 2007, *apud* Faria, 2012, p. 150). O segundo fator da análise de Anton Clave (2007) citado por Faria (2012) diz respeito a não diferenciação entre aquilo que é considerado o consumo e o que é considerado o lazer e, portanto, a inexistência de fronteiras entre as modalidades de consumo.

O exemplo do autor é o Disney Animal Kingdom onde não se precisa fazer nada, somente contemplar. Isso só é possível num contexto em que os consumidores vão aceitar uma autenticidade teatral como um “sistem of life and play” (Faria, 2012, p. 150, *apud* Antón Clave, 2007, 0.184)

O terceiro e último argumento refere-se ao fator simulação, considerando que os “parques vão além dos limites da realidade para construir a hiper-realidade” singularizada pela justaposição de mundo díspares (Anton Calve, 2007, *apud* Faria, 2012, p.150). Em conformidade com este último argumento, Donaire (1998) salienta que os espaços temáticos reproduzem a realidade “*no con la intención de camuflar la replica, sino con el convencimiento de que el simulacro supera la realidad*” (p. 23). Além do mais, o geógrafo acrescenta que os parques, enquanto projeções hiper-reais, se configuram como espaços dissociados tanto material como psicologicamente do seu entorno exterior.

Na medida em que a geografia dos parques temáticos apresenta-se como uma simulação/ reprodução, “*el enclave no está sujeto a la organización espacial preexistente, sino que crea um entorno nuevo, com uma lógica espacial más o menos desligada del exterior*” (Donaire, 1998, p. 23). Diante de todo arcabouço teórico já traçado no capítulo 1 e 2, que sinalizam esse distanciamento do Inhotim com a realidade local, podemos enquadrá-lo também, nesse sentido, enquanto um parque que não está alheio a

essas problemáticas contemporâneas.

Na realidade, se pensarmos na definição de Brunel (2009) os parques temáticos podem ser lidos como grandes bolhas turísticas onde ocorre a ficção de um universo maravilhoso e meticulosamente encenado. Com efeito, a pensar nas considerações do historiador, Yázigi (2001), na obra “A alma do lugar” é possível, portanto, apreender que os parques se configuram como lugares desprovidos de alma, ou como o mesmo define “lugares alienados” (p.15). Ainda sob este ponto de vista, outro enfoque pode ser dado a partir das considerações de Marc Augé, ao considerar os parques temáticos o espaço o “não-lugar”, ou seja, “o espaço dos outros sem a presença dos outros, o espaço constituído em espetáculo” (Augé, 1994, p. 167).

Nessa acepção, se faz relevante o registro da entrevista⁴⁷ concedida pelo representante do setor de Patrimônio da Secretaria de Turismo e Cultura da Prefeitura Municipal de Brumadinho, ao evidenciar o distanciamento da instituição com a realidade local, inclusive como exposto no capítulo 2, ressaltando o próprio discurso museológico, que por muito tempo invisibilizou a existência do território onde se localiza.

O Inhotim continua reafirmando ou deixando de afirmar que ele é de Brumadinho. O Inhotim ainda continua deixando bem claro que ele é a 60 km de Belo Horizonte, não é de Brumadinho. O Inhotim ainda continua reafirmando essa falta de parceria. Eu entendo que o museu ele traz muito da memória, do local, do espaço, mesmo que indiretamente. E aí eu me pergunto o que que tem de Brumadinho no Inhotim? (...) O fato é que Brumadinho foi escolhido para ser Inhotim, mas se ele fosse em outro lugar não faria tanta diferença.

Cabe também a referência à entrevista⁴⁸ realizada com outro representante da mesma Secretaria, contudo de setor diferente. O responsável pelo departamento de Turismo, ao relatar os opostos demarcados pelo formato da instituição em contraponto a realidade carente municipal, descreve a dificuldade da gestão pública em ofertar uma qualidade de serviços em consonância com o que o visitante adquire na experiência em Inhotim:

É um desafio que ele traz pra gente, por que a pessoa que vai no Inhotim ela se depara com tudo que é oferecido ali, os serviços, ela fica maravilhada. Quando ela sai e as vezes ela não encontra aquela qualidade dentro do município, vira uma associação. Então tem um choque aí, por que a pessoa ela tava num lugar, com um tipo de serviço e quando ela sai ela não percebe esse mesmo tipo de qualidade de serviços.

⁴⁷ Entrevista realizada em outubro de 2017.

⁴⁸ Entrevista realizada em janeiro de 2018

No estudo de Menezes (2012) ao recorrer à definição estampada nos primeiros folders de divulgação do que viria a se conformar o projeto do Instituto Inhotim, deparamo-nos com uma caracterização de um complexo turístico que se assemelha a ideia de resort:

Inhotim se desenvolverá em um oásis multidisciplinar de atividades onde visitantes podem passar alguns dias, ou longas temporadas, para imergir em um ambiente em que criatividade, lazer, entretenimento e educação são aspectos essenciais do dia a dia.(...) Hotel ambientalmente sensível e elegante, um SPA, um mini golfe, um centro de convenções, áreas de esporte, e um complexo de prédios dedicados à arte-educação estão entre os elementos chave planejados para esse lugar único nas montanhas do Brasil (INSTITUTO INHOTIM, 200. A. p. 4, tradução nossa, Apud Menezes, 2012 p. 102).

Embora os projetos de SPA, mini golfe e áreas de esporte não tenham sido efetivados, as obras para construção de um Hotel de luxo dentro da instituição tiveram início há aproximadamente dois anos. Quando concluído, a ideia de oásis multidisciplinar onde os visitantes poderão passar dias ou temporadas hospedadas será concretizada. Isso reforçará o caráter independente reportando o modelo de parques temáticos e resorts reprodutores de uma hiper-realidade artificializada. Na reportagem da revista Forbes⁴⁹, sobre o projeto hoteleiro é apresentada a seguinte descrição:

O hotel boutique será formado por bangalôs de formato retangular, com vegetação rasteira no telhado, para se integrar aos entornos do parque. Além dos chalés, a vila terá um lobby de 500 metros quadrados, piscina, restaurante de alta gastronomia e espaço para eventos (ERTEL, Lurdete, Coluna revista FORBES, 2015).

Na entrevista⁵⁰ realizada com o diretor do JBI, foi ressaltado que o objetivo da construção do Hotel foi vislumbrado *“não como um empreendimento institucional, mas como um empreendimento de apoio e suporte a instituição”*. Ademais, o entrevistado acrescenta que embora este seja um projeto encabeçado por Bernardo Paz, isso não implica que se configure enquanto um empreendimento do próprio museu.

O hotel é um empreendimento a parte, não empreendimento do Inhotim. Porque não é nosso papel social, construir restaurante, construir estrada, construir hotel. Não. A gente é uma OSCIP que faz a gestão de duas coleções: botânica e artística e proporciona ao público o acesso a essas coleções. Então é isso que somos. Mas o hotel aí vem a figura do empreendedor, Bernardo Paz, que falou assim, olha a minha atividade, ela não tá circunscrita à gestão de acervos. A minha pessoa física ne. Mas Inhotim tá. Então Inhotim não pode operar, construir

⁴⁹ <http://www.forbes.com.br/colunas/2015/10/resort-de-luxo-assume-obras-de-hotel-no-museu-inhotim/>

⁵⁰ Entrevista realizada em 19 de abril de 2018.

hotéis e tals. Mas eu posso ter parceiros, empresas que sim trabalham com hotelaria. E foi isso que ele fez. Projetou e construiu o que é hoje o hotel. O hotel, contudo, não está acabado. Os volumes estão todos prontos, devido às crises, do país, momento econômico político, então o trabalho ficou comprometido. A conclusão, na real, ficou comprometida né. Ai o compasso hoje é de espera e busca por empreendedores, mas isso não é o papel do Inhotim. Isso é um projeto a parte. Então o intuito do empreendimento é ser construído e se tornar uma ferramenta de apoio para o turista e obviamente uma ferramenta de suporte econômico para o Inhotim.

Devido os parques temáticos localizarem-se, geralmente, fora do cenário urbano, na periferia metropolitana, conforme aponta Ashton (1991), os serviços ofertados por estes (divertimento, entretenimento, contemplação, educação, alimentação e compras), em conjunto a possibilidade de uma infraestrutura de hospedagem para o turista pode ser um mecanismo a consolidar uma dada independência, no que tange a análise sobre Inhotim. A construção do hotel-boutique, nesse sentido, conforma aquilo que Ashton denominou de teias de territórios espaciais, ou seja, os espaços construídos ao longo do parque que formam teias proporcionando a oferta dos serviços de vivência, contemplação, compras e alimentação (ASHTON, 1999, p.67).

No mapa turístico de Inhotim (**Figura 34**) a ideia de parque temático pode ser mais bem visualizada, pois proporciona o panorama da dimensão territorial do empreendimento. Além disso, também é perceptível a gama de serviços de apoio e equipamentos de infraestrutura acoplados, como restaurantes, lojas, cafés etc.

Figura 34 - Mapa turístico do Inhotim



Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/turismo/parana-tem-um-dos-maiores-museus-a-ceu-aberto-do-brasil/>, 2018.

O museu *Felicia Leiner* não possui uma ampla oferta de serviços, características dos parques temáticos, conforme abordado, contudo, se figura também como espaço de realização de eventos, tais como o consagrado *Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão*, inaugurado em 1979. Através do auditório Claudio Santoro, o museu atua na promoção de eventos educacionais, lúdicos e interativos e, para tal, conta com espaços de apoio e suporte à demanda, como por exemplo, cafeteria e restaurante.

Uma característica que perpassa tanto o museu Inhotim como o Felicia Leiner é o fato de que seus idealizadores foram empresários / artistas independentes, ou seja, frutos da iniciativa privada. E é centrado nesse fato, específico, que o Inhotim pode

também ser debatido enquanto uma estratégia de “segunda safra”, ao reflexiona-lo como um processo de reconstrução de áreas mineradas.

3.1.2 Da mineração aos souvenirs: Inhotim como estratégia de “segunda safra”

Outro enfoque relevante que conforma essa *nueva geografia postfordita del turismo*, se refere aquilo que Donaire (1998, p.15) classificou como “*la reconvención turística de las áreas industriales em declive*”. Nesse sentido, se atermo-nos ao contexto da mineração em Minas Gerais, é possível averiguar tal estratégia arraigada a vários espaços degradados pela atividade mineradora, tais como Mariana, Milho Verde, Itabira, Conceição do Mato Dentro, dentre outros, inclusive o próprio Brumadinho.

No âmbito da realidade municipal se relacionarmos com a historiografia local, é possível recorrer que o momento inicial da criação do Instituto Inhotim (década de 80) acompanhou o período de intensificação da ocupação do eixo sul-metropolitano de Belo Horizonte. Conforme já sinalizado no capítulo 1, através da obra de Andrade e Borges (2012), essa intensificação diz respeito à criação de condomínios fechados, financiados majoritariamente, por empresários da mineração, que buscavam expandir suas rentabilidades, nas cidades de Brumadinho e Nova Lima.

Ao longo dos anos 1950, a renda fundiária convertida em capital mediante a venda de terras tendia a ser reinvestida na modernização tecnológica de empresas mineradoras, a partir dos anos 1980, e, principalmente, no transcurso dos anos 1990, tais empresas passaram a buscar a diversificação de seus atrativos atuando no setor imobiliário do chamado eixo sul de expansão urbano-metropolitano de Belo Horizonte. Trata-se da introdução de novos princípios administrativos e financeiros levados a efeito por essas empresas, cujos objetivos são o de ampliar a margem possível de rentabilidade de seus capitais juntamente com a diminuição do seu tempo de rotação (Andrade e Borges, 2012, p. 151).

Em conformidade com tais argumentos, a pesquisa intitulada *MINERAÇÃO EM MINAS GERAIS - território e paisagem cultural*, de (Carsalade, et al., 2012, p.40), considera um exercício comum dos empresários da mineração, a prática de adquirir terras no entorno imediato onde atuam. No estudo oriundo de pesquisas desenvolvidas no âmbito da Escola de Arquitetura da UFMG, (Carsalade et al., 2012), sinaliza sua preocupação com tal contexto, uma vez que, as práticas aludidas têm concentrado grande poder de decisão sobre os usos do território nas mãos de um grupo limitado de empresários que se afiguram enquanto verdadeiros latifundiários.

Ao analisar a atividade mineradora nas fases de pré-operação, desenvolvimento e fechamento, em suas interfaces com as políticas de planejamento urbano e regional, sob a ótica da construção do território e da paisagem cultural em Minas Gerais, (Carsalade, et al., 2012), cunhou o termo “segunda Safra” para referir-se a projetos imobiliários e turísticos que ocorrem pós minas em áreas pertencentes a empresários da mineração.

Preocupando-se apenas com a maximização dos lucros nas atividades pós-fechamento de minas, a busca de uma “segunda safra”, recorrentemente está ligada a empreendimentos imobiliários desconectados dos planos diretores municipais que, por sua vez, apenas identificam as áreas como “manchas de áreas em mineração” sem outra classificação estratégica ou destinação objetiva (CARSALADE et al., 2012, p.43).

Devido à mineração se configurar uma atividade essencialmente não renovável, onde a “primeira safra” se estabelece como fase única, a expressão “segunda safra” denota, nesse sentido, o caráter de continuidade da rentabilidade envolta nos domínios territoriais dos empresários mineradores, agora através de empreendimentos imobiliários e turísticos. Logo, sob essa perspectiva, (Carsalade, et al., 2012), reconhece o turismo como estratégias de “segunda safra” implícito nos casos mineiros de “*Inhotim*”, “*Milho Verde e São Gonçalo do Rio das Pedras*” e “*Mina do Pico de Itabirito*”.

Particularmente no caso de Inhotim, embora sua área ultrapasse a zona mineradora pertencente a empresa, o autor, ainda assim, o considerou como uma estratégia de *segunda safra* dado os novos usos e alterações na paisagem estabelecida com a implantação do empreendimento “que se encontra quase como uma ilha na paisagem em processo de mineração” (Carsalade et al., 2012, p. 52).

Embora não construído inteiramente sobre área anteriormente minerada, aparece o caso emblemático de Inhotim, o qual, de qualquer forma, se encontra em região de intensa atividade mineradora e surge como uma alternativa interessante de requalificação de regiões degradadas pela mineração que utilizam a cultura como instrumento de reabilitação territorial (Carsalade Et al., 2012, p. 52).

Um destaque relevante em torno do projeto Inhotim se refere à ausência de atores imprescindíveis no seu planejamento. Um desses atores é o próprio Estado que, conforme destaca Werneck Lima (2012, p2) tem a obrigação de “analisar a questão da percepção do indivíduo sobre as transformações de grandes áreas urbanas”. Ademais, mediante o exposto no capítulo 1, a própria sociedade civil não foi incluída, nesse processo.

Em sintonia, Carsalade (et al. 2012, p. 53) acredita que o Inhotim se caracteriza como um caso “fortuito, desapegado de um planejamento regional necessário para o Quadrilátero Ferrífero que flutua livremente de acordo com o humor e disposição de seu criador”. Essa afirmação também foi por mim constatada, *in loco*, na entrevista que obtive com o representante do departamento de Patrimônio, da Secretaria de Turismo e Cultura da Prefeitura Municipal⁵², quando questionei sobre o relacionamento do órgão público com o Instituto. Foi demonstrada uma relação conflituosa permeada pela dificuldade em manter parcerias em conjunto entre tais órgãos.

Eu preciso falar que em Brumadinho os conflitos de ego e interesses são muitos presentes na nossa sociedade e aí pra piorar você tem um instituto daquele tamanho, você tem a prefeitura que é um poder praticamente soberano na sociedade. E aí você tem esse conflito. Essa falta de comunicação que persiste até hoje. Não há são pouquíssimas parcerias entre prefeitura e Inhotim, e as que tem eu não conheço nenhuma bem-sucedida.

Em suma, existem muitos conflitos que permeiam as relações protagonizadas entre setor público, privado e sociedade civil. Esses conflitos estão envoltos em relações de poder e, como tal, promovem êxitos para alguns setores e reprovações para outros. Conectado às questões envoltas nessas relações, o espaço estabelece novas funções que vão sendo demandadas ao longo do processo que protagoniza, ou seja, o de se tornar turístico e atrair cada vez mais visitantes. Por isso o debate sobre a turistificação em Inhotim é elementar, uma vez que estamos discorrendo, nessa pesquisa, um processo de transformação, que se faz, em grande parte, intermediado pelo turismo.

3.2 A CONSEQUENTE TURISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO

A turistificação pode ser conceituada de maneira simplória como as mudanças que um determinado lugar passa no processo de se tornar turístico. Para o historiador cubano-brasileiro, Hernán Venegas, no estudo intitulado “*Patrimônio, cultura e turismo no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty*”, a referência mais autorizada para os estudos sobre turistificação, talvez, se dê, nas ideias do geógrafo Francês, Remy Knafou. Em sua análise sobre a obra de Knafou (1991), Venegas (2011) caracteriza as três lógicas estabelecidas pelo geógrafo, para

⁵² Entrevista realizada em outubro de 2016.

delimitar o processo de turistificação. A primeira é pautada na figura do turista, ou seja, é graças ao turista que o lugar se torna turístico. O segundo fator determinante da turistificação de um espaço, e na atualidade o mais importante, se refere ao mercado⁵³. E como terceiro e último fator/fonte, Knafou (1999 apud Venegas, 2011, p. 92), destaca o papel dos planejadores e promotores territoriais.

Ainda em complemento a análise, Venegas (2011) apresenta a definição do geógrafo Ireleno Benevides que considera a turistificação um “processo de criação de uma ampla ambiência apropriada às práticas turísticas para, com isso, abranger os contextos objetivos e as representações subjetivas que motivam deslocamentos espaciais e existenciais” (Benevides, 2007, apud Venegas, 2011, p.93). De acordo com o estudo de Benevides (2007) citado por Venegas (2011) existem duas formas de turistificação do espaço. A primeira se refere ao aproveitamento dos recursos arquitetônicos, ambientais, culturais e paisagístico do lugar passíveis de serem inventariados para a conversão em produto turístico. A segunda forma, que, sob o ponto de vista desta pesquisa, se assemelha ao Inhotim, se refere aos lugares onde praticamente a urbanização veio em virtude do objetivo delimitado de promover o turismo

A partir de tais considerações é possível mencionar, pautado no princípio inicial, proposto por Knafou, que o turismo praticado em Inhotim foi o primeiro fator a evidenciar o processo de turistificação do lugar. No histórico de visitação mensal de 2007 a 2018 (**Anexo 3**), realizado pela *Diretoria de Operações* do Instituto Inhotim, no primeiro ano contabilizado, 2007, foi registrado a presença de 30 mil turistas, subindo, no ano consecutivo, para 123 turistas anuais. Hoje a instituição recebe a média de 350 mil visitantes anuais, consolidando-se um expressivo atrativo turístico em apenas 11 anos de abertura ao público.

O considerável fluxo de turistas que Inhotim consegue mobilizar tem gerado também consequências, como por exemplo, o congestionamento no trânsito da principal via municipal que dá acesso a instituição, intensificado nas quartas-feiras, dia em que a entrada do museu é gratuita, se estendendo, muitas vezes, até a rodovia MG 040. Ademais, em dia de finais de semanas e feriados, ou em dia de grandes eventos em Inhotim, são também comuns os engarrafamentos. Conforme perceptível na (**figura 36**) a

⁵³ O mercado, no ponto de vista de Hall (2001) citado por Castro (2016), é a esfera que mais possibilita a comercialização dos produtos turísticos, a criação dos postos de trabalhos, a circulação dos fluxos turísticos, a consolidação das cadeias produtivas do turismo, além do estabelecimento de circuitos e rotas turísticas.

principal via de acesso que liga até o museu, é bastante estreita, e por isso o congestionamento provocado impacta majoritariamente os habitantes do bairro Coab, nas proximidades, a instituição.

Figura 36 - Via de acesso ao Inhotim



Fonte: Acervo próprio, 2016.

Os grandes eventos são também uma característica que tem conseguido mobilizar um grande fluxo de turistas ao Inhotim, uma vez que, é prática comum da instituição, em datas comemorativas, inauguração de galerias e exposições, a celebração de eventos artísticos-culturais por seus espaços. Contudo, o que chamou mais atenção no que tange à comercialização de tais eventos se refere a realização de festivais, corridas e grandes shows. O MECA Festival⁵⁴, por exemplo, originado no Rio Grande do Sul, passou a ter edições dentro do museu (**figura 37**), levando grandes nomes da música brasileira como Caetano Velozo, Liniker, Jorge Bem Jor, Carol Conka, etc., a se apresentarem no espaço. O festival não se restringe a música, ofertando também palestras e workshops sobre diversos temas relacionados à arte e inovação, além de oferecer vendas de ingresso com áreas de camping livre para quem quisesse permanecer

⁵⁴ O Meca Festival, em 2017, recebeu vários questionamentos, na página do evento, no facebook, devido aos valores que foram considerados altos, pelos interessados no evento. O ingresso mais barato foi estipulado em R\$250,00, para participação apenas no último dia de festival, domingo. Para mais informações sobre as manifestações quanto aos valores do ingresso, acesse: http://blogs.uai.com.br/olhaso/2016/10/05/mecainhotim-ou-merrecapracadaestacao-precos-de-festival-vira-meme-e-gera-polemica-na-internet/?utm_source=worldsense&utm_term=intensamente%20criticado&utm_campaign=ws-em&utm_medium=retention&utm_content=creative.desktop.bold

no lugar. O evento que, este ano, realizará sua terceira edição, no local, é descrito, no site da instituição, como um “evento multicultural que mistura shows, palestras, workshops, exposições, entre outras atividades e experiências dentro do Inhotim” (Inhotim, 2018).

Figura 37 - Festival Meca Inhotim



Fonte: <http://projetopulso.com.br/experiencia-meca-do-inhotim-ao-morro-da-urca/>, 2018.

Ainda em relação às consequências do fluxo turístico que perpassa pela cidade, o relato⁵⁵ do representante do setor de Turismo da Secretaria de Turismo e Patrimônio da Prefeitura Municipal nos direciona para a reflexão de um câmbio que têm alterado uma característica representativa do município, ou seja, os traços que demarcam a cultura interiorana local.

Primeiro o Inhotim de certa forma ele tem feito com que o município ele perde uma característica dele, que é a característica de município interiorano. Ele tem perdido essa característica, por mais que a gente tenha um município que seja gigantesco na sua dimensão territorial, e características distintas em cada um dos povoados. Mas nós temos perdido essa característica, até mesmo quando a gente pensa o número de visitantes que o Inhotim recebe. Se o Inhotim recebe um número X, a gente pode dizer que esse número que Brumadinho recebe ele é muito maior por que você tem os sítiantes, as pessoas que vem a lazer, que vem visitar famílias, então igual o jornal Hoje em Dia que afirmou que no ano passado Inhotim recebeu 350 mil, então esse número ele é muito maior do que isso em relação ao município. Então isso, o fato de você está assim com essa expressividade. Por que você está falando só de dez anos, então ela é uma instituição recente. Assim, se a gente comparar com outros municípios, na questão do turismo, é uma instituição que ainda está muito recente. Isso de certa forma faz com que o município perca essa característica, porque o município passa ser bombardeado

⁵⁵ Entrevista realizada em janeiro de 2018.

com N pessoas de diversos destinos. São diversos países diferentes que estão aqui, isso abre precedentes para muitos fatores. Essa é a principal característica que o Inhotim fez.

Acoplado a esse processo está em andamento o projeto de construção de uma nova estrada, que pode figurar uma possibilidade minimizadora do impacto no congestionamento municipal. O novo caminho irá consolidar o percurso de acesso ao Instituto, sem passar por dentro da mancha urbana da Sede municipal. Sob este ponto, acredito, que o município acabará perdendo, pois impactará alguns restaurantes e estabelecimentos, que se criaram no trajeto até Inhotim. São estabelecimentos que se projetaram nesse caminho, justamente, para atender ao fluxo de visitantes da instituição. Em contraposição ao meu argumento, o turismólogo responsável pelo departamento de Turismo da Secretaria de Turismo e Cultura do município, acredita que a nova estrada, que será realizada em conjunto com uma ponte sobre o Rio Paraopeba, vai facilitar o andamento do trânsito para o morador local que se vê impactado pelo fluxo de carros na cidade. Contudo, também enxerga que tal estrada vai aumentar os desafios da gestão pública no que tange a formulação de estratégias para que o turista de Inhotim não se feche apenas no próprio museu:

“A ponte [estrada] ela traz uma alternativa muito boa pro morador local, por que na realidade ela vai melhorar a questão do trânsito no município, por que na realidade você tem um gargalo aí. Só tem uma entrada de acesso e saída, pra Inhotim. Então isso dificulta bastante. Então os turistas vão poder ter acesso ao Inhotim sem passar dentro da cidade. Mas se hoje, com o turista passando no centro da cidade, 350 mil turistas passando no centro da cidade, o município ainda não conseguiu criar estratégias fortes que possam fazer com que o turismo fique mais tempo no município, imagina quando ele tiver o acesso direto ao Inhotim. Hoje que ele está passando aqui, dentro do centro. Imagina amanhã”.

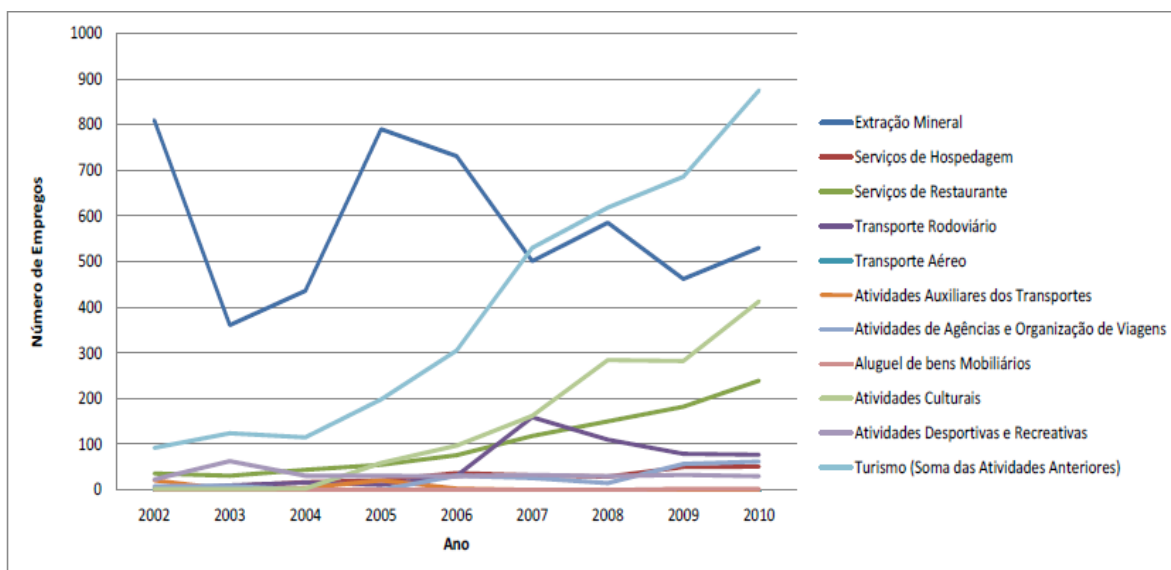
Paralelamente, na abertura desse ano foram iniciadas as obras de construção do mais novo aeroporto na RMBH. Com o nome de *Aérodromo Inhotim*, o aeroporto está sendo construído na cidade de Betim, onde se situa parte do polo industrial mais importante de Minas Gerais, e permanecendo a apenas quinze quilômetros do Instituto Inhotim. O empreendimento que comercializará voos comerciais e particulares, com foco na aviação executiva, está previsto para iniciar operação em agosto de 2019. No projeto também está predito a construção de um “terminal privativo de acolhimento

dos turistas que desembarcarem com destino a Brumadinho”⁵⁶.

É possível aferir que, em Brumadinho, ao contrário do que ocorreu em Paraty, por exemplo, onde Venegas (2011) diagnosticou a presença das três lógicas estudadas no processo de turistificação (os turistas / o mercado / os planejadores), a turistificação tem se desenvolvido majoritariamente protagonizada pelos agentes do mercado (setor privado). Tanto no que tange os projetos idealizados pelo Instituto, quanto ao crescimento no número de hospedagens e estabelecimentos alimentícios nas proximidades ao museu.

Faria (2012) ressaltou também a importância da implantação de um estabelecimento cultural de tamanho expressivo como Inhotim, em uma cidade pequena, gerou alterações no modelo econômico de Brumadinho, principalmente em relação a oferta de emprego do setor de atividades turísticas. Sob efeito de comparação, a economista, realizou um levantamento obtendo a série histórica de 2002 a 2010 do crescimento do número de empregos das atividades consideradas turísticas e do setor de mineração. O gráfico abaixo (**figura 38**) demonstra que as atividades do setor de mineração têm predominância nos primeiros anos da série analisada, tendo, em 2004, uma elevação e a partir desse ano um decréscimo. As atividades do turismo, em contraste ao setor minerário, têm um crescimento contínuo com destaque para o ano de 2007 (ano posterior à abertura do Inhotim) superando os empregos da mineração a partir daí (Faria, 2012, p. 143).

⁵⁶ Fonte: <http://www.otempo.com.br/capa/economia/aeroporto-de-betim-ficar%C3%A1-pronto-em-meados-de-2019-1.1577024>

Figura 38 - Gráfico de número de empregos gerados pelo setor turístico e mineração

Fonte: FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto. *Análises de la capacidad del turismo en el desarrollo económico regional: el caso de Inhotim y Brumadinho*. Tese de doutorado, Faculdade de Economia, Universidade de Alicante, e Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012, p. 145.

Na análise de Faria sobre o impacto de Inhotim na geração de emprego, Brumadinho aparece como o maior beneficiário dessa dinâmica. Contudo, no que tange seu foco principal, o desenvolvimento econômico, através do indicador do Produto Interno Bruto (PIB), a pesquisa diagnosticou que Belo Horizonte se configura a maior beneficiária, devido Brumadinho está localizada na zona de sombra da metrópole urbana conformada por Belo Horizonte, Fujita et al (2002); Ruiz e Pereira, (2009) apud Faria (2012).

Os resultados do modelo de equilíbrio geral utilizado nesta pesquisa para medir os impactos sinalizaram que Belo Horizonte, se constitui no principal beneficiário do ponto de vista econômico de toda a dinâmica de visita a Inhotim, uma vez que concentra serviços de apoio aos turistas, se constituiu em um polo comercial e industrial que oferece bens e serviços necessários aos setores que compõem o turismo, e, ao mesmo tempo, fornece os insumos para a operação do museu, além das mão de obra qualificada (Faria, 2017, p. 340)

Em relação ao impacto na diminuição da pobreza, Faria (2017) sinaliza que: embora a dinâmica proporcionada por Inhotim possa resultar em uma melhoria da condição de qualidade de vida das famílias locais a partir do turismo, “o desenvolvimento de atividades turísticas não é suficiente para permitir o desenvolvimento econômico local, dado que os setores que conformam o turismo não absorvem altos níveis de avanços tecnológicos, limitando o incremento de produtividade” (p.322). E reforça:

O turismo pouco contribui para economias com baixa diversificação setorial. Os ganhadores do desenvolvimento turístico das economias “subdesenvolvidas” são os grandes centros urbanos que possuem diversidade e maturidade na economia e serviços de boa qualidade. No caso aqui estudado, Belo Horizonte é a principal beneficiária, fortalecendo e ampliando sua área de influência, sua região

metropolitana, sua economia. Brumadinho, contudo, possui um potencial para desenvolver capacidades, um possível desenvolvimento humano, influenciado pela atividade do turismo cultural” (p. 324).

Sobre os planejamentos futuros que conformam também o processo de turistificação de Inhotim e Brumadinho, tais como o *projeto hoteleiro, construção de rodovias, aeroportos*, Faria (2017, p. 340) aborda que este pode se configurar como mais um exemplo de a-lugares, de “*City Lite*” representado sobretudo, pela possibilidade de vivência em um parque, “onde “pseudocidades” oferecem cenários da vida em uma cidade, mas não da cidade, são ordenadas e simplificadas, lugares com excelência de serviços e segurança, que é possível devido ao estilo de vida contemporâneo e urbano, demasiado urbano”.

3.4 BRUMADINHO ALÉM DE INHOTIM

É triste pensar que muita gente passa por Brumadinho apenas com o intuito de visitar o museu. Perdem a chance de desbravar suas paisagens infinitas, saber de sua história, conhecer as comunidades que formam sua identidade e provar a sua gastronomia, simples, porém deliciosa (Hypness, 2018).

De um lado Inhotim, do outro o povoado de Casa Branca e o distrito de Piedade do Paraopeba; esses conformam, segundo Faria (2017), os dois eixos principais do turismo em Brumadinho. Piedade do Paraopeba, por se configurar a terceira localidade mais antiga do Estado de Minas Gerais, possui um patrimônio histórico e arquitetônico singular representado pela Igreja de Nossa Senhora da Piedade, construída em 1713 (**figura 39**). Também apresenta um significativo patrimônio imaterial, através de celebrações culturais, como por exemplo, o encontro das guardas de congado e de Moçambique e demais festas religiosas. Já Casa Branca, na encosta da Serra da Moeda, rodeado por montanhas tem potencial para o ecoturismo, impulsionado, inclusive, pela proximidade com o Topo do Mundo, como comumente é conhecido.

Figura 39: Igreja nossa senhora da piedade



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Tanto Casa Branca, como Piedade do Paraopeba são povoados que se localizam mais próximos da capital Belo Horizonte, e distante da Sede Brumadinho. Logo por estarem no eixo-sul de crescimento da metrópole, e pela beleza paisagística que contempla, aí foram os locais mais afetados pelo processo de ocupação de condomínios e chácaras, conforme abordado no capítulo 1. Casa Branca e Piedade do Paraopeba com isso adquiriram a característica de cidades dormitórios, para atender à demanda de turistas de finais de semana, que buscam fuga do grande centro urbano. É em Casa Branca que se concentram a maioria das ofertas turísticas de alojamento e alimentação do município (Faria, 2017, p. 197).

As festas culturais que ocorrem no distrito de Piedade do Paraopeba também movimentam pessoas, muitos dos quais devotos religiosos a Nossa Senhora da Piedade. O encontro das guardas de Congado e de Moçambique, realizado no mês de maio, é um evento permanente do calendário cultural da cidade, que consegue movimentar pessoas dos povoados vizinhos e da metrópole. Nesse encontro se apresenta um dos grupos mais expressivos e também mais tradicionais de Minas Gerais denominado grupo *Congo e Moçambique da Comunidade quilombola de Sapé*. Composto

por aproximadamente 100 membros, o grupo tradicional se apresenta em festas religiosas de Brumadinho e região, casamentos da cultura, festejos de irmandades e demais encontros e festivais, voltados para a cultura afro-brasileira.

Figura 40: Apresentação do grupo Congo e Moçambique da Comunidade quilombola de Sapé



Fonte: <http://revistamultiplauni.wixsite.com/congoemocambiquesape>, 2018.

Fora do eixo Piedade do Paraopeba – Casa Branca, também o patrimônio material do período colonial, nos demais distritos, são construções que possuem potencial turístico, que vêm sendo almejado desde a década de 70, como indicou a descoberta do Forte de Brumadinho, no cap. 1. O acervo histórico das ruínas do Forte e da Fazenda dos Martins são bens patrimoniais tombados consequentemente pelo poder municipal e estadual, que registram e carregam a herança e tradição dos primórdios da ocupação desse território. Para a Fazenda dos Martins o governo municipal está em fase de implantação do projeto que objetiva criar aí um Centro de Referência da Cultura Negra do Estado. Já em relação ao Forte, o representante do departamento de Turismo da Secretaria de Cultura e Turismo⁵⁷, informou que no que tange à proteção o poder público trabalhou com o tombamento, contudo não houveram políticas voltadas para o

⁵⁷ Entrevista realizada em outubro de 2017

desenvolvimento do sítio histórico e de sua utilidade turística.

Embora muito se fale no potencial de Brumadinho para o turismo, houveram poucas políticas públicas para isso. Isso ocorre porque o município que se viu totalmente dependente da mineração, nossa cultura é totalmente dependente da mineração. Ou seja, por mais que na década de 70 já se pensava nisso como ações de desenvolvimento foi apenas em 2009 que foi criada a secretaria de turismo, que teve uma pasta para pensar ações, para pensar o desenvolvimento do turismo no território.

Esta declaração mostra o quão recente é a criação de um organismo oficial de turismo no âmbito municipal, em Brumadinho. Antes da criação da Secretaria, em 2009, existia apenas o Conselho de Turismo, criado em 2001, como órgão planejador. Se pensarmos no alcance que Brumadinho ganhou no cenário estadual é possível afirmar que isso ocorreu também recentemente, justamente por causa da abertura do Instituto Inhotim, em 2006. Como ressalta o representante:

O ideal é que os nossos bens patrimoniais possam crescer e se desenvolver juntamente com Inhotim, que aí você passa a ter uma região que está sendo desenvolvida. Não um produto aqui, um produto ali, mas a região em si. O poder público nunca teve ações nesse sentido. Nós tivemos a ação em 2009 que foi um divisor de águas no poder público, que foi a criação da Secretaria, tivemos o primeiro inventário turístico em 2008, em 2010 o primeiro plano turístico. Essas coisas foram um divisor de água. Foi a partir de então que passamos a ter profissionais formados no turismo, historiadores, a frente dessa secretaria, porque até então não se tinha. Então a gente percebe isso como uma deficiência. É um processo lento⁵⁸.

O mapa turístico de Brumadinho (**figura 41**) aponta para o reconhecimento dos principais atrativos, a saber: a Paróquia de Nossa Senhora do Piedade, a Capelinha de Nossa Senhora do Rosário, o Parque Estadual da Serra do Rola Moça, a rampa de voo livre no Topo do Mundo, o polo de cerâmica, a Fazenda dos Martins, o Quilombo Sapé, a Casa da Cultura Carmita Passos e o Instituto Inhotim.

Figura 41: Mapa Turístico de Brumadinho

⁵⁸ Entrevista realizada em outubro de 2017 com Representante do setor de Turismo da Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de Brumadinho.



Fonte: http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoMapa.aspx?cod_destino=170, 2018.

Acrescido aos atrativos listados, poderíamos incorporar ao mapa turístico, as Estações Ferroviárias de Marinhos e de Brumadinho como construções que documentam a segunda fase de ocupação do território, com o surgimento da Sede. São também espaços que no passado eram utilizados para lazer, passeios e trocas culturais e que hoje, se encontram sem demais utilidades, uma vez que a desativação dos três de passageiros, deixaram-nas em desuso. Especificamente a estação ferroviária de Brumadinho se configura um símbolo do município, que foi um divisor de água para o desenvolvimento da região. Apesar de frequentemente estar fechada, o local, hoje em dia, tem sido utilizado como espaço museológico, com exposições permanentes sobre a história da cidade e também algumas exposições temporárias, a exemplo da última exposição ocorrida em 2017, denominada *mineiridades*, realizadas pela Vale.

A estação ferroviária de Marinhos (**figura 42**) localizada nas proximidades da comunidade quilombola de Marinhos, no distrito de São José do Paraopeba, se encontra em uma pior situação, estando abandonada desde 1975, quando ocorreu seu fechamento. Embora esteja tombada pelo município desde 2004, a falta de uso, manutenção e abandono favorecem a visível degradação que toma a edificação. Nesse ano, contudo, foi aprovado a verba destinada para o projeto de restauração de sua

arquitetura, assim, a estimativa é de que até meio de 2019 a estação esteja restaurada. Com isso podem-se estabelecer novos usos para o espaço, dentre os quais, o uso turístico.

Figura 42: Estação Ferroviária de Marinhos



Fonte: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_paraopeba/fotos/marinhos061.jpg, 2018.

No que tange ao setor privado, o empresariado local também tem se mobilizado na tentativa de fortalecer o turismo municipal, fora do eixo Inhotim. Uma das ações cabíveis de mencionar se refere ao projeto denominado “*De Rolé por Brumadinho*”, idealizado pela empresária do Hostel 70, Nathalia. O objetivo do “*De Rolé por Brumadinho*”, nas palavras da empresária⁵⁹, firma-se em “levar o turista a conhecer outras realidades, ao longo do território, atraindo parte do fluxo que Inhotim movimenta e também ajudando a consolidar outros espaços de construções material e simbólica enquanto atrativos turísticos”. Para alcançar tais objetivos, foram criados, em 2017, alguns roteiros de experiência que representam as práticas e hábitos culturais da própria população e que, portanto, são portadores da memória, história e cultura do lugar. Os roteiros comercializados nesse projeto (Anexo 4), englobam as seguintes vivências:

- Trekking com piquenique energizante na cachoeira da Ostra, e no Poço encantado, passando pelo Forte de Brumadinho;

- Churrasco de Peixe na Cachoeira da Ostra;
- Sunset yoga após Inhotim, que acontece em um visual de 360 graus de montanha, na Pedreira de Brumadinho;
- Tarde no quilombo de Marinhos / Sapé, com almoço de comida típica, caminhada histórica e café com música de tambor;
- Degustação de cerveja artesanal nos distritos de Aranha e Piedade do Paraopeba, e pôr do Sol no Topo do Mundo.

Como forma de alcançar maior visibilidade para o projeto, Nathália acredita que o marketing digital é uma ferramenta de grande alcance de público e vem, nesse sentido, trabalhando com parcerias, para visibilizar Brumadinho, além de Inhotim. Dentre essas parcerias, se estabeleceram a reportagem da revista *Hypeness*, escrita por Brunella Nunes, com título de chamada: “*Além do Inhotim: o que fazer em Brumadinho, cidade-sede do maior museu a céu aberto do Brasil*”⁶⁰. A citação na abertura deste item foi retirada da referida reportagem que narra o percurso da jornalista, durante os quatro dias em que ficou hospedada em Brumadinho, destacando os costumes e lugares do município, indo, conforme a mesma declara, “além dos paraísos artificiais que ali habitam”. Ademais, existem duas outras parcerias realizadas para publicação na revista da companhia aérea, *Azul* e na *Vice*.

Além desta iniciativa, o projeto “*Café, batuque e prosa*”, encabeçado pelo cantor quilombola, Reibatique, surge também, enquanto possibilidade de consolidar um turismo de experiência, ou de base comunitária, nos territórios quilombolas. Logo desde 2017 são comercializados roteiros de imersão cultural e histórica nas tradições quilombolas, propiciadas através de troca de saberes, degustação da culinária típica, visita aos atrativos locais, e acesso a produção artesanal local (CAFÉ, BATUQUE E PROSA, 2018). O projeto, inicialmente, ocorre apenas nas comunidades de Marinhos e Sapé, contudo seu idealizador sinaliza possibilidades de expansão para vivência em demais quilombos e comunidades rurais tradicionais de Brumadinho.

Essas são propostas que possibilitam a integração de uma dada vivência no território, girando a economia e fortalecendo iniciativas de microempreendedores. A abertura de demais espaços para o turismo também faz com que o empresariado local não fique refém da movimentação ocasionada apenas por Inhotim, pois embora este seja

⁶⁰ <http://www.hypeness.com.br/2018/02/alem-do-inhotim-o-que-fazer-em-brumadinho-cidade-sede-do-maior-museu-a-ceu-aberto-do-brasil/>

o motor da atividade turística no município, os exemplos citados também podem vir a se consolidar como atrativo capazes de movimentar um fluxo turístico, desde que haja planejamento adequado.

Em suma, existem várias iniciativas e projetos que demonstram o interesse pelo desenvolvimento do turismo no município, contudo “*o caminho ainda é longo*”, conforme me afirmou o representante do departamento de Turismo, da Prefeitura. Além da necessidade de articulação entre o setor público e privado, o planejamento turístico de Brumadinho necessita ser pensado em um processo integrativo, que considere o planejamento socioeconômico e de uso do solo como a base dessa ação. Ademais, me lembrou o representante supracitado: “*Será que o brumadinhense ele quer realmente o desenvolvimento do turismo?*”. Eis um questionamento chave que a gestão pública precisa trabalhar com a sociedade civil para então intermediar os impactos do turismo no território. Se é de interesse majoritário o desenvolvimento do turismo no município, além dos projetos de infraestrutura e conservação dos patrimônios é necessário estimular o olhar para Brumadinho, provocando a curiosidade dos turistas de Inhotim e dos potenciais turistas, sobre o lugar, seus habitantes, seus hábitos culturais, suas histórias, lendas, etc.

CONCLUSÃO

O percurso desse estudo apresenta-se enquanto um exercício interdisciplinar, onde foram pesquisadas as transformações acarretadas em Brumadinho, intermediado pela criação do Instituto Inhotim. A interpretação desse processo foi alicerçada em amplas áreas do saber, ao incorporar contribuições de diversos campos. Nesse sentido, a interdisciplinaridade, enquanto característica metodológica cooperou para a sustentabilidade da análise, ao gerar um leque maior de possibilidades interpretativas. Ao mesmo tempo, a abrangência da pesquisa também contorna algumas dificuldades quanto à elaboração de uma conclusão absoluta sobre todas as temáticas. Assim, buscarei sistematizar as principais ideias que ocuparam essa pesquisa.

Primeiramente, é necessário dizer que a problematização que orientou este estudo buscou destacar os processos que considerei ocultos na maioria das pesquisas científicas o qual tive acesso sobre a instituição. Ou seja, percebi que tanto os conflitos, como as contradições intermediadas no transcurso da criação e funcionamento do Instituto Inhotim no território municipal eram fatores quase nunca destacados, e por vezes, não registrados nos estudos sobre este. Dessa forma, dei destaque a tais fatores, dentro dos limites metodológicos estabelecidos pelos eixos **Memória, Museu e Turismo**.

Na análise sobre a historicidade do território, centrei-me em apresentar a comunidade Inhotim a partir dos relatos orais dos antigos moradores, objetivando a desnaturalização do processo de reterritorialização e gentrificação acarretado. Pude concluir que a comunidade Inhotim teve, juntamente com o seu desaparecimento físico, o apagamento de sua história e esse fato ocorreu, não apenas devido à ausência de registros escritos sobre esse passado, mas também em virtude da destruição de construções e bens patrimoniais portadores de memórias e histórias do lugar. A priori, as primeiras alterações na paisagem, foram justificadas na afirmação da coabitação harmônica entre comunidade e museu, fato esse que não ocorreu, conforme constatado nas pesquisas de Oliveira (2010), Fernandes de Souza (2016), Borges (2015) e Menezes (2012). Pelo contrário, concebeu um câmbio de função e de paisagem muito grande, imposto para essa população em pouco tempo, pois embora a instituição vinha sendo conformada desde a década de 80, ainda nos primórdios de 2003 o empreendimento se

apresentava como uma incógnita, para os moradores locais, tamanha ausência de clareza com os demais atores envolvidos nesse processo.

Aqui é importante entender o contexto da mineração em Brumadinho, uma vez que, são os empresários mineradores os principais detentores de grandes porções de terras e, conseqüentemente, os responsáveis por gerar grandes alterações de uso e produção do território. Assim como ocorreu em construções de condomínios fechados, e áreas direcionadas a mineração, o Instituto Inhotim também, ao efetivar, sem o acompanhamento da Prefeitura Municipal, a compra de terrenos, ruas, igrejas, e demais espaços, que conformavam a comunidade, resigna e impõe a preponderância da *dominação político-econômica* do empreendimento, sobre a *dimensão cultural e simbólica* atribuída pelos antigos moradores, ao lugar.

Nesse contexto, considero que no processo de consolidar e delimitar os contornos da Instituição foram ocasionadas as maiores transformações sobre Brumadinho. As alterações na paisagem, na função, e no uso do espaço foram intermediadas por uma “violência simbólica e patrimonial” (Fernandes de Souza, 2016), dado a destruição física da comunidade, a ausência de diálogo com seus habitantes, e o ocultamento de registros desse passado, sejam eles pesquisas científicas, reportagens, e até mesmo, o próprio discurso museológico da instituição.

Concomitantemente, firmei o debate em torno do formato de Inhotim, me alimentando das discussões da museologia e da turismologia para questionar e problematizar algumas práticas e estruturas adotadas pelo museu. Ao dar luz aos conflitos e às relações de poder intermediadas por Inhotim, meu objetivo não perpassava pela defesa de uma visão maniqueísta sobre a museologia ou sobre o turismo. Pelo contrário, centrei-me no entendimento de que é apenas através do registro de tais conflitos que a busca para minimizá-los poderia ser trabalhada. Portanto, a contextualização das características de Inhotim, que conformavam problemáticas dos “novos museus”, ou mesmo dos parques temáticos, construí uma crítica, onde o diálogo perpassa pela relação estabelecida com o território. Assim, seja por adquirir novas características que possibilitam uma gama de serviços e produtos dentro do museu, seja por se estruturar nos conformes de um parque-temático, é possível averiguar que existe aí uma complexa continuidade do distanciamento do museu com o município.

O que intensifica ainda mais esse distanciamento é a ausência de uma narrativa historiográfica sobre as relações de poder estabelecidas entre museu e território.

Ora, os museus são também construções sociais e mais do que isso devem servir para construir contextos e, em muitos casos, trabalhar para a reparação e superação de violências que estão postas e naturalizadas. Discorrer as relações estabelecidas com o território se faz fundamental, em um contexto onde os museus têm, cada vez mais, se afastado de suas funções culturais, reproduzindo modelos que acirram desigualdades, gentrificação e embolhamento de suas realidades e benefícios.

Outrossim, é possível afirmar que Brumadinho é uma cidade muito carente quanto a oferta de espaços destinados a salvaguarda de sua história e cultura. O município não dispõe de nenhum outro museu além de Inhotim. Suas edificações e bens patrimoniais locais também têm sido pouco valorados no que tange políticas de salvaguarda e democratização do acesso, tanto para seus moradores, como para eventuais turistas. Logo, averigua-se que o turismo aqui mesmo enxergado como uma possibilidade de desenvolvimento econômico nunca foi de fato encarado enquanto política pública municipal. Quiçá, a sustentabilidade da atividade museologia e do turismo no município dependa de um planejamento integrado entre tais campos com a historiografia local.

Em conclusão, acredito que a pesquisa demonstrou, ainda que brevemente, a complexidade e a também complexa rede intrincada de consequências que a implementação de um museu como Inhotim intermediou e segue intermediando no território municipal. E em meio a essas consequências reconheço também que muitas outras análises conceituais são cabíveis para dar maior densidade e sustentação aos campos da museologia, turismologia, memória, etc. Contudo, ressalto que tais problemáticas podem desprender possibilidades futuras de continuidade na produção do saber, que não se esgotam, neste estudo.

Uma dessas possibilidades que considero importante para o planejamento de Brumadinho se refere à importância de refletir sobre a ausência de uma possível articulação entre os órgãos oficiais de cultura e turismo municipal, com o museu e a sociedade civil. Inhotim é uma realidade irrefutável para o município, isso, contudo, não significa dar o aval para um modelo de projeto que está posto e aceita-lo, senão reconhecer novas formas de gestão que intermedeiem os conflitos existentes, que deem voz e protagonismo para a população local e que acima de tudo seja benéfico para os mesmos. Essas formas de gestão só poderão ser eficazes com a devida articulação entre

instituição – poder público – sociedade civil. Logo, ainda há muito que pesquisar, entender e propor nesse processo que envolve museu - território / Inhotim - Brumadinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, José Carlos. Ruínas de um forte em Brumadinho pode mudar toda nossa história. **Jornal Diário da tarde**, Belo Horizonte, 03 de out. 1977, p. 14.

ALMANAK Administrativo, Civil e Industrial da Província de Minas Gerais para o Ano de 1864. Organizado e Redigido por A. de Assis Martins e J. Marques de Oliveira. 1º Ano. Rio de Janeiro: **Typographia da Actualidade**, 1864.
Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/almanak-administrativo-civil-e-industrial-da-prov%C3%ADncia-de-minas-gerais/393428>>. Acesso em: 21 de maio de 2016.

ANDRADE, Bernardo Alves de Brito. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade Distrito de Piedade do Paraopeba Brumadinho/MG - **Subsídios Históricos para o Projeto de Restauração**. Ouro Preto, 2014

ANDRADE, Luiz Antônio Evangelista de. BORGES, Glauco Cezar, Serra da Moeda: formação social e econômica. In INSTITUTO DE ESTUDOS PRÓ-CIDADANIA - PRÓ-CITTÀ 159s **Serra da Moeda: Recursos hídricos e biodiversidade para gestão ambiental -Institutos de Estudos pró-Cidadania - PRO CITTÀ** - Belo Horizonte, 2012.
ARANTES, Otilia B.f.. Novos Museus. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 31, p.161-169, 1991.

ASHTON, Mary. Parques temáticos. **Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 6, p.64-74, 1999. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3052/2330>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

AUGÉ, Marc. Os não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Trad: Maria Lúcia Pereira. Campinas: **Papirus**, 1994.

BAETA LEAL, Claudia Feierabend. A missão de Michel Parent no Brasil e “Proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro no âmbito do desenvolvimento turístico e econômico”, In: **As missões da UNESCO no Brasil: Michel Parent**. Rio de Janeiro: IPHAN – COPEDOC, 2008, pp. 13-32, pp. 60-68

BORGES, Glauco Cezar. A Serra da Moeda: formação social e caracterização do meio natural. In: **Serra da Moeda: Recursos hídricos e biodiversidade para gestão ambiental -Institutos de Estudos pró-Cidadania - PRO CITTÀ** - Belo Horizonte, 2012.

BORGES, Luiz Carlos. O INHOTIM QUE O OUTRO INHOTIM ENGOLIU”: MUSEU, SILÊNCIO E TRANSFIGURAÇÃO DE MEMÓRIAS. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Comunicação oral**. João Pessoa: N/a, 2015. p. 1 - 20. Disponível em:
<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2734/1202>>. Acesso em: 03 set. 2017.

BOYER, Marc. **A história do turismo de massa**. Bauru-SP: EDUSC, 2003

BRASIL, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do. O que é história oral. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

BRUNEL, Sylvie. Turismo e mundialização: rumo a uma disneylandização universal? Mercator - **Revista de Geografia da UFC**, ano 08, número 15, 2009. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/273/221>> Acesso em: julho / 2016.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. **DO SERTÃO AO TERRITÓRIO DAS MINAS E DAS GERAIS**: entradas e bandeiras, política territorial e formação espacial no período colonial. Tese de doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

CARSALADE, Flávio L. et al. Mineração em Minas Gerais território e paisagem cultural. In: **SIMPOSIO RED REUSE Y SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE RECONVERSIÓN DE TERRITÓRIOS**, 1, 2012, Belo Horizonte. Reutilización Sostenible del Espacio Minero. Belo Horizonte: Instituto Juan de Herrera., 2012. p. 31 - 58. Disponível em: <<http://www.sedpgym.es/index.php/publicaciones/red-reuse/80-i-simposio-red-reuse-y-seminario-internacional-de-reconversion-de-territorios-belo-horizonte-2012>>. Acesso em: 03 maio 2017.

CHAGAS, Mario. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. **Cadernos de Sociomuseologia** v. 13 (1999): Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/723>. Acesso em 03 já. 2018.

CHAGAS, Mario; MEMÓRIA E PODER: DOIS MOVIMENTOS. **Cadernos de Sociomuseologia**, [S.l.], v. 19, n. 19, jun. 2009. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/36>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

CHAGAS, Mario; ASSUNÇÃO, Paula; GLASS, Tamara. Museologia social em movimento. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 27, p.430-436, 2014. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/issue/view/168>>. Acesso em: 02 mar. 2018.

CRUZ, Rita de C. A. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. **Geosul** (Revista do Departamento de Geociências), Santa Catarina: Editora da UFSC, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Org.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Armand Colin, 2013. 101 p. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2018

DOSSIÊ de tombamento Casa Cultura Carmita Passos. **Setor de Patrimônio, Prefeitura Municipal de Brumadinho**, 2011, p. 4-12.

DONAIRE, José Antonio. La reconstrucción de los espacios turísticos la geografía del turismo despues del fordismo. **Revista Sociedade e Território**, Universitat de Girona, n° 28, 1998.

ESPIG, Márcia Janet. O conceito de imaginário: reflexões acerca de sua utilização pela História. **Canoas**, n° 9, p. 49-59, Junho, 2004.

FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto. **Análise da capacidade do turismo no desenvolvimento econômico regional: o caso de Inhotim e Brumadinho**. Tese de doutorado, Faculdade de Economia, Universidade de Alicante, e Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AMSA-8WTK9U> Acesso em: julho. 2016.

FARIA, Diomira Maria Cicci Pinto. El cambio cultural y los museos: reflexiones a partir del Instituto Inhotim de Arte Contemporáneo. **Revista Investigaciones Turísticas**, Nº 11, enero - junio 2016, 143 -164. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/56222/1/Investigaciones_Turísticas_11_07.pdf Acesso em: julho / 2016.

FERNANDES DE SOUZA, Welbert. **INHOTIM DE PAISAGEM A PAISAGEM CULTURAL: resistências e rupturas em Brumadinho/MG. 40 Colóquio Ibero-americano paisagem cultural, patrimônio e projeto**, Belo Horizonte, 2016.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Quadrilátero Ferrífero"; Brasil Escola. Disponível em <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/quadrilatero-ferrifero.htm>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. SOCIOMUSEOLOGIA. UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO MUSEUS E SOCIEDADE. **Expressa Extensão**, Pelotas, v. 19, n. 2, p.44-53, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4950/3701>. Acesso em: 05 set. 2017.

GASTAL, Susana; CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Turismo na pós-modernidade: (des)inquietações**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Pucrs, 2003.

GOMES, João de Lima. Apresentação: um peixe na árvore. In: OLIVEIRA, Valdir de Castro. **Réquiem pelo Inhotim**. São Paulo: All Print, 2010. p. 13-19.

GEMIN, Deborah Alice Bruel. O PROBLEMA DOS "NOVOS MUSEUS", E NOSSO. **Art&sensorium** –: Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais da Unespar/Embap, Curitiba, v. 1, p.30-43, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/viewFile/246/268>. Acesso em: 05 jan. 2018.

HARVEY, D. 1996. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In: **Seminário Internacional sobre Múltiplas Territorialidades**, 2004. Documento de travail a partir d'une version révisée d'une communication présentée au 1º Seminário Nacional sobre múltiplas territorialidades. Porto Alegre: UFRGS, 23 set. 2004

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Paris, 1968. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Editora **Revista dos Tribunais** LTDA. São Paulo, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. ESCAPANDO DA AMNÉSIA: O museu como cultura de massa. **Revista do IPHAN**, Brasília, v. 23, p.35-57, 1994. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8370>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

INSITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICAS – IBGE- dados dos setores censitários do município de Brumadinho. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=310900>> Acesso em 05 de julho de 2016.

INSTITUTO, Inhotim. **Cultural Park Inhotim**. Brumadinho, MG : Instituto Inhotim, [200-]a. 40 p.

INSTITUTO Inhotim. **Relatório de ações educativas e sociais**. Brumadinho, MG: Instituto Inhotim, 2011 a

INSTITUTO, Inhotim. **Diretoria de Inclusão e Cidadania: relatório anual da diretoria de inclusão e cidadania**. Brumadinho, MG: Instituto Inhotim, 2010a

INSTITUTO, Inhotim. **Arte contemporânea**. 2018. Disponível em: <<http://www.inhotim.org.br/inhotim/arte-contemporanea/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

JARDIM, E. JARDIM, M. **História e riquezas do município de Brumadinho**. **Brumadinho**: Prefeitura Municipal, 1982.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p.19-40, 2016. Disponível em: <[https://unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Memória Social e Bens Culturais/Seleção 2018-1/Gondar_Cinco_proposições.pdf](https://unilasalle.edu.br/public/media/4/files/Memória%20Social%20e%20Bens%20Culturais/Seleção%202018-1/Gondar_Cinco_proposições.pdf)>. Acesso em: 20 dez. 2017.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1992

LIMA, Evelyn Furquim Werneck. Configurações urbanas cenográficas e o fenômeno da “gentrificação”. **Vitruvius**, São Pauli, v. 4, p.1-8, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.046/601>>. Acesso em: 07 fev. 2017

MENEZES, Anna Thereza do Valle Bezerra de. **Arte contemporânea no museu**: um estudo de caso do Instituto Inhotim. 2012. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio Linha 01 – Museu e Museologia, Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio e Museu de Astronomia e Ciências Afins – Mast/mct., Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Cap. 3.

MENESES, José Newton Coelho. **História e turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5a ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MEIRA, Marcel Ronaldo Morelli de. Os novos museus e a estética na contemporaneidade. In: **ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE - UNICAMP**, 6., 2010, Campinas. **Anais**. Campinas: N/a, 2010. p. 287 - 292.

NASCIMENTO JUNIOR, José do, TRAMPE, Alan, SANTOS, Paula Assunção dos. Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos en el mundo contemporáneo: **Mesa Redonda de Santiago de Chile**, 1972, Brasília: Ibram/ MinC; Programa Ibermuseos, 2012. v.1 ; 235 p. ; 31 cm.

MOUTINHO, Mário. SOBRE O CONCEITO DE MUSEOLOGIA SOCIAL. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 1, p.7-9, 1991. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/issue/view/18>>. Acesso em: 02 ago. 2017.

MUSEUS, Instituto Brasileiro de. **Os museus**. 2018. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

NASCIMENTO JUNIOR, José do. Museus como agente de mudança social e desenvolvimento. **Musas**: número 4 • 2009 Instituto Brasileiro de Museus Revista Brasileira de Museus e Museologia, Rio de Janeiro, v. 4, p.148-162, 2009. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.

NORA, Pierre. Les Lieux de mémoire. La republique. Paris, **Galimard**, 1984. Traduzido por Yara Aun Khoury. Departamento de história. PUC. São Paulo, 1993. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>>

OLIVEIRA, Valdir de Castro. Mídias locais, memória e comunidade: Um estudo sobre as mídias locais e sua cobertura sobre a história e o desvanecimento da comunidade do Inhotim (MG). **2ª Jornada Científica Internacional da Rede Rede Franco-Brasileira de Pesquisadores em Mediações e Usos Sociais de Saberes e Informação (Mussi)**, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. **Réquiem para o Inhotim**. São Paulo: All Print Editora, 2010.

OLIVEIRA, Edgard Leite. Trabalhadores Metalúrgicos de Contagem da Década de 1960: Um Encontro Com o Passado. In SILVA, Lucas Eustáquio Paiva. SILVA, Ulisses Manoel. **Introdução a pesquisa: uma contribuição pela metodologia**. Novas Edições Acadêmicas, Belo Horizonte, 2015.

PANOSSO NETO. Alexandre, CASTILLO NECHAR, Marcelino. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo (8), pp. 120-144, jan. /mar. 2014

PARCEIROS mostram diferentes olhares sobre o Rio Paraopeba na Grande BH. **Globo Minas**, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/parceiro-mg/noticia/2013/09/parceiros-mostram-diferentes-olhares-sobre-o-rio-paraopeba-na-grande-bh.html>> Acesso em: 03 de novembro de 2017.

RENA, Natacha; BERQUÓ, Paula; CHAGAS, Fernanda. Biopolíticas espaciais gentrificadoras e as resistências estéticas biopotentes. **Lugar Comun**, São Paulo, p.71-88, 2014. Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files_mf/111404140911Biopolíticas espaciais gentrificadoras e as resistências estéticas biopotentes - Natacha Rena e Paula Berquó e Fernanda Chagas.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/111404140911Biopolíticas_espaciais_gentrificadoras_e_as_resistências_estéticas_biopotentes_-_Natacha_Rena_e_Paula_Berquó_e_Fernanda_Chagas.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018

SENA, Roseni R.; LOPES, Rosalba; OLIVEIRA, Juliana G. Desenvolvendo um território com inclusão e cidadania. **Inclusão Social**, Brasília, p.91-102, 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/download/1659/1865>> Acesso em 03 mar. 2018.

QUEROL, Lorena Sancho; SANCHO, Emanuel Sancho. Sujeitos do património: os novos horizontes da museologia social, **e-cadernos ces**, São Brás de Alportel P. 89-112, 2014. Disponível em: <<http://eces.revues.org/1780>> Acesso em 12 mar. 2018.

SANTOS, M. et al. 2000. O papel ativo da Geografia: um manifesto. Florianópolis: XII Encontro Nacional de Geógrafos

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Os museus brasileiros e a constituição do imaginário nacional. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 15, n. 2, p. 271-302, jun./dez. 2000.
Schneider, C. S. (2015). Pensando as políticas de preservação do patrimônio a partir do conceito de lugar. 1o. Colóquio Internacional de História Cultural da Cidade Sandra Jatahy Pesavento (pp. 255-269). Porto Alegre: PROPUR - UFRGS.

SILVA, Lucas Eustáquio Paiva. SILVA, Ulisses Manoel. Etnografia e Historia Oral: diálogos e apontamentos metodológicos. SILVA, Lucas Eustáquio Paiva. SILVA, Ulisses Manoel. **Introdução a pesquisa: uma contribuição pela metodologia** (2006, p. 15 Apud Oliveira, 2015) Novas Edições Acadêmicas, Belo Horizonte, 2015.

TOMBAMENTO para a fazenda Boa Vista. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 de Ago. 1976,.Turismo, p. 5.

VASCONCELLOS, Salomão. **Bandeirismo**. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944.

VENEGAS, Hernán Maximiliano Delgado. VENEGAS MARCELO, Hernán. Indígenas, bandeirantes y fronteras coloniais ibéricas em América. **Projeto História**, São Paulo, v.59, pp.137-169, Abri.- Jul. 2017.

VENEGAS MARCELO, Hernán. **Patrimônio cultural e turismo no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty**, 2011. 223f. Tese (doutorado) - Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2011.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. São Paulo: Contexto, 2001.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro volume 8, nº2 (2008). Disponível em: <http://www.feg.unesp.br/~delamaro/para_leitura_bolsistas_2010/turismo_situado.pdf> Acesso em: julho/2016

ANEXOS

Anexo 1: Ata de reunião da diretoria da Associação Comunitária do Inhotim

Aos 06 (seis) dias do mês de novembro de 2004, sábado, às 20h (vinte horas) reuniram-se na Capela Santo Antônio os moradores do Inhotim para discutir seguintes assuntos: (a) **Participação da comunidade na organização da festa de São Benedito** a ser realizada no dia 28 de novembro pelo Caci; (b) discutir a eleição de nova diretoria para Associação Comunitária do Inhotim tendo em vista que o mandato da diretoria anterior venceu em fevereiro desse ano sem que tenha sido convocada a eleição. Os moradores presentes indicaram a mim, Valdir de Castro Oliveira, e a Lúcio Arruda, para coordenar a reunião e registrar as discussões e as decisões ali tomadas, o que o que foi aceito por todos. Em seguida foi iniciada a discussão dos assuntos em pauta. **Foi explicada a parceria da comunidade com o Caci para a organização da Festa de São Benedito no dia 28 de novembro** e os resultados da conversa mantida entre o jornalista Valdir de Castro Oliveira e o empresário Bernardo Paz a este respeito. **Alguns moradores reclamaram da destruição do campo de futebol local, que servia como espaço de lazer para os jovens da comunidade, em função da construção da nova estrada Souza/Noschesi/Inhotim/Brumadinho.** Além de não ter sido construída nova área de lazer, eles reclamaram ainda de que esse assunto não foi discutido com a comunidade e tampouco de que maneira este espaço será substituído por outro. **Também alguns moradores queixaram-se de que quando houve a inauguração do Caci, no dia 27 de setembro de 2004, vários residentes da comunidade foram impedidos de transitar livremente nos seus locais públicos e alguns ainda sofreram a humilhação de serem revistados pelos guardas de segurança. Questionaram também o fato de que o Salão São Vicente de Paulo foi derrubado sem prévia consulta à comunidade e igualmente as mudanças na Capela Santo Antônio.** O administrador do Caci, Maurício, e Lúcio, também funcionário do Caci, explicaram rapidamente o que se pretende fazer na igreja e a respeito de um futuro clube de lazer a ser instalado na comunidade. Os presentes quiseram saber quem teria acesso ou não a esse clube e as razões porque as decisões estão sendo tomadas à revelia da comunidade. Foi respondido que devido ao volume de atividades sempre há falhas mas que, aos poucos, elas podem ser sanadas se houver diálogo entre as partes. Em seguida, foram acertados detalhes da Festa de São Benedito no dia 28 de novembro ficando decidido o seguinte: as guardas de Congado e

Moçambique irão buscar o andor da festa no Caci e seguirá depois para a Capela Santo Antônio acompanhada dos artistas hospedados no 165 Caci; o número de guardas deverá ser de cinco a sete; a festa terá início às 11h, com almoço às 13h e missa às 17h; foi discutido e autorizado a presença de um grupo de capoeira na festa coordenado por Lúcio Arruda; será servido às guardas e aos convidados o almoço, água e refrigerante, gratuitamente, sendo que a venda de bebida será feita por uma comissão a ser designada e o lucro auferido revertido para obras de interesse público da comunidade ou diretamente para a Sociedade São Vicente de Paulo; no local será instalada tendas para servir de local de descanso e almoço dos convidados; foi levantada a possibilidade de instalar no local banheiros móveis no dia da festa, tendo em vista que os existentes não são capazes de

atender simultaneamente a um grande número de pessoas; b) **Associação Comunitária do Inhotim**: acertados os detalhes da festa, os presentes passaram a discutir a situação da Associação Comunitária do Inhotim, constatando que o mandato da última diretoria encerrou-se em fevereiro desse ano e que não houve convocação de novas eleições e, sendo assim, passaram a discutir as seguintes questões: tendo em vista as rápidas transformações pela qual vem passando a comunidade e a necessidade de se estabelecer interlocutores formais entre os órgãos públicos, entidades privadas e, principalmente o Caci, os presentes decidiram que a eleição da nova diretoria não poderia esperar mais tempo e, mediante convocação, deveria ser feita, na próxima semana, sábado, dia 13 de novembro, às 19h30, a eleição para a nova diretoria ficando todos os moradores da comunidade convidados a constituir chapas ou apresentar nomes como candidatos nessa data. Os cargos eletivos da Associação a serem preenchidos são os seguintes: Presidente e vice-presidente; primeiro e segundo secretários; primeiro e segundo tesoureiros; três membros para o Conselho Fiscal e três ou mais membros para o Conselho Deliberativo. Nada mais havendo a tratar, eu, Valdir de Castro Oliveira, lavrei a presente ata que depois de lida e aprovada será por mim assinada e pelos demais presentes. Inhotim, 06 de novembro de 2004.

CONVOCAÇÃO

Considerando que o mandato da última diretoria da associação comunitária do Inhotim expirou-se em fevereiro de 2004 e que até o presente momento não foi convocada nova eleição; considerando as rápidas transformações pela qual vem passando a comunidade e a necessidade de se estabelecer formalmente interlocutores para dialogar com os órgãos públicos e privados, especialmente o Caci, para a tomada de decisões de interesse mútuo, os moradores do inhotim, 166 reunidos na Capela Santo Antônio, no dia 06 de novembro de 2004, resolveram convocar eleição para constituir uma nova diretoria da Associação Comunitária do inhotim a ser realizada no dia 13 de novembro, sábado, na mesma capela, às 19h30. Em virtude dessa decisão, ficam todos os moradores e amigos do Inhotim convocados para até essa data constituir e apresentar chapas ou indicar nomes para concorrer aos seguintes cargos:

- Presidente e vice-presidente;
- Primeiro e segundo secretários;
- Primeiro e segundo tesoureiros;
- Três membros para o Conselho Fiscal;
- Três ou mais membros para o Conselho Deliberativo.

Inhotim, 06 de novembro de 2004

Comissão designada pelos moradores para eleição da nova diretoria da Associação Comunitária do Inhotim

Fonte: MENEZES, 2012.

Anexo 2: Relação de bens protegidos em Brumadinho

QUADRO 02: Relação de bens protegidos em Brumadinho- mg apresentados ao ICMS Patrimônio cultural até o ano de 2013- exercício 2014

RELAÇÃO DE BENS PROTEGIDOS EM BRUMADINHO- MG APRESENTADOS AO ICMS PATRIMONIO CULTURAL ATÉ O ANO DE 2013- EXERCÍCIO 2014							
Nº	BEM CULTURAL TOMBADO	NÍVEL DE PROTEÇÃO			EXERCÍCIO DE APRESENTAÇÃO	CATEGORIA	EXERCÍCIO DE APROVAÇÃO
		F	E	M			
586	Casa de Cultura Carmita Passos			X	2011/ 2013/2014	BI	
587	Conjunto Histórico e Paisagístico da Serra da Calçada (Ver Nova Lima		X			CP	
588	Estação Ferroviária de Brumadinho			X	2005	BI	
589	Estação Ferroviária de Marinhos			X	2005	BI	
590	Fazenda Gorduras			X	2005/2006	BI	2006
591	Forte de Brumadinho (Ruínas)			X	2011/2013/2014	BI	
592	Igreja N. Sra. Da Piedade			X	2012/2013/2014	BI	
593	Sede da Fazenda dos Martins		X			BI	

Fonte: DIRETORIA DE PROMOÇÃO DO IEPHA/MG - Gerência de Cooperação Municipal. Disponível em: GAZZINELLI OLIVEIRA, Juliana. Patrimônio, preservação e políticas públicas: O caso da Estação Ferroviária de Marinho. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

Anexo 3 Relatório Mensal de Visitação

DIRETORIA DE OPERAÇÕES
RELATÓRIO MENSAL DE VISITAÇÃO - FEVEREIRO 2018

INHOTIM

1) HISTÓRICO DE VISITAÇÃO MENSAL - 2007 A 2018

HISTÓRICO DE VISITAÇÃO - DIRETORIA DE OPERAÇÕES													
ANO	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO	TOTAL
2006										10.000	10.000	10.000	30.000
*2007	1.776	4.619	6.052	8.888	10.334	15.689	12.968	13.362	15.283	12.342	13.699	8.173	123.185
*2008	8.258	6.496	8.932	11.318	15.934	12.254	13.724	15.311	8.768	7.746	9.267	3.300	121.308
*2009	7.230	11.266	8.222	15.672	15.650	13.060	19.078	14.300	14.746	18.077	16.150	6.658	162.017
*2010	15.203	12.713	7.794	14.275	12.807	13.700	24.006	18.051	20.311	20.459	13.531	10.080	184.355
*2011	13.740	8.782	12.831	22.899	18.881	26.377	31.932	23.862	28.812	21.280	23.820	11.110	244.332
*2012	9.190	19.935	11.482	21.067	19.030	28.920	46.792	25.588	33.902	29.749	25.442	21.940	293.075
*2013	24.526	22.928	17.785	20.336	29.270	27.998	53.605	29.261	28.759	30.982	29.920	16.910	332.280
*2014	35.226	13.684	25.013	31.503	29.615	27.301	39.602	31.081	37.841	30.785	25.183	28.302	356.126
*2015	43.897	18.099	13.722	27.348	24.568	24.541	57.385	23.512	27.365	38.642	25.036	27.300	353.215
*2016	28.802	20.464	17.504	19.730	22.898	20.504	53.835	26.138	20.808	26.174	30.304	25.353	321.724
*2017	41.504	15.472	18.150	26.475	15.629	28.450	63.340	27.041	32.805	31.121	24.745	20.437	345.820
*2018	26.553	8.149											34.702
TOTAL POR MESES	256.036	163.507	147.487	219.511	214.676	239.706	417.917	249.706	278.580	267.357	238.087	179.578	2.902.148

- A visitação de fevereiro de 2018 teve uma queda de 47% em relação ao mesmo período do ano anterior, com **8.149** visitantes.



Fonte: Dados obtidos através do *Histórico de visitação mensal - 2007 A 2018* do Instituto Inhotim, disponibilizado via e-mail, pelo Diretor do Jardim Botânico, Lucas Sigefredo.

Anexo 4: Roteiros “De rolé por Brumadinho”

de Rolé por Brumadinho

 @derole_por_brumadinho
 31 98646-9064
 nat_turismo@hotmail.com

COMBO DE CACHOEIRAS

==

2 CACHOEIRAS EM UM DIA

Feche uma experiência e ganhe por do sol meditativo na montanha!

<p style="text-align: center;">CHURRAS DE PEIXE NA CACHU</p> <p style="font-size: small;">Cachaçinha de entrada + Refeição completa</p> <p style="font-size: small;">Banho de cachoeira pra relaxar</p> <p style="font-size: small;">45 (próprio 🍷) ou 50 (nosso 🍷)</p>	<p style="text-align: center;">SUNSET YOGA P/S INHOTIM</p> <p style="font-size: small;">Yoga meditativo no por do sol com aplicação de reiki</p> <p style="font-size: small;">Visu de 360° de montanhas</p> <p style="font-size: small;">20 (próprio 🍷) ou 25 (nosso 🍷)</p>	<p style="text-align: center;">TREKKING COM PIC NIC ENERGIZANTE</p> <p style="font-size: small;">Trekking pra melhor cachoeira da região</p> <p style="font-size: small;">Atividade física intensa</p> <p style="font-size: small;">50 (próprio 🍷) ou 60 (nosso 🍷)</p>
<p style="text-align: center;">DEGUSTAÇÃO DE CERVEJA ARTESANAL COM POR DO SOL NO TOPO DO MUNDO</p> <p style="font-size: small;">Cervejaria artesanal local + Cachu + O mais lindo Sunset de todos a 1500m!</p> <p style="font-size: small;">60 (próprio 🍷) ou 70 (nosso 🍷)</p>	<p style="text-align: center;">TARDE NO QUILOMBO</p> <p style="font-size: small;">Vivência única de aprendizado com as famílias quilombolas da região</p> <p style="font-size: small;">Inclui toda refeição</p> <p style="font-size: small;">70 (próprio 🍷) ou 80 (nosso 🍷)</p>	<p style="text-align: center;">SE AVENTURE POR MINAS</p> <p style="font-size: small;">Arvorismo (vários níveis) + Supertirolésia + Açai e banho de cachoeira pra fechar com chave de ouro!</p> <p style="font-size: small;">90 (próprio 🍷) ou 100 (nosso 🍷)</p>